

RUI MANUEL NOGUEIRA FERNANDES LOMELINO DE FREITAS

OS MANIFESTOS ROSACRUZES

Orientador: Professor Doutor João de Almeida Santos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2019

RUI MANUEL NOGUEIRA FERNANDES LOMELINO DE FREITAS

OS MANIFESTOS ROSACRUZES

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Com o Despacho Reitoral nº61/2019 com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Professor Doutor José Brissos Lino

Arguente: Professor Doutor Paulo Alexandre Esteves Borges

Orientador: Professor Doutor João de Almeida Santos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2019

Agradecimentos

Tal como o rio cuja força vem dos seus afluentes, esta dissertação é devedora de várias pessoas e instituições a quem quero expressar a minha gratidão.

Em primeiro lugar o meu agradecimento à minha mãe, Maria Manuela Marques Nogueira Fernandes Lomelino de Freitas, pela sua sempre renovada esperança, apoio e incentivo, durante os anos que levou a maturar esta dissertação.

Quero agradecer à Isadora Migliori, pelo seu Amor, força e paciência, pela Rosa colocada como foco e dádiva no meio de dias difíceis: obrigado Isa!.

Ao Professor Carlos Gilly, que amavelmente me recebeu em sua casa numa das tardes mais profícuas e inesquecíveis da minha vida em torno dos meandros da correspondência dos autores dos Manifestos, citando exemplos, corrigindo lacunas, permitindo a formação de uma imagem viva. Foi crucial o seu apoio posterior.

A Eduard Berga, Pedro Víctor-Rodriguez e Francisco Casanueva, da Fundación Rosacruz, pela amizade, informações, pistas e reflexões. A eles devo o despertar da vocação para a Linha de Investigação em que atualmente trabalho.

A Joost Ritman e Esther Ritman, da Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdão, pelo trabalho e exemplo de vida. A Peter Huijs, da Rozekruis Pers, pela preciosa ajuda sobre as tradições espirituais em que se fundamentam os Manifestos.

A Dorotheia Schneider, pelo empenho, amizade e fé, tornando acessível as versões alemãs da *Fama* e de outros textos seminais. À Zulmira do Carmo, Sandra Neves da Silva e Manuela Gomes, pela amizade e apoio à tradução de documentos.

A minha gratidão a Fabrizio Boscaglia, pelo precioso e indispensável contributo generoso, pelos seus conselhos decisivos, análise crítica e apoio metodológico e científico. E pelo ânimo fraterno e força de esperança fundamentais.

Ao meu orientador, Professor Doutor João de Almeida Santos, pela valiosa disponibilidade, pelo estímulo à reformulação e expressão filosófica mais profunda.

Ao Paulo Mendes Pinto, Coordenador da Área de Ciência das Religiões, de quem veio o desafio a realizar este Mestrado e com cujo apoio foi possível concluí-lo. E neste contexto, o reconhecido agradecimento ao Professor Manuel de Almeida Damásio pelo apoio no desenvolvimento das parcerias necessárias para a consolidação da linha de investigação em Gnose e Esoterismo Ocidental.

A todos a minha gratidão e o desejo sincero de que o bem seja recompensado!

Resumo

A presente dissertação visa enquadrar, apresentar e analisar criticamente os Manifestos Rosacruz do século XVII. Fama Fraternitatis, Confessio Fraternitatis e Die Chymische Hochzeit - ou Casamento Alquímico -, são três obras referenciais e seminais que foram valorizadas ao longo de quatro séculos, podendo ser consideradas como uma herança cultural e espiritual da humanidade.

O objetivo desta dissertação é fornecer uma base para uma edição crítica dos Manifestos. Além disso, com essa idéia em mente, é o objetivo desta dissertação, descrever o contexto histórico da primeira edição dos Manifestos e esclarecer alguns enigmas históricos. Queremos nesta dissertação ter uma percepção de sua influência na sociedade, no pensamento filosófico, nas artes, nas ciências, mas também nas escolas Rosacruz, Maçônicas, Teosóficas ou Antroposóficas.

Vamos tentar aqui também entender as fontes que deram origem ao pensamento Rosacruz. Mas acima de tudo, queremos entender a proposta rosacruziana do século XVII, em perspectiva com o pensamento contemporâneo.

Palavras-chave: Manifestos Rosacruz; Rosacruzianismo; Esoterismo; Ciência das Religiões

Abstract

The present dissertation aims to frame, present and analyse critically the Rosicrucian Manifestos of the 17th century. *Fama Fraternitatis*, *Confessio Fraternitatis* and *Die Chymische Hochzeit* – or *Alchemical Marriage* –, are three referential and seminal works which, by the way they have been valued over four centuries, can be considered as a cultural and a spiritual heritage of humanity.

This dissertation's goal is to provide a basis for a critical edition of the Manifestos. Furthermore, with this idea in mind, it is the purpose of this dissertation, to describe the historical context of the first edition of the Manifestos and to clarify some historical puzzles. We want in this dissertation to have a perception of their influence in society, in philosophical thought, in the arts, in the sciences, but also in later Rosicrucian, Masonic, Theosophical, or Anthroposophical schools.

We will try here also to understand the sources that gave rise to the Rosicrucian thought. But above all, we want to understand the Rosicrucian proposal of the 17th century, in perspective with contemporary thinking.

Key Words: Rosicrucian Manifestos; Rosicrucianism; Esotericism; Science of Religions.

ÍNDICE

Introdução.....	7
Enquadramento epistemológico	9
O que é Esoterismo	12
Perspetivas metodológicas	14
Estrutura e Organização	17
1. Os 400 anos de Tradição Rosacruz.....	20
2. Os Manifestos Rosacruz: Importância Histórica e Filosófica	25
2.1. Alguns elementos para a compreensão do âmbito da Reforma dos Rosacruz	31
3. <i>Ad Fontes</i> . Os afluentes filosóficos, religiosos e literários que convergiram nos Manifestos	33
3.1. A Gnose Cristã	33
3.2. O Hermetismo	36
3.3. A herança mística e filosófica islâmica.....	38
3.4. Paracelso	40
4. O Projeto dos Manifestos e o contexto histórico antes da publicação.....	43
5. Tobias Hess: O Rosacruz Inspirador dos Manifestos.....	50
6. Quem escreveu os Manifestos Rosacruz?	56
7. Introdução à <i>Fama Fraternitatis Rosae Crucis</i>	61
7.1. A edição da <i>Fama</i> em português	63
7.2. O conteúdo da <i>Fama</i>	64
8. Introdução à <i>Confessio Fraternitatis</i>	68
9. Introdução às Núpcias Alquímicas	71
9.1. Os conteúdos das Núpcias	73
Conclusões	75
Glossário.....	84
Bibliografia:	98
Anexo	I

Introdução

O objetivo desta dissertação é o de enquadrar, apresentar e analisar criticamente três obras referenciais e seminais que, pela sua repercussão, podem com propriedade ser consideradas herança e património cultural e espiritual da humanidade. Designamos essas obras separadamente como *Fama Fraternitatis*, *Confessio Fraternitatis* e *Die Chymische Hochzeit Christiani Rosencreutz* ou *Núpcias Alquímicas*, e, de um modo genérico, no seu conjunto, como *Manifestos Rosacruz* - termo frequentemente usado que expressa o seu carácter de declaração pública de princípios e intenções. Foram publicadas respetivamente em 1614, 1615 e 1616.

A importância do seu conteúdo, que justifica esta dissertação, pode ser avaliada – mais do que pela sua assinalável repercussão histórica –, pela valorização filosófica, literária, simbólica e espiritual, que tem sido feita ao longo de quatro séculos de tradição viva.

A importância histórica, traduz-se no impacto que tiveram, na sua época e nos 400 anos subsequentes. Procuraremos neste trabalho elencar exemplos da sua influência no pensamento, nas artes, na filosofia, na psicologia, nas ciências, mas também nas escolas de pensamento que foram sendo criadas, de denominação rosacruz, maçónicas, teosóficas ou antroposóficas, que tenham bebido da mesma fonte, do mesmo impulso, mesmo que desenvolvendo aspetos e formas distintas.

Do ponto de vista filosófico e da História das Ideias, queremos analisar e compreender a proposta, o repto – sempre inerente a qualquer ‘manifesto’ – que os autores procuraram lançar aos seus contemporâneos, aos “estudiosos, eruditos e governantes da Europa”¹, num plano epistemológico. Procuraremos também destrinçar não somente de que grandes correntes de pensamento filosóficas e sapienciais são os manifestos devedores, mas também em que sentido, que ensinamentos aí são expressos ou referidos. Queremos analisar criticamente também a importância, se a teve, quer de paradigma de uma época, quer de impulso seminal para correntes de ideação, posteriores.

¹ Na primeira linha do primeiro parágrafo de *Fama Fraternitatis*.

Os temas e a estrutura desta dissertação, foram pensados para constituírem uma base para uma posterior edição crítica dos Manifestos. Este trabalho nasce do impulso de divulgação científica para comunicar – na aceção etimológica de ‘colocar em comum’ – ao grande público, os conteúdos, o contexto, a compreensão até onde for possível desta Trilogia Rosacruz. Por conseguinte necessitaremos de um método e de desenvolver um enquadramento mínimo da História que nos permita, por um lado, a percepção do *zeitgeist* do início do século XVII, e por outro, de saber, de deslindar alguns factos diretamente inerentes ao contexto da sua edição. Afinal de contas, quem são os autores dos manifestos rosacruz? Essa misteriosa ‘Ordem’ existia à data da publicação? Como é que surge uma resposta ao repto dos rosacruz ainda em data anterior à sua publicação? O que justifica que a primeira edição do primeiro manifesto, a *Fama Fraternitatis*, e todas as traduções subsequentes, sejam a de uma versão incompleta? Pelo caminho colocaremos algumas outras questões. Destas, algumas, tentaremos responder e outras deixaremos o contributo do nosso questionamento.

Um dos textos da *Fama Fraternitatis* em que nos baseámos, é a versão mais completa alguma vez publicada, reconstituída a partir de quatro manuscritos por Carlos Gilly e editada pela primeira vez em alemão só em 1998. Uma versão original, portanto, da qual foi feita um primeiro esboço em português pela tradutora alemã, Dorotheia Schneider, depois adaptado por nós para língua portuguesa fluída e trabalhado na fixação e estabelecimento dos termos e expressões. Para isso consultámos outras traduções. No caso das versões da *Confessio* e das *Chymische Hochzeit*, procurámos ter como referencial as mais reputadas traduções para inglês, entre as quais destacamos as de Joscelyn Godwin, e de Donate Pahnke McIntosh (2016). Além das fontes diretas e indiretas, constantes na Bibliografia, foram preciosas as indicações dadas diretamente pelo Prof. Carlos Gilly, a quem consultámos pessoalmente, esclareceu-nos e traduziu pessoalmente excertos de trabalhos seus, nomeadamente do catálogo *Cimelia Rhodostaurotica*, que citamos algumas vezes.

Relativamente aos objetivos a que nos propusemos – de análise histórica e filosófica para enquadramento da tradução dos Manifestos, os

meandros históricos da produção dos Manifestos e do seu contexto têm como referencial para todos os investigadores, o prodigioso trabalho de Carlos Gilly, em particular o seu comentário à Fama, e a sua publicação, *Cimelia Rhodostaurotica* (1995). Do ponto de vista filosófico, encontramos algumas propostas de análise em Frans Smit² (2001).

Enquadramento epistemológico

Inscrito na área temática da Ciência das Religiões³, e no contexto científico da História das Ideias⁴, este trabalho seguirá o método e definições do enquadramento epistemológico inerente ao campo designado por Esoterismo Ocidental. O termo, consagrado em inglês *Western Esotericism*, Esoterismo Ocidental, designa hoje um campo de pesquisa, essencialmente histórico, filosófico e do fenómeno religioso, cujos objetos e método estão academicamente delimitados e definidos.

Durante séculos, este foi um campo de confronto entre apologistas e detratores, onde as ortodoxias emergentes definiam os seus traços identitários por oposição à *haeresis* rejeitada. Chegam a nós testemunhos de uma crítica violenta deste tipo, por parte da comunidade auto-denominada ortodoxa⁵ dos primeiros séculos do cristianismo, protagonizada por personalidades fortes como Irineu de Lyon (ca. 130 - ca. 202) ou Tertuliano (ca. 160 – ca. 220), em relação às comunidades gnósticas⁶ do seu tempo. Mas é muitos anos mais

² Esta obra de Frans Smit, *De Roep van Het Rozenkruis vier Eeuwe Levende Traditie*, editada originalmente na Holanda pela Biblioteca Real holandesa em colaboração com a editora especializada Rozekruis Pers, lêmo-la na edição espanhola do mesmo ano, *La LLamada de la Rosacruz – Cuatro Siglos de Tradición Viva* (2001).

³ Ver sobre o caráter não confessional e definições em: Pinto, P. M. *Ciência das Religiões: Elementos para definição de uma área de conhecimento*. Acedido em 3 de novembro de 2017, em https://www.academia.edu/302531/Ciência_das_Religiões_Elementos_para_definição_de_uma_área_de_conhecimento.

⁴ Cfr Ricardo Oliveira da Silva (2015), na sua reflexão epistemológica sobre a História das Ideias.

⁵ Etimologicamente de *orto* e *doxa*. Literalmente, ‘a opinião correta’. Nos primeiros séculos do cristianismo, a nascente comunidade que viria a considerar-se como *catholica*, no sentido de ‘geral’, para todos, autodesignava-se como a ortodoxa, por oposição às comunidades que estariam no ‘erro’.

⁶ Gnóstico, de ‘gnose’, *gnosis*, o termo grego utilizado para designar um conhecimento direto, de experiência própria, diferente de *episteme*, conhecimento metodológico, teórico. Uma parte considerável dos cristianismos iniciais possuía o conceito de ‘gnose’ como eixo central, considerando a experiência do Espírito e da ‘cristificação’ – tornar-se um Cristo – como chave do processo soteriológico. Seria, portanto, a *gnosis*, e não somente a *pistis*, que permitiria a “salvação”. Ver sobre isso na introdução crítica de Antonio Piñero da *Biblioteca de Nag*

tarde, na Contemporânea Era da Razão, que temas como alquimia, magia ou astrologia passaram a ser considerados como expressões residuais e primitivas de uma irracionalidade sombria que as luzes alegavam ter o papel de dissipar, em defesa da maturidade de um ser-humano que se pretendia esclarecido. Esta nova visão levou a que o Esoterismo Ocidental ficasse remetido a uma “quarentena epistemológica” (Mateus, 2013). O modelo kantiano, com a sua impossibilidade de conhecimento da ‘coisa em si’, organizou razão e fé em departamentos separados e remeteu o sentido moral para o “imperativo categórico”, não deixando espaço para a gnose e para a mística enquanto formas de cognoscibilidade.

Mas no século XX, ainda antes da Segunda Guerra Mundial, o esoterismo regressa à academia enquanto campo essencialmente da História das Ideias, a partir de importantes descobertas acerca da herança do Hermetismo e Neoplatonismo para a cultura ocidental. Autores como Mircea Eliade (1907-1986), Henry Corbin (1903-1978) ou Frances Yates (1899-1981), ficarão conhecidos pelos contributos determinantes para um processo que culmina numa estabilização e delimitação de conceitos. Neste contexto, foi fundamental, nos anos Trinta, em Londres, o desenvolvimento de um importante centro de investigação – o Warburg Institute – inicialmente composto por historiadores, refugiados de Hamburgo, na Alemanha. Nele, além de Frances Yates, surgem nomes como o de Ernst Cassirer, Edgar Wind, e D. P. Walker, com diversos e valiosos contributos para que viesse a ser possível um conhecimento mais aprofundado do papel histórico que determinadas correntes esotéricas tiveram no desenvolvimento da cultura ocidental. Uma das teses seminais neste processo de abertura do debate académico, encontramos-a no livro de Frances Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition* (1964). Nesta obra, a autora coloca a redescoberta da tradição Hermética no Renascimento como sendo um dos acontecimentos mais centrais e importantes para a emergência da Modernidade, contribuindo assim para que a ‘Tradição Hermética’ se tornasse um tema de interesse académico. A autora defendeu também que a filosofia hermética e, em particular, o ‘Movimento

Hammadi e, como fonte direta, entre outras, o texto do *Evangelho da Verdade*, atribuído a Filipe, ou o *Evangelho de Tomé*.

Rosacruz', criaram condições para que se desse mais tarde a Revolução Científica.

O Esoterismo entra pela primeira vez no currículo oficial de uma universidade somente em 1965 com a disciplina *História do Esoterismo Cristão*, na área de Estudos Religiosos da École Pratique des Hautes Études da Universidade da Sorbonne, em Paris, sendo o primeiro diretor da cadeira François Secret (1911-2003), cujo percurso académico o levou a uma especialização em Cabala Cristã. Em 1979 a cadeira passaria a ser dirigida por Antoine Faivre⁷, atual diretor da edição científica *Cahiers del Hermétisme*, passando a designar-se por “História das Correntes Esotéricas e Místicas na Europa Moderna e Contemporânea”. Antoine Faivre será o primeiro a definir Esoterismo Ocidental como campo de estudo, dando assim um importante impulso à investigação neste campo, especialmente da Filosofia hermética. Esse impulso é o que dará origem, em 1999, ao Centro de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas da Universidade de Amsterdão, que oferece atualmente um programa completo em Esoterismo Ocidental, desde a licenciatura até ao doutoramento, sob a direção de Wouter Hanegraaff. A Universidade de Groningen, na Holanda, criou em 2012 um novo Mestrado, com o título *Conhecimento Escondido: Gnosticismo, Esoterismo e Misticismo*, e a Universidade Rice (Houston, EUA) oferece um programa de Mestrado com o título *Gnosticismo, Esoterismo, Misticismo*. Desde 2014 a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias oferece a cadeira de Esoterismo Ocidental, como disciplina opcional do Mestrado em Ciência das Religiões, em prossecução do lema da Universidade: *Humani Nihil Alienum* – nada do que é humano nos é estranho – seguindo a metodologia desenvolvida na última década pela área de Ciência das Religiões desta Universidade, de abordagem laica, neutra e equidistante, e como referencial o debate epistemológico desenvolvido pela Universidade de Amsterdão.

⁷ Faivre é cofundador da European Society for the Study of Western Esotericism e, com Wouter Hanegraaff e Roland Edighoffer, atual editor da revista *Aries*.

O que é Esoterismo

O substantivo ‘esoterismo’ provém do adjetivo grego *esôterikos*⁸, que significa relativamente ao ‘mais interior’. O termo surge pela primeira vez com Luciano de Samósata (aprox. 120-180 d. C.) na sua obra satírica *O Leilão dos Filósofos*⁹.

Antoine Faivre (1994: 7) define esoterismo como sendo um “padrão de pensamento”. Segundo Faivre, as tradições esotéricas do Ocidente¹⁰ têm a origem em diferentes formas de filosofia helénica, e particularmente no Gnosticismo, no Hermetismo e no Neoplatonismo. Estas correntes e as suas ciências tradicionais (alquimia, magia e astrologia) chegaram à Europa medieval através das culturas Islâmica e Bizantina. A partir da confluência renascentista entre o Neoplatonismo, a Cabala e o Hermetismo, incluindo astrologia, alquimia e magia, Antoine Faivre definiu quatro características intrínsecas¹¹ definidoras do “padrão de pensamento” esotérico.

⁸ Etimologicamente, segundo o investigador António de Macedo [s. d.], o adjetivo *eksôterikos*, -ê, -on (exterior, destinado aos leigos, popular, exotérico) já existia em grego clássico, ao passo que o adjetivo *esôterikos*, -ê, -on (no interior, na intimidade), esotérico surgiu na época helenística sob o Império romano. Diversos autores os utilizaram. (...). Têm a sua origem, respetivamente, em *eisô* ou *esô* (que como preposição significa ‘dentro de’, e como advérbio significa ‘dentro’), e *eksô* (como prep. significa ‘fora de’, como adv. significa ‘fora’). Destas partículas gramaticais (preposição e advérbio) os gregos derivaram comparativos e superlativos, tal como no caso dos adjetivos. Em regra, o sufixo grego para o comparativo é -teros, e para o superlativo é -tatos. Por exemplo, o adjetivo *kouphos*, leve, tem como comparativo *kouphoteros*, “mais leve”, e como superlativo *kouphotatos*, “levíssimo”. Do mesmo modo, do adv./prep. *esô* obtém-se o comp. *esôteros*, ‘mais interior’, e o sup. *esôtatos*, muito interior, interno, íntimo.

⁹ A sátira, composta por volta do ano 166 d. C., descreve um mercado no qual Hermes e Zeus estão a vender vários filósofos. Os deuses anunciam que estão a vender dois discípulos de Aristóteles pelo preço de um, em que “um é visto pelo lado de fora e o outro é visto pelo lado de dentro”. Avisam então os possíveis compradores para o facto de que, caso os adquiram, não se deverão esquecer de dar ao primeiro o nome de “*Eksôterikos*” e ao segundo o de “*Esôterikos*”.

¹⁰ Embora Antoine Faivre não seja integralmente claro quanto ao sentido em que utiliza o termo, iremos considerar, nesta dissertação, a definição de *Ocidente*, no sentido dado pelo historiador Carroll Quigley na sua obra *A Evolução das Civilizações* (p. 84), em <https://archive.org/stream/CarrollQuigley-TheEvolutionOfCivilizations-AnIntroductionTo/CarrollQuigley-TheEvolutionOfCivilizations-AnIntroductionToHistoricalAnalysis1979#page/n0/mode/2up>, consultada a 11 de dezembro de 2017.

¹¹ Além destas quatro características, o autor (Faivre, 1994) considera que por vezes se podem associar duas outras, secundárias. Designadamente: a) a característica da concordância, na qual se procura inteligir um sistema universal que traduza uma realidade essencial e comum a todas as tradições espirituais (como sucede no Perenialismo e na Prisca Theologia); b) transmissão, na qual um conhecimento especial é adquirido através de um processo de

1. Sistema de Correspondências: todas as partes do Universo, visíveis ou invisíveis, estão interligadas através de uma série de correspondências ou analogias¹².

2. Noção ou experiência de Natureza Viva¹³: o cosmos é percebido como entidade animada por uma *alma*, uma *anima mundi*, complexa, plural e hierarquizada. O mago é aquele que conhece as simpatias ou antipatias que interligam entre si todas as coisas naturais e a forma de as operar e manipular.

3. Noção ou experiência de Visão, ou Imaginação¹⁴, Interior. A necessidade de posse de um “órgão da alma” a partir do qual é possível ‘ver’ e estabelecer uma relação cognitiva e visionária, com as realidades intermediárias espirituais que ligam o micro ao macrocosmo¹⁵.

4. Transmutação¹⁶: experiência transformadora que têm como ponto de partida uma intuição espiritual sobre a natureza essencial do cosmo e do ser humano. As descrições comuns de processo iniciático ou transmutação em sistemas como o da alquimia, apontam para essa experiência de transformação do praticante.

5. Arthur Versluis, Professor na Universidade Michigan State e editor da revista académica online *Esoterica*, na sua obra *What is Esoteric? Methods in the Study of Western Esotericism* (2002), acrescenta aquilo que considera outra característica fundamental: A Gnose¹⁷.

transmissão de mestre a discípulo, segundo mecanismos muito precisos. Estas condições tornam-se particularmente importantes na génese e no desenvolvimento de sociedades secretas no Ocidente.

¹² Poderíamos ilustrar através de dois tipos de correspondências: a) na Natureza (visível e invisível), e.g. Astrologia; b) entre a Natureza e a História, e.g. Cabala.

¹³ Encontramos esta visão do mundo na obra de Paracelso (1493-1541) e, mais recentemente, na chamada Filosofia da Natureza, Naturphilosophie – uma corrente do idealismo alemão do século XIX, ligada ao Romantismo. Inspirada na *Crítica da Faculdade do Juízo*, de Kant, e na obra de Fichte. Teve Friedrich Schelling como seu principal promotor.

¹⁴ Segundo Henry Corbin, a imaginação representa uma dimensão autónoma de intermediários (*mundus imaginalis*), onde as visões, as aparições, os anjos e as hierarquias ocorrem independentemente de um sujeito que as perceba. Vide Corbin, *Creative imagination in the Sufism of ibn 'Arabi* (p. 4).

¹⁵ Esta experiência da visão, ou clarividência em detrimento da fé, é precursora de uma filosofia visionária, observável em autores como Paracelso, Jacob Boehme (1575-1624), Emanuel Swedenborg (1688-1772) ou Rudolf Steiner (1861- 1925).

¹⁶ Ver a secção do Glossário, onde se desenvolve o conceito.

¹⁷ Versluis defende que a gnose não pode ser excluída da definição de esoterismo, porque ela mesma representa o processo através do qual o esoterista acede ao conhecimento superior e escondido acerca do cosmos e da sua transcendência. O conhecimento, enquanto gnose, não

De acordo com Versluis, ao estender-se o estudo do esoterismo desde a Antiguidade até aos dias de hoje, constata-se que é a gnose que se mantém central ao longo de todo o período. O autor inclui nesta noção a intuição direta sobre os aspetos escondidos ou esotéricos do cosmos numa perspetiva dual, sujeito-objeto, revelando correspondências entre partes do universo, e, por outro lado, a intuição espiritual sobre a dimensão transcendente do universo, que pode ser entendida como não-dual¹⁸.

Concorrem para esta perspetiva os estudos de Gilles Quispel (1916-2006), académico responsável por estudos aprofundados sobre os textos de Nag Hammadi, que defende na sua reconhecida obra *Gnosis: The Third Component of the European Cultural Tradition* (1980), que a cultura ocidental assentava fundamentalmente em três alicerces: Racionalidade, Fé e Gnose¹⁹.

Perspetivas metodológicas

À medida que os estudos sobre o Esoterismo Ocidental ganhavam maturidade, foram sendo desenvolvidas diferentes perspetivas, que correspondiam a reflexões, abordagens e tratamento da informação, distintas entre si. As perspetivas iniciais apesar de hoje se considerarem parcialmente ultrapassadas, permitiram um trabalho pioneiro. Assim, inicialmente, na perspetiva Tipológica, muito comum nos investigadores da primeira metade do século XX, os termos ‘esoterismo’ ou ‘esotérico’ designam determinados tipos de atividade religiosa, frequentemente relacionadas com a noção de secretismo, ou a uma dimensão dessas atividades inacessível a não ser por uma elite preparada para a receber. Esse conhecimento secreto assume uma função salvífica, reservado a alguns seletos discípulos iniciados. A perspetiva

é o resultado de um exercício racional, mas provém de um acontecimento espiritual. Na sua obra «What is Esotericism?» (2002), refere: “The most important element missing from Faivre’s list of the characteristics of Western esotericism is gnosis”.

¹⁸ Na mesma obra, Versluis debate sobre o entendimento de gnose:

I am using the word gnosis to refer to 1. knowledge or direct perception of hidden or esoteric aspects of the cosmos (cosmological gnosis) as well as to 2. direct spiritual insight into complete transcendence (metaphysical gnosis). Cosmological gnosis still entails a subtle dualism of subject-object, to some extent belongs to the realm of knowledge, and reveals correspondences between subject and object, or between humanity and the natural world. These correspondences may be drawn upon to achieve some aim, as in alchemy, astrology, or magic. Metaphysical gnosis is non-dualistic spiritual insight.

¹⁹ Cfr na mesma linha de ideias, Hanegraaff (2017).

tipológica inclui também o ponto de vista a partir do qual as dimensões externas, portanto exotéricas, de uma religião são vistas numa polaridade oposta aos seus níveis interiores, mais próximos da sua essência, de natureza universal. Alguns autores designam esta perspetiva como perenialista²⁰. Situam-se neste prisma autores como Mircea Eliade ou Henry Corbin. De modo geral, um autor que se situa neste ponto de vista possui alguma identificação intelectual com o seu objeto de estudo e tende a promover a dimensão interior das religiões como sendo mais verdadeira por contraste aos seus aspetos ‘meramente’ superficiais ou exotéricos²¹.

Numa perspetiva tipológica pode considerar-se também um ponto de vista do tipo Religionista. Neste tipo de perspetiva, o olhar do investigador está permeado por noções e ideias pré-concebidas, ou por uma grelha conceptual, formadas a partir de uma matriz cultural religiosa. São exemplos disso classificações que recusam designar como religião correntes religiosas que não pressupõem uma noção teísta de um Deus pessoal. Ou por não considerar religiosas práticas de tradições civilizacionais exógenas, por se focarem em resultados empíricos. Ou ainda, focando-nos no esoterismo, a consideração de ‘verdadeiro’, ou ‘falso’, tendo por base noções veiculadas por uma determinada escola de pensamento esotérico ou de uma específica ‘via iniciática’.

Em forte contraste com as perspetivas tipológicas, a academia foi sedimentando gradualmente a Perspetiva Histórica. Nesta, o conceito ‘esoterismo’ é utilizado como definição geral para determinadas correntes específicas da cultura ocidental que traduzem semelhanças entre si e que se verifica serem historicamente relacionadas. Filosoficamente pode ser considerado um “padrão de pensamento”. De forma a realçar a perspetiva

²⁰ Perenialismo consiste na crença de que existe um princípio universal comum a todas as tradições ou filosofias. o conceito surge originalmente com Agustino Steuco (1497-1548) no seu livro *Perenni Philosophia* (1540) como uma tentativa de harmonizar todas as tradições com os princípios básicos do Cristianismo. A popularização do termo – deixou de estar limitado ao Cristianismo para passar a significar um conceito universal – deu-se através de Aldous Huxley, com o seu livro *The Perennial Philosophy* (1944).

²¹ Henry Corbin é enfático nesta perspetiva quando afirma: “En revanche, pour tous nos ésotéristes, le monde intérieur désigne la réalité spirituelle d’univers suprasensible qui, en tant que réalité spirituelle, est celle qui cerne et enveloppe la réalité du monde extérieur. (...) Sortir de ce que nous appelons communément le monde extérieur est une expérience non pas subjective, mais aussi objective que possible, même s’il est difficile d’en transmettre l’évidence à un esprit qui se veut moderne”. In Corbin, H. (1991). *En Islam Iranien: Aspect Spirituels et Philosophiques* (p. 82). Paris: Gallimard.

histórica, a maior parte dos académicos prefere hoje em dia falar de ‘Esoterismo Ocidental’, reforçando – em detrimento da perspetiva tipológica – a dimensão histórica.

Em relação direta com estas classificações, situam-se as definições lançadas em debate por Wouter Hanegraaf - atualmente o diretor do Centro de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas na Universidade de Amsterdão –, que defende uma metodologia estritamente histórica ou empírica, assinalando a importância de uma abordagem o mais neutra possível por parte do investigador. Hanegraaf salienta assim um tipo de atitude, ou perspetiva *ética*, em oposição a uma atitude, ou perspetiva *émica*. A “atitude émica” (Hanegraaf, 1999: 42-44) considera que os objetos de análise dos campos ‘esotéricos’ só podem ser conhecidos e descritos por quem possui ‘conhecimento de causa’, por quem seja ‘iniciado’ e, portanto, tenha experienciado e possa estudar e descrever a partir de ‘dentro’, que teria como resultado posturas apologéticas, subjetivas, não-científicas. Pelo contrário, para Hanegraaf, a “atitude ética”²² designaria uma postura na qual o investigador não teria qualquer experiência de relação pessoal com os objetos em análise, sob pena de perder a isenção e o rigor. O debate desenvolvido em torno destes dois pólos resultou num consenso académico relativamente intermediário, que admite a possibilidade e eventualmente a vantagem da experiência pessoal. Empática com o objeto em análise²³, contanto que o investigador se situe no quadro de compromisso com o “Ceticismo Metodológico”. O Ceticismo Metodológico designa uma postura de neutralidade e distanciamento nos métodos de estudo e descrição das realidades estudadas, nas quais, independentemente das crenças e experiências pessoais, o investigador está comprometido com uma atitude e um discurso ‘cético’, adequados ao método científico.

²² Hanegraff é particularmente crítico em relação a abordagens a que chama “religionistas”, nas quais se observa uma identificação por parte do estudioso adotando por vezes uma postura apologética em relação ao seu objeto de estudo.

²³ Para Arthur Verluise, não é possível estudarmos de forma adequada o esoterismo sem em alguma medida conseguirmos ter uma atitude minimamente empática, por se tratar de um território não familiar a uma visão estritamente racionalista. Concomitantemente, Verluise defende aquilo que define como “empirismo simpatético”, ou seja, uma posição intermédia entre as duas abordagens, ética e émica, que consiga extrair em termos metodológicos o melhor de ambas. Para o professor, é importante equilibrar uma visão académica objetiva no estudo do esoterismo ocidental com uma abordagem que procure perceber empaticamente o sujeito estudado.

Portanto, relativamente ao campo científico e ao método, este trabalho aborda os temas em análise a partir do ângulo da História das Ideias em geral e do Esoterismo Ocidental em particular. Relativamente à metodologia utilizada, procuraremos o compromisso com a perspetiva Histórica e com o ponto de vista do Ceticismo Metodológico no modelo de apresentação.

Estrutura e Organização

Como referimos atrás, nos critérios de pesquisa e análise, esteve sempre presente como estrutura de linhas de força, a adequação a uma apresentação histórica e filosófica da tradução em português, realizada em colaboração com o autor, da trilogia de obras, Os Manifestos Rosacruz de 1614, 1615 e 1616. Neste contexto, esta dissertação estrutura-se em 11 Capítulos, onde se analisa em primeiro lugar o objeto da dissertação, procurando explicar e colocar em evidência a sua importância histórica e filosófica nos dias de hoje. Procura-se de seguida responder às questões sobre o que são os rosacruz, enquanto movimento de ideias, mas também traçar um quadro panorâmico que nos permita a perceção de um desenvolvimento plural em diversos matizes, desta ‘tradição espiritual’ nos últimos quatrocentos anos de História. Este objetivo será completado no anexo: *Cronologia Rosacruz*.

Ainda em relação às fontes do passado para compreender o presente, dedicaremos o terceiro capítulo a identificar e analisar que tipo de correntes filosóficas, religiosas e literárias convergiram nos Manifestos. Damos exemplos e contextualizamos quatro bases: o hermetismo em geral, o paracelsismo em particular²⁴, o cristianismo numa perspetiva ‘gnóstica’ e o sufismo. Não tivemos a pretensão de ser exaustivos nesta matéria²⁵, deixando isso para uma obra dedicada a esse tema.

²⁴ O paracelsismo pode ser legitimamente visto como uma subcategoria do hermetismo. Mas, atendendo às suas especificidades, aos seus desenvolvimentos originais, peso e marca nos manifestos, consideramos que ganharia em ser tratado a par de uma grande corrente como o hermetismo, cuja presença é perfeitamente notória, mas mais difusa.

²⁵ Poderíamos, numa obra dedicada, incluir outras correntes de pensamento como o neoplatonismo e a Cabala, mas optámos por aquelas que nos pareceram ter uma marca mais acentuada.

Em quarto lugar, considerámos fundamental clarificar um pouco o contexto e o projeto que conduziu às publicações e lançar alguns contributos para uma História dos Rosacruz, procurando colocar algumas modestas peças no pavimento que nos conduza a respostas a questões como: existiu verdadeiramente uma Fraternidade Rosacruz?

Essencial neste contexto foi procurar lançar luz sobre a personagem-chave, Tobias Hess. Durante muito tempo a incipiente historiografia sobre os rosacruz centrou-se na figura de Valentin Andrae como autor das *Núpcias* e provável autor dos outros dois Manifestos. Hoje, pelos próprios escritos de Andrae, sabemos que Hess foi o grande inspirador. Considerado por Andrae como um modelo espiritual, semelhante ao protótipo espiritual – Christian Rosenkreuz – criado nas narrativas dos Manifestos. Sabemos também que teve provavelmente um papel ativo na criação direta desses textos.

Mas a questão é levada mais longe e ao concreto: quem realmente escreveu os Manifestos Rosacruz? Neste campo, só um levantamento de campo, de arqueologia bibliográfica, como a que foi feita por Gilly em diversas bibliotecas e espólios, passando em revista minuciosamente as trocas de correspondências nos permitem fechar o cerco à resposta, compreendendo também o ambiente de sigilo programado, justificável pelo ambiente da época e as especulações e o mistério em torno da enigmática ordem dos rosacruz...

Guardámos os sétimo, oitavo e nono capítulos para uma introdução especificamente focada nos conteúdos da *Fama Fraternitatis*, da *Confessio Fraternitatis* e das *Núpcias Alquímicas*. Nestes três últimos capítulos procurámos não só particularizar e debater alguns aspetos e detalhes históricos que acompanharam as suas publicações, mas também analisar alguns dos seus conteúdos filosóficos e justificar a escolha de algumas versões que serviram de base para a tradução em português.

Assim, relativamente às ideias, na Introdução à *Fama*, procurámos mostrar o seu carácter profético relativamente à expectativa de uma nova Era, onde o Espírito e a Sabedoria, estarão disponíveis para todos; o carácter simbólico da personagem e do périplo de Cristão Rosacruz, também designado

como C.R.C. e as propostas de “Reforma²⁶ Geral e Universal do Mundo Inteiro” quanto à ciência, religião e arte.

Na introdução à *Confessio*, procurámos deixar patente como se organiza esta proposta e como fica patente a convocatória a que todos os que possuem afinidade com o exemplo mostrado pelos sábios, se unam na construção de uma “fortaleza da verdade”, na qual concorram o conhecimento científico e o conhecimento de Deus, para a compreensão de que cada ser humano pode ser designado como um microcosmo, no sentido de lhe corresponder um ser novo – o ser primordial, eterno – que nele está latente. E que esse ‘novo’ pode tornar-se vivo e consciente, na criação de um novo mundo, de uma nova ordem, que lhe corresponda.

Na introdução às *Núpcias Alquímicas* – ou *Químicas* –, fica patente que para os autores, a mudança no âmbito social e a chegada da Nova Era tinha como chave a transformação individual que é apresentada, enquanto processo, alegoricamente num conto, que tem como protagonista Cristão Rosacruz. Uma obra que foi alvo de estudo por figuras históricas como Newton, Leibnitz e Jung, e por grupos espirituais e iniciáticos até aos dias de hoje.

²⁶ Na *Fama Fraternitatis*, o termo alemão é *Reformation*, Reforma. Para os autores dos Manifestos a Reforma de Lutero e Calvino não tinha sido suficientemente renovadora, profunda e abrangente. O aspeto mais radical dos rosacruzistas passava igualmente pela defesa da liberdade religiosa individual, mas ia mais longe, procurando espalhar um apelo geral a um cristianismo interno, uma *imitatio Christi*, através de um caminho iniciático da alma.

1. Os 400 anos de Tradição Rosacruz

O Movimento Rosacruz tem a sua origem histórica há 400 anos, no início do século XVII, com a publicação dos três "Manifestos", fruto da reflexão espiritual de um grupo de eruditos, teósofos²⁷ e místicos alemães, colocada por escrito em torno da personagem, Cristão Rosacruz. Nesses manifestos perpassa o apelo a uma reforma geral do mundo, realizada com base no cristianismo hermético e na investigação das leis da natureza. Pensadores como Jacob Böhme, Robert Fludd, René Descartes, Jan A. Comenius, Isaac Newton, Robert Boyle, Gottfried W. Leibniz, Karl von Eckarhausen o Johan W. Goethe, mantiveram a orientação humanista da Rosacruz. Movimentos contemporâneos como a franco-maçonaria, o martinismo, a teosofia moderna²⁸ ou a antroposofia, consideram-se herdeiros do seu legado. No início do século XX, assistiu-se ao ressurgimento da tradição rosacruz e, atualmente, muitos movimentos adotam essa designação como emblema do seu trabalho.

No seu conjunto, nos três Manifestos ressoa a chamada para uma renovação de todos os âmbitos da vida humana. Embora neles seja encorajado o desenvolvimento social, o seu objetivo central é, inequivocamente, o de

²⁷ Neste trabalho usamos o termo 'teósofo' no sentido que era dado no séc. XVII. O termo vem do grego *theosophia* (θεοσοφία), de *theos* (θεός), "Deus" e *sophia* (σοφία), "sabedoria" (Faivre). Também conhecida como Teosofia Cristã, a expressão designa uma ampla diversidade de visões cristãs centradas num tipo de gnose, enquanto conhecimento direto e não-mediado da divindade e da origem e sentido do cosmos. Muitas vezes associada ao misticismo e ao ocultismo, o termo Teosofia é usado já na Antiguidade pelos Padres da Igreja. Mas é durante o Renascimento que o termo adquire um sentido indubitavelmente gnóstico, no sentido de um conhecimento de experiência soteriológica e de iluminação individual. Segundo Antoine Faivre (Faivre1994, p.8) os termos 'teósofo' e 'teosofia' surgem de modo consistente na Alemanha no século XVI, no movimento inspirado em grande parte nas obras de Paracelso (1493-1541). Ainda segundo Faivre (idem) é nos séculos XVII e XVIII, que a teosofia se distingue claramente da ortodoxia formada com a Reforma Luterana. A obra do místico alemão do século XVII, Jacob Bohme (1575-1624) contribuiu fortemente para difundir o uso da palavra "teosofia", embora raramente usasse a palavra nos seus textos. Foram referidos na sua época como teósofos Baptist van Helmont (1618–1699), Robert Fludd (1574–1637), John Pordage (1608–1681), Jane Leade (1623–1704), Henry More (1614–1687), Pierre Poiret (1646–1719) e Antoinette Bourignon (1616–1680), que buscavam a revelação através da pesquisa das leis naturais. Conforme menciona Faivre, na sua obra *Imagination, Tradition: Studies in Western Esotericism* (SUNY Series in Western Esoteric Traditions, Albany, NY: State University of New York Press, 2000), Athanasius Kircher (1652), em *Édipo Aegyptiacus* designou o neoplatonismo e o hermetismo como teosofia no sentido de metafísica divina.

²⁸ Referimo-nos aqui ao movimento teosófico mundial, fundado por Helena Petrovna Blavatsky em 1875. Na ata de fundação da Sociedade Teosófica pode ler-se a seguinte declaração de Blavatsky: *o Mestre [Moria] indica-nos que criemos um movimento como o das Lojas Rosacruz...* Este movimento procurará a síntese e o estudo comparativo entre as filosofias iniciáticas ocidentais e orientais.

“Restaurar o Templo que é o Homem”. Para isso concorre o conhecimento e aplicação das leis naturais, do Livro M (Mundi), e das leis divinas, do Livro T (Theos) pela aplicação de um processo simultaneamente individual e social, conduzido pelo espírito liberto no homem. O plano da Reforma Rosacruz abarca os três campos: ciência, religião e sociedade. O programa contido nestes três textos não procura promover uma revolução, mas sim um plano de transformação de todas as estruturas, detalhadamente elaborado. A esse respeito Frans Smit (2001) afirma na sua análise dos Manifestos, em *De Roep van Het Rozenkruis Vier Eeuwen Levende Traditie*, que “os textos [dos Manifestos] contêm uma chave, que faz com que o plano se eleve acima das ideias reformistas conhecidas e adquira um caráter universal”. Essa chave, segundo Smit, encontra-se na figura de “Christian Rosenkreutz”. Segundo a mensagem dos próprios textos, a origem da “Ordem” Rosacruz, tendo como fundador “Cristão Rosacruz” situa-se na “Morada do Espírito Santo”, no século XIV, onde teria germinado a herança das antigas luzes, tradições e escolas sapienciais da Antiguidade. Os Manifestos no seu conjunto conformam um apelo ao regresso a um cristianismo mais puro e autêntico, realizável através da visão hermética que oferecia uma visão do mundo como um enorme templo-laboratório, no qual a contemplação das leis e relações entre todas as coisas teria de conduzir a operações de desmaterialização – *solve* – e materialização – *coagula* – conduzidos pela essência crística, para uma transmutação da humanidade. Essa proposta de renovação orienta-se para os três campos – ciência, religião e sociedade – mas não se confunde com a reforma protestante, porque não se baseia numa nova interpretação das escrituras, mas fundamentalmente na procura de uma ligação direta com o espírito, para que a alquimia rosacruz seja coroada de sucesso.

Nas primeiras décadas posteriores à edição dos Manifestos podemos falar de um movimento de ideias e ideais que irradia uma orientação espiritual para a humanidade moderna, focada numa consciência racional. As fontes históricas só registam formas organizativas no final do séc. XVII e é em 1710 que Samuel Richter, que usava o pseudónimo Sincerus Renatus (renascido sincero), cria uma ordem formal, a Fraternidade da Ordem da Cruz de Ouro e Rosas, fortemente vinculada à Alquimia, pelo que o termo ‘rosacruz’ se

converteu praticamente em sinónimo de alquimista, e os seus membros são frequentemente referidos como os ‘Rosacruz de Ouro’.

Por outro lado, é no final do século XVII e inícios do XVIII que na ainda jovem ‘maçonaria especulativa’, se desenvolvem grupos de maçons interessados na alquimia que formam agrupamentos e sociedades rosacruz – como, no século XIX, a *Societas Rosicruciana in Anglia*, até aos dias de hoje –, o que acabou por se materializar numa série de ritos maçónicos inspirados na Rosacruz, que atualmente podemos encontrar no Capítulo Rosacruz, que compreende os graus maçónicos 17 e 18, do Rito Escocês Antigo e Aceite. Em 1804, o historiador alemão Johann Gottfried Buhle afirma que a rosacruz e a franco-maçonaria partem de uma mesma origem. Thomas de Quincey (1824) retoma este argumento e chega a afirmar que a franco-maçonaria tinha surgido da implantação Rosacruz em Inglaterra. Independentemente destas asserções, existem notáveis coincidências entre a maçonaria e a rosacruz: nas duas há um esforço por uma reforma geral do mundo, um anelo de liberdade, igualdade e fraternidade humana, uma fé na existência do Supremo Arquitecto do Universo (Freitas, 2012 : 128-131).

Jean Marie Ragon, um dos mais notáveis escritores maçónicos, explica que o grau rosacruz foi trazido pelo príncipe Charles E. Stuart, que instituiu em Arrás, a 15 de Abril de 1747, um Capítulo Primordial de Maçonaria Escocesa Jacobita, que praticava quatro graus, culminando no grau Rosa-Cruz, cujo ritual teria servido de modelo aos ritos de Heredon, do Regime Francês, do Escocês antigo e aceite, de Misraim, de Mênfis, entre outros. Na conclusão dos trabalhos do Ritual Rosacruz, contidos no livro Instruções para os altos graus segundo o Rito Moderno (Bordéus, 1822), podemos ler o seguinte:

Qual é a hora do perfeito maçom?

É o momento em que a palavra é encontrada e a pedra cúbica se transforma numa rosa mística, e a estrela resplandecente volta a aparecer com todo o seu esplendor, e os nossos trabalhos retomam a sua forma primitiva, e a luz é restituída à nossa vista em todo o seu brilho, e as trevas se dissipam, e é encontrada a nova lei maçónica, que deve reinar nos nossos trabalhos.

As ideias e ideais que animaram o movimento Rosacruz associado aos ‘Manifestos’ iremos reencontrar nos ideais da Revolução Francesa, em lojas maçónicas girondinas, mais reformistas que revolucionárias. Um tema que nos

parece de todo o interesse para futuras pesquisas, deliberadamente optamos por não desenvolver aqui, dado ser lateral ao tema.

O séc. XVIII conhece ainda o surgimento da "Ordem dos Cavaleiros Eleitos Coën" em cujo topo estavam os "Réau-Croix", cujos ritos se integravam na Maçonaria Capitular Escocesa, denominada Estrita Observância. O seu fundador, Martinez de Pasqually (1727-1779), era um teósofo e taumaturgo, principalmente interessado na cabala. Outros teósofos influenciados pela herança rosacruz foram Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803) e Emmanuel Swedenborg (1688 —1772). Será no Século XIX que Saint Martin, conhecido por Papus, criará o moderno movimento Martinista. Já no século XX veremos surgir novos grupos que declaram ter como meta colocar em prática o trabalho rosacruz ao serviço do mundo e da humanidade. Entre muitos outros: a Antroposofia, criada por Rudolf Steiner (1861—1925); a AMORC – Antiga e Mística Ordem Rosacruz, fundada por Spencer Lewis (1883–1939); a Rosicrucian Fellowship, fundada por Max Heindel (1865-1919); a Escola Internacional da Rosacruz Áurea - Lectorium Rosicrucianum, fundada por Jan van Rijckenborg (1896 –1968) e Catharose de Petri (1902 – 1990).

Steiner considerou no seu tempo a Antroposofia como a herdeira moderna do Rosacrucianismo, adotando como símbolo a cruz negra coroada de rosas vermelhas. Neste contexto define assim a natureza do seu ideal:

O rosacruz não vê a sua tarefa como um voltar-se sobre si mesmo separado do mundo. Isso seria mau, pois a sua missão é precisamente espiritualizar o mundo físico. Ele tem de se elevar até às regiões mais elevadas da vida espiritual e, com os conhecimentos que aí alcança, trabalhar ativamente em todo o mundo físico e, muito especialmente, dentro do ser humano (Freitas, 2012: 143).

Heindel, no seu discurso inaugural em Mount Ecclesia, Califórnia, considera a dimensão religiosa:

O propósito da Fraternidade Rosacruz é unir e harmonizar todos e cada um dos seus membros através de um ensinamento cristão superior, que constituirá uma religião científica e artística, que reunirá um dia todas as igrejas numa Fraternidade Cristã (Freitas, 2012: 145).

Mais empírico, e marcado pela perseguição nazi vivida por si nos Países Baixos, van Rijckenborgh procura distanciar-se de qualquer 'verdade', enquanto definição absoluta:

Já passou o tempo em que a maior parte da energia dos trabalhadores era empregue em exteriorizar a verdade da maneira intelectual dialética corrente. Toda a humanidade que se diz espiritual e intelectual está a discutir entre si sobre o que é verdade e o que é mentira... Por isso, a Escola Espiritual não fundou uma nova organização da verdade, nem estabeleceu debates sobre a verdade, mas o que pretende é demonstrar, pelos resultados do seu trabalho, a força pela qual existe e atua (Freitas, 2012: 147).

Todos estes movimentos mencionados, surgidos nos últimos 400 anos, possuem claramente enquanto legado comum, o impulso reformista para a concretização de uma civilização em harmonia com a realização plena do ser humano, numa harmonia entre o indivíduo, enquanto microcosmo, e a sociedade, enquanto cosmo, e a Natureza e o Universo, enquanto macrocosmo. Com formulações e conceções distintas, todos os movimentos referidos consideram a necessidade de que a natureza, egocêntrica – centrípeta – dominante na humanidade, ceda lugar, através de um esforço individual em cada indivíduo, a uma natureza centrada no universal, irradiante, centrífuga. Nesta linha, o investigador holandês Frans Smit (2001), afirma:

Os Manifestos Rosacruz colocaram nos primeiros anos do século XVII (...) o fundamento para uma nova reforma espiritual, pela aplicação consciente das ciências arcanas. Neles se mostrou de novo o caminho de iniciação de todos os tempos, sob o símbolo da Fraternidade Rosacruz e do seu fundador, o Pai-Irmão Cristão Rosacruz. Com a receção da tripla fórmula de iniciação dentro do primeiro círculo de irmãos, utilizada e dada a conhecer ao mundo nos textos dos Manifestos, iniciou-se um desenvolvimento que elevou o significado da vida a um plano superior, e sem o qual já não seria concebível a sociedade europeia.

2. Os Manifestos Rosacruz: Importância Histórica e Filosófica

A designação 'Manifestos Rosacruz' foi dada pela posteridade. Nascidos da concepção espiritual de um círculo informal, uma 'societas', em Tübingen, no sul da Alemanha, a *Fama Fraternitatis RC* (A Chamada da Fraternidade RC), a *Confessio Fraternitatis RC* (o Testemunho da Fraternidade R.C.) e as *Chymische Hochzeit Christiani Rosenkreutz* (Núpcias Chymicas, no sentido de alquímicas, de Cristão Rosacruz), foram impressos respetivamente nos anos 1614, 1615 e 1616. A *Fama* oferece o programa para uma 'Reforma geral e universal do mundo', a *Confessio* reforça esta mensagem com uma confissão de princípios, e nas *Chymische Hochzeit* é indicado o caminho interior, sem o qual a reforma está destinada a fracassar (Smit, 2001). A mensagem destes textos é centrada numa personagem simbólica, Christian Rosenkreutz, Cristão Rosacruz, mensageiro do hermetismo cristão, resumo e quintessência do homem que dedica a sua vida à compreensão dos mistérios da vida e do universo, fundando uma Fraternidade cujo fim era curar os homens da cegueira da ignorância.

É hoje de consenso geral que os três textos saíram, provavelmente todos, da pena do teólogo protestante Johahn Valentin Andreae²⁹ (1586-1654), mas que as ideias mestras são provavelmente da autoria do médico e alquimista, Tobias Hess (1558-1614), com a participação do jurista Christoph Besold (1577-1638). Outros nomes participavam deste círculo fraterno, reunido em 1607 por Tobias Hess, mentor do grupo, que sentia que os tempos estavam maduros para a obra que se propunha. Isto, sete anos antes da edição da *Fama*, e da morte de Hess no mesmo ano. O projeto do grupo era o de traduzir a *Fama* em cinco línguas e enviar uma cópia aos eruditos e líderes da Europa. Nestes três Manifestos perpassava o convite, especialmente dirigido os sábios e eruditos e governantes da Europa, a empreender a realização de uma reforma geral, através do regresso a um cristianismo mais puro e autêntico, numa aceção hermética, ou, diríamos hoje, esotérica. O objetivo seria o de promover uma Reforma, mas não uma reforma meramente no sentido religioso,

²⁹ Reconhecidamente autor das *Núpcias Alquímicas*

protestante ou pietista. Neste aspeto, os manifestos valorizam tanto as escrituras como as leis naturais: a leitura do livro T – *Theos* – e do livro M – *Mundi*. A reforma dos rosacruzistas também não era uma reforma política – tal como é defendido pela historiadora Frances Yates no seu *The Rosicrucian Enlightenment* (Yates, 1972) – muito embora tivesse claras implicações políticas. A reforma preconizada nestes textos é uma reforma da ciência, das artes e da sociedade pela renovação espiritual e material (alquímica) do ser humano. E essa renovação, individual e coletiva, deveria ser pautada por uma ciência espiritual concordante com a observação das leis da natureza e com as revelações das sagradas escrituras no coração de cada um. Porém, a ideia inicial de publicação global dos manifestos, teve de ser abortada. O clima de liberdade religiosa já não era o mesmo do século XVI, como o verificou na pele Adam Halsemayr, autor da primeira resposta, esfuziantemente entusiástica, aos textos Rosacruzistas³⁰, a *Resposta à Fraternidade dos Teósofos da Rosacruz*, que por causa disso foi preso e mandado para as galeras, pelos jesuítas³¹.

Por outro lado, o Norte da Europa caminhava para a sangrenta Guerra dos 30 anos (1618-1648), enquanto no Sul a Inquisição apertava o cerco – tendo como acontecimento emblemático a morte de Giordano Bruno em 1600 na fogueira, assinalando um virar de página e mostrando o quão longe já nos encontrávamos do hermético e filosófico *Quattrocento* italiano.

Mas os manifestos foram mesmo assim impressos e distribuídos, mesmo sem autorização dos autores, pelo impressor Wilhem Wessel, participante do círculo de Tübingen. A primeira edição do primeiro manifesto – a *Fama Fraternitatis* – nem sequer é a última versão, mas mesmo assim podemos agradecer este ímpeto de Wessel, sem o qual possivelmente hoje não conheceríamos estas obras. Portanto, numa época desfavorável, em que os níveis de tolerância religiosa estavam particularmente baixos, os manifestos rosacruzistas marcavam um momento charneira entre duas épocas: a do

³⁰ Cfr. Frans Smit, nas suas referências ao facto de que a iniciativa impulsiva de Adam Halsemayr poderá ter estragado o efeito-surpresa desejado pelo círculo fraternal de Tübingen, no seu projeto de publicação em simultâneo em várias línguas, eventualmente tendo mesmo precipitado a sua publicação (Smit, 2001: 43, 44)

³¹ Cfr. Godwin *et al* (2016: 56) onde explica que, por causa da sua declarada posição 'pró-Rosacruz', Halsemayr foi preso pelos jesuítas e colocado a ferros numa galera de escravos. Em 1614, ele estava a meio da sua pena de cinco anos, à qual sobreviveu, para morrer em casa passados meses.

Renascimento, onde o hermetismo e a alquimia tinham ainda o seu lugar, e o advento da era da Razão, onde o hermetismo foi sendo remetido cada vez mais para um plano menos considerado³². Diversos autores, desde Frances Yates (Yates, 1972), consideram o evento dos Manifestos Rosacruz como o canto do cisne de uma época na qual, desde a publicação do *Corpus Hermeticum* por Ficino em 1471, o hermetismo e a alquimia faziam parte do *main stream*³³ do pensamento ocidental, e, simultaneamente procuraram marcar o início de uma nova era para a humanidade, o *Tertio Seculo*, no qual se iria conhecer um desenvolvimento nunca visto de todas as arte e ciências, mas também do homem interior³⁴.

Apesar da concisão e simplicidade da sua doutrina, apesar do anonimato em que quiseram manter-se os seus autores, apesar do silêncio com que foram recebidas as inúmeras interpelações e respostas por toda a Europa, a Rosacruz obteve enorme ressonância em vários países (Freitas, 2012: 118). A dimensão do impacto destes três textos na história do pensamento europeu não está ainda devidamente apurada em todas as suas implicações, apesar de conhecida a perturbação e euforia que causou na sua época. É disso indicativo a reação à publicação dos Manifestos que faz com que o fluxo editorial europeu da época seja inundado de obras pró e contra. Frequentemente em tons exaltados, estão atualmente identificadas mais de

³² Tal como mostrámos na introdução.

³³ Cf. Hanegraaff (2006: 10). Na sua introdução, descreve o atual ponto de vista da academia acerca do Hermetismo no Renascimento, afirmando que este já não é visto meramente como uma contracultura, como afirmava Yates, mas como um pensamento mais difuso por todas as áreas da cultura: - *What is nowadays referred to as hermeticism (an umbrella concept that in fact comprises much more, as we have seen, than the hermetic literature only) was by no means limited to some magical subculture but was abundantly present in "mainstream" religious, philosophical and scientific discourse as well, and its great representatives were complex thinkers whose perspective can by no means be reduced to hermeticism and magic alone. As a result, the simple and dramatic picture of a quasi-autonomous counter-tradition of "hermeticists" or "Renaissance magi" fighting against the establishment (theologians, rationalists, scientists) has given way to a less romantic but more accurate perception of "hermeticism" as a traditionally underestimated dimension of general religious and cultural developments in pre- and early modern Western society.*

³⁴ Cf. Yates, 1972. p. 291. Londres: *The most striking aspect of the Rosicrucian movement is the one to which the title of this book gives expression, its insistence on a coming Enlightenment. The world, nearing its end, is to receive a new illumination in which the advances in knowledge made in the preceding age of the Renaissance will be immensely expanded. New discoveries are at hand, a new age is dawning. And this illumination shines inward as well as outward; it is an inward spiritual illumination revealing to man new possibilities in himself, teaching him to understand his own dignity and worth and the part he is called upon to play in the divine scheme.*

400 respostas editadas aos Manifestos, surgidas nos primeiros 10 anos seguintes à sua publicação, e cerca de 1700 respostas editadas nos séculos XVII e XVIII (Smit, 2001). Números que, para a época a que se referem, indicam uma atividade editorial extremamente intensa. Autores conhecidos, escrevem sobre ou para os incógnitos Rosacruz. Em Portugal, no acervo da Biblioteca Nacional e no da biblioteca histórica do Palácio Nacional de Mafra, encontramos como exemplo paradigmático, obras apologéticas de Robert Fludd, assim como a obra detratora de Andreas Libavius³⁵ contra a *Fama Fraternitatis*, a qual critica quase parágrafo a parágrafo, arremetendo pelo caminho contra os rosacruz e contra Tobias Hess, a quem trata como seu fígadal inimigo. Um exemplo tardio é o da carta aberta de Newton aos rosacruz, onde se declara seu simpatizante.

O período de euforia, designado por alguns autores como o “furor rosacruz” (Yates, 1972), especialmente em Inglaterra, caracterizado por um forte interesse do grande público sobre a filosofia hermética em geral e sobre as propostas rosacruz em particular encontrará um decisivo revés na Guerra dos 30 Anos (1618-1648), que durante três décadas de guerras religiosas dizimará os povos do norte da Europa, cerrando no meio de horrores as portas da liberdade espiritual e religiosa. O mesmo se pode dizer dos países do sul da Europa, onde a contrarreforma e a instituição do Santo Ofício dissolviam qualquer esperança de desenvolvimento daquilo que havia sido lançado nos cerca de 200 anos anteriores. Para escolher uma data simbólica, quando em 1600 Giordano Bruno é queimado na fogueira, por heresia, com parte das suas obras, o paradigma europeu estava já bem distante do ano de 1465 em que Marcilio Ficino traduziria o *Corpus Hermeticum*, com o apoio dos Medici e o beneplácito do Vaticano, tolerante em relação às propostas de Pico della Mirandola, e as suas 900 Teses, para uma concórdia da religião com todos os saberes e filosofias herméticas, cabalistas e neoplatónicas.

³⁵ Libavius, *Analysis Confessionis Fraternitatis de Rosae Cruce* – 1615, na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra. Em vários catálogos existentes, esta obra está incorretamente catalogada como sendo a própria *Fama Fraternitatis*. Libavius era um acérrimo detrator de Tobias Hess e dos rosacruz. Esta obra, que se encontra na Biblioteca do Palácio de Mafra, procura contestar ponto por ponto a *Fama*.

Mas que conteúdos justificaram tamanha polémica e comoção? Esta é uma questão que iremos procurar responder ao longo desta dissertação. Do ponto de vista literário formal, a trilogia de textos em análise pode ser vista como um conjunto de fábulas fantásticas, enigmáticas, doseadas com humor subtil. Numa análise de conteúdo é notável a forte presença da filosofia hermética e alquímica, que surge em forma de aforismos diretos ou alegorias. É perceptível sem grande esforço que os Manifestos denotam e concretizam um movimento de ideias que marcou uma época e que pode ser designado genericamente como ‘pensamento rosacruz’ (Yates, 1972). Esse pensamento não pode ser meramente definido como alquímico-hermético, pois concluiríamos ser sinónimo daquilo a que na época era designado como Teosofia, ou mais tarde como ‘Filosofia Natural’. Ao contrário daqueles, o ‘Pensamento Rosacruz’ procura uma ‘ciência espiritual’ e uma espiritualidade científica’, como veremos adiante, com uma componente totalmente orientada para a cura da humanidade, num sentido absoluto, que inclui a atividade cultural e social, mas principalmente a mudança estrutural do género humano, na sua tomada de consciência de que a cada ser humano corresponde um microcosmo eterno, do restabelecimento do acesso à Sabedoria do Espírito, e no conhecimento da Natureza em todas as suas esferas, numa aceção, poderíamos dizer, paracélsica³⁶. Explicaremos estas asserções nos capítulos seguintes.

Menos fácil e que ultrapassa o âmbito deste trabalho seria avaliar com rigor o impacto que este movimento teve nos últimos 400 anos no nascimento e desenvolvimento da ciência moderna, no pensamento filosófico, nas artes, na religião e espiritualidade ocidental, no pensamento social e político e, claro, nos campos das escolas de esoterismo, formando quatro séculos de tradição³⁷ consistente, identificável e frequentemente definível, não só pelo estudo das sociedades e instituições que se irão formar incessantemente a partir do século XVII, como também e com um campo de ação mais vasto, o seu papel no Iluminismo e no desenvolvimento da Ciência (Yates, 1972), no pensamento

³⁶ Relativa ao pensamento de Paracelso (1493-1541), alquimista, médico e filósofo. A receção do pensamento paracélsico na *Fama Fraternitatis* é não somente notória, como expressamente assumida.

³⁷ Para uma visualização mais completa, por favor consultar o anexo *Cronologia Rosacruz*.

social e nas artes. É notável a influência do pensamento rosacruz em pensadores como Robert Fludd (1574-1637), para quem Cristão Rosacruz era o protótipo do lema hermético renascentista: *Magnum miraculum est homo*. Mas também Michel Mayer (1566-1622), médico paracelsiano e alquimista, que escreveu um comentário sobre Hermes Trismegistos. Ou Jan Amos Comenius (1592-1670), considerado pai da pedagogia moderna e criador de uma fraternidade que considerou ser a primeira Fraternidade da Rosacruz.

Mas inúmeras figuras, já mais conhecidas, poderiam ser enlencadas: Jacob Bohme, Robert Boyle, René Descartes, Francis Bacon, Isaac Newton, Gottfried W. Leibnitz, Karl von Eckhartshausen, entre muitos outros. Membros fundadores da Royal Society, entre os quais Robert Boyle, John Wilkins, John Wallis, John Evelyn, Christopher Wren e William Pettyeram, eram publicamente defensores dos rosacruz e do método experimental como forma de aquisição de conhecimento.

Nas artes, o impacto das ideias rosacruz pode também ser alvo de estudo. As ideias rosacruz, apesar da diversidade de formas que tomaram, pugnaram por encontrar um ideal superior, um ideal cheio de magia, mistério e beleza. Vários pesquisadores relacionados com a maçonaria e o esoterismo penetraram nos segredos da rosacruz e encontraram neles o culminar das suas aspirações. Maçons como John Yarker (1833-1913), Arthur E. Waite (1857-1942), ou William Wynn Wescott (1848-1925), escritores como Edward Bulwer-Lytton (1803-1873), William Butler Yeats (1865-1939), August Strindberg (1849-1912) ou Fernando Pessoa (1888-1935); esoteristas como Eliphas Levi (1810-1875), Stanislas de Guaita (1861-1897), Péladan ou Papus; músicos como Erik Satie (1866-1925); pintores como Odile Redon (1840-1916), Carlos Schwabe (1866-1926), Lucien LévyDhurmer (1865-1953) ou Alphonse Osbert (1857-1939), aproximaram-se da Rosacruz com reverência, tentando abrir os seus véus. Esta orientação, que procurava a sua inspiração nos mundos subtis, encontrou um canal para a sua expressão nos pintores simbolistas, também designados como artistas da alma³⁸.

³⁸ *Les Salons de la Rose+Croix* foi uma série de seis exposições dedicadas à pintura, à escultura e à música, organizadas por Joséphin Péladan na década de 1890 em Paris. Muitos

2.1. Alguns elementos para a compreensão do âmbito da Reforma dos Rosacruz

A historiadora Frances Yates foi pioneira no estudo, na aceção da historiografia contemporânea, das fontes rosacruz, fundamentada nas fontes. Tal como acontece com todos os pioneiros aos ombros dos quais os investigadores posteriores sobem para ver mais além, algumas das suas conclusões são claramente datadas, ultrapassadas por uma investigação mais completa e rigorosa e outras conclusões não. Do seu ponto de vista de que o Iluminismo e a Ciência moderna teriam tido a sua origem no hermetismo (Yates, 1964) renascentista e no movimento de ideias rosacruz em particular, hoje resta a noção de que, muito embora longe de ser considerado a origem, indiscutivelmente o hermetismo e o seu impulso para o conhecimento das leis ‘ocultas’, através da astrologia, da magia e da alquimia, teve certamente um papel importante no desenvolvimento das ciências em geral e do nascimento da astronomia, da física e da química modernas. Nesta mesma corrente se inscrevem as ideias rosacruz, como iremos demonstrando ao longo do trabalho, para quem as leis naturais, escritas no livro da Natureza, ocupariam um lugar semelhante ao que até então tinham ocupado as escrituras sagradas na economia da Revelação de Deus à humanidade.

Também, por outro lado, é um debate polémico ainda atual perceber até que ponto algumas passagens dos Manifestos implicam uma leitura política, ou se meramente simbólica. São exemplo disso as profecias do Leão dos livros canónicos e pseudoepigráficos da Bíblia, presentes na *Fama Fraternitatis*. E é conhecida a resposta de Adam Haslmayr em concordância com eles, relacionando-os com a Profecia pseudoparacelsiana do leão da meia-noite (Gilly, 1998: 14-16). É necessário ter em consideração a possibilidade de que tanto na Fama como na resposta de Haslmayr, a esperança de uma transformação política na Europa, tenha tido um papel importante: “A europa está grávida e dará à luz uma criança forte e os padrinhos vão precisar de muito ouro”. Gilly (1998) não será o primeiro a afirmar que, ao contrário da propaganda *Confessional*, que a partir de 1618 se servia da profecia do Leão da Meia-noite e mesmo da Fama dos Rosacruz para apoiar a política de

dos pintores, escritores e compositores simbolistas da vanguarda parisiense associaram-se a estes eventos.

Frederico V do Palatinado, ou para glorificar Gustavo Adolfo da Suécia, tratava-se na *Fama* fundamentalmente de uma reforma espiritual, uma “*Innovatio orbis*”, como exprimiu Hess na sua carta dirigida ao Príncipe Frederico de Wurttemberg (Gilly, 1998: 21). Mas cabe-lhe a ele o mérito de ter detetado que nas notas manuscritas de Tobias Hess, as margens da sua Bíblia referentes ao Leão, são disso esclarecedoras. Na margem da página do Apocalipse 18,8-10, Hess calculou a última hora do papado, que esperava para o ano de 1620, em consonância com as profecias ‘naométricas’ de Simon Studion, em que iniciaria finalmente a Nova Era, a Idade do Espírito Santo, em que o Leão iria julgar a Babilónia Espiritual: “*Iudicium item de Babylone spirituali*” (Gilly, 1998: 22- 23).

3. *Ad Fontes*. Os afluentes filosóficos, religiosos e literários que convergiram nos Manifestos

Como vimos atrás, os ‘Manifestos R.C.’ marcaram a sua época, dando corpo a um movimento de ideias europeu do séc. XVII, que pode ser designado como ‘pensamento rosacruz’³⁹. Neste capítulo iremos identificar como antecedentes os quatro principais afluentes que confluíram para formar o fluxo filosófico que se reflete nos Manifestos. Nomeadamente: a gnose cristã; a gnose islâmica dos *Ikhwân al-Safâ*; a linha de Paracelso; o Hermetismo.

3.1. A Gnose Cristã

Pode falar-se de uma gnose relativamente ao século XVII? Pode utilizar-se o termo ‘gnose cristã’? Há um consenso na investigação académica de que a noção de uma oposição entre a gnose e o cristianismo remonta à estratégia heresiológica dos primeiros séculos, que apresentava fortes distorções nas descrições que fazia dos movimentos cristãos gnósticos⁴⁰. Fazia parte da mesma estratégia descrever o fenómeno adversário radicalizando a ‘preto e branco’ os contornos, de modo a isolar e distanciar completamente aquilo que se queria combater⁴¹. Mas hoje percebe-se que o fenómeno gnóstico não consiste num movimento religioso autónomo, mas sim num pendor observável

³⁹ A propósito desta noção do rosacrucianismo enquanto movimento de ideias, e visando desmascarar os preconceitos associados, a historiadora Frances A. Yates (1899-1981) afirma o seguinte:

Gostaria de convencer as pessoas sensatas e os historiadores a usarem a palavra “rosacruz”. Esta palavra evoca ideias pouco sérias devido às afirmações acríticas dos ocultistas sobre a existência de uma seita ou sociedade secreta à qual se dá o nome “rosacruz” e cuja história e membros dizem representar... Parece-me que esta palavra poderia ser usada para designar um certo estilo de pensamento que é historicamente identificável sem ser necessário abordar a questão de saber se um pensador de estilo rosacruz era forçosamente membro de uma sociedade secreta. O aspeto mais interessante do movimento rosacruz é o que está expresso no título deste livro, ou seja, a sua insistência na ideia de que está iminente uma época de grande iluminismo. O mundo, que se aproxima do seu fim, receberá uma nova iluminação, que consistirá numa imensa expansão do progresso, do conhecimento alcançado no período renascentista precedente. Muito em breve, far-se-ão novas descobertas e começará uma nova era. E esta luz brilha tanto para dentro como para fora: no primeiro caso, revela ao homem as novas possibilidades que estão latentes em si mesmo, e ensina-o a compreender a sua própria dignidade e valor e o papel que é chamado a desempenhar nos desígnios divinos

⁴⁰ Cfr., neste contexto, Versluis (2007), mas também, nesta mesma linha, Hanegraaff et al (2005).

⁴¹ Um dos exemplos mais paradigmáticos de distorção do objeto descrito é o *Adversus Haresis*, onde Irineu de Lião afirma sem pudor que o objetivo do seu labor não é meramente descrever os inimigos (os gnósticos), mas principalmente “feri-los por todos os lados”.

em várias épocas e culturas (Piñero, 2005) interpenetrando as fronteiras estabelecidas pela autodefinida ortodoxia, cabendo no conceito de gnóstico por exemplo um Clemente de Alexandria, o apóstolo Paulo, ou os posteriores Meister Eckhart (Broek & Hanegraaff, 1997) ou Jacob Bohmme. Nesta aceção, um levantamento como o que tem vindo a ser feito na última década pelos historiadores no âmbito do esoterismo ocidental, permite identificar uma quase ininterrupta presença no tempo de indivíduos ou movimentos que testemunham de uma vivência cristã, fundamentalmente gnóstica, ou mística, que converge nos Manifestos.

A evolução da investigação neste campo durante o século passado é notável. Nos inícios do séc. XX a historiografia oficial ignora quase completamente a pesquisa acerca destes temas, com a exceção de investigadores polémicos, mas incontornáveis como Maurice Magre (1930), que associa Cristão Rosacruz a uma antiga família alemã que teria sido continuadora dos ensinamentos cátaros. Também Antonin Gadal, arqueólogo amador, percursor dos estudos cátaros occitanos, se refere nos anos 50 à longa linha Joanita que chega à Occitânia, no sul de França, vinda de Constantinopla, através do norte de Itália e de Espanha, apontando para uma corrente de pensamento cristão, heterodoxo, com elementos gnósticos, posteriormente cátaros e mais tarde huguenotes, confundindo-se depois com o pensamento protestante, que daria entrada na era moderna.

No conto simbólico da *Fama Fraternitatis* é dito que Cristão Rosacruz, filho de alemães nobres, mas pobres, é educado num convento cristão, onde aprende grego e latim. É com um dos irmãos desse convento que um dia parte em direção a Jerusalém e inicia o seu decisivo périplo. Mas chegando à ilha de Chipre, C.R.C. perde o seu companheiro, que falece, e decide agora não mais se dirigir a Jerusalém, ao Santo Sepulcro, mas a Damasco... Temos, por um lado, Jerusalém, a cidade histórica, a ligação a uma conceção de cristianismo de um Cristo histórico, cuja literalidade da narrativa evangélica é testemunhada por “provas” materiais (os locais, o santo sudário, os madeiros da cruz...); e por outro lado, Damasco, que evoca na mentalidade cristã o encontro de Paulo de Tarso, aliás Saulo, com o “Cristo Vivo, o cristianismo que provém de experiência/perceção direta. A personagem C.R.C. preconizará, como muitos verificaram, o fim da religião e a substituição desta por um culto interior.

É também com outros quatro irmãos que posteriormente num momento decisivo do conto, C.R.C. cria a Ordem Rosacruz, fundando uma morada *Sancti spiritus*. Nos *Manifestos* é feita a *apologia* ao regresso a um cristianismo mais puro. Na *Confessio*, expressa-se a rejeição formal à autoridade do Papa e apela-se a uma reforma geral não confundível com a reforma protestante, na linha de Lutero, mas sim no sentido de uma religião interior, fundamentada não num clero, nem tanto na autoridade do livro, mas na experiência direta de Deus imanente. Este ponto específico desenvolveremos mais adiante.

Os *axiomata* referidos nos *Manifestos* evocam frequentemente referências cristãs. Na *Fama*, na descrição da descoberta do túmulo-templo do pai e irmão Cristão Rosacruz, os membros da ordem deparam-se com um altar circular onde estão escritos quatro axiomas:

1. *Nequaquam vaccum* (Em nenhuma parte existe vácuo, ou vazio)
2. *Legis Jugum* (O Jugo da Lei)
3. *Libertas Evangelii* (A Liberdade do Evangelho)
4. *Dei Gloria Intacta* (A Glória de Deus é inatacável).

Aí nessa cripta maravilhosa está o corpo incorruptível de CRC, que traz ao peito o livro T, que para os narradores é “junto com a Bíblia o nosso maior tesouro”. E é aí que se encontra o axioma central da ordem R.C.: *Ex Deo nascimur; In Jesus morimur; Per Spiritu Sanctum reviviscimus* (Nascidos de Deus; Mortos em Jesus; Renascidos pelo Espírito Santo. As tradições rosacruz do século XVIII relacionarão esta tríplice proposta vivencial com a fórmula alquímica “*Nigredo, Albedo e Rubedo*”. Na ênfase dada a *In Jesu Morimur*, os autores da *Fama* explicam este passo iniciático como uma *imitatio Christi* num sentido de uma imersão na natureza crística, através da identificação total com o arquétipo de Jesus. A reforçar esta ideia, surge outro dos *axiomata*: o *Jesu Mihi Omnia* (Jesus é tudo para mim). Conceções que na realidade não eram novas. Já os cristãos gnósticos, como Carpócrates de Alexandria, que no século II afirmava que “é dado a cada homem tornar-se ele próprio num Jesus” (Irineu, *apud* Slavenburg, 2012) Ideia defendida também pelo autor do evangelho gnóstico de Filipe que afirma que “quem é recebido na Plenitude [Pleroma], tal pessoa já não é um cristão, é um Cristo” (Slavenburg, 2012). Estas noções de cristianismo

enquanto *Imitatio Christi* na *Fama*, provêm também de influências identificáveis. Os autores de Tübingen referem-se provavelmente a noções da *Theologia Germânica*, *Theologia Deutsch*, (Huijs, 2014) que teria também inspirado Lutero. A Teologia Germânica é posta à disposição de Tobias Hess e do círculo de Tübingen por Johann Arndt com a publicação dos *Quatro Livros do Verdadeiro Cristianismo*, publicados entre 1605 e 1610, pouco antes da publicação dos Manifestos. Nestas obras é colocado ênfase nas noções de unificação com Cristo através de uma prática de vida de auto-aperfeiçoamento. Este movimento é o desenvolvimento natural do movimento espiritual dos Gottesfreunde (amigos de Deus), no qual beberam Eckhart, Suso e Tauler (Huijs, 2014). É nesse contexto espiritual que Jan van Ruusbroeck (1293 ou 1294, a 1381) escreve *A Jóia das Núpcias Espirituais*. Através de Ruusbroeck, a vida e o pensamento piedoso dos *Gottesfreunde* são retomados, perdurando durante cerca de um século pelos Irmãos da Devoção Moderna (Huijs, 2014).

3.2. O Hermetismo

Desde que em 1460 o monge Leonardo de Pistoia trouxe para a Academia de Médicis um exemplar grego do *Corpus Hermeticum*, deu-se, nesse século do *Quattrocento Italiano*, o casamento improvável do cristianismo e do hermetismo, primeiramente pela mão de Marsilio Ficino e de Pico della Mirandola, e depois pelo trabalho de muitos outros. Paracelso; Oswald Crolus (Kroll, 1560-1608); Valentin Weigel (1533-1588); Heinrich Khunrath (1560-1605), são alguns dos nomes conhecidos pelos membros do círculo de Tübingen, que contribuíram para dar a conhecer e aprofundar a herança de Hermes.

Nas *Núpcias Alquímicas de C.R.C.*, o terceiro manifesto rosacruz em ordem de publicação, atribuído a Valentin Andreae, logo no início podemos ler: “*Eu, Hermes, fluo aqui como fonte original, como remédio que traz a cura. Quem puder, que beba de mim*”.

A descoberta do túmulo de Cristão Rosacruz a que já aludimos, explicado na *Fama Fraternitatis* (1614), possui um paralelismo notável com a

descoberta da Tábua Esmeralda no túmulo de Hermes. Quando o corpo de C.R.C. é descoberto, tem nas suas mãos o livro de Deus, o livro T. No final deste livro, lê-se a seguinte passagem:

*Cristão Rosacruz, uma semente semeada no coração de Jesus, nasceu de uma nobre e muito estimada família rosacruz alemã ... o seu mais que real e imperial tesouro, que tinha reunido ao longo das suas viagens pela Arábia e África, **para o qual o seu tempo não estava maduro, e que teria de ser desenterrado pela posteridade**, deixou depositado e fez dos seus mais fiéis amigos, os herdeiros do seu conhecimento e do seu nome.*

No *Livro do Segredo da Criação* (Sirr Al-Jaliqa ou Kitab Al-Ílla), compilado por volta do ano 825⁴², surge um texto atribuído lendariamente a Apolónio de Tiana (Ballinas para os árabes), onde descreve a descoberta de célebre *Tabula Smaragdina* de Hermes Trismegistos, referência para toda a tradição alquímica ocidental, é dito:

Vi então um ancião sentado sobre um trono de ouro, que tinha na mão uma tábua de esmeralda, na qual estava escrito: esta é a formação da natureza. Diante dele havia um livro onde se podia ler: Este é o segredo da criação dos seres, e a ciência das causas de todas as coisas.

As referências herméticas e alquímicas presentes nos manifestos, muito especialmente nas *Núpcias Alquímicas* e na *Fama*, dariam para desenvolver várias obras de investigação. As alusões, metáforas e mitos aí apresentados, que surgem ao homem moderno como mensagens “encriptadas”, não ofereciam as mesmas dificuldades aos eruditos europeus da sua época, cujas referências culturais provinham do século XVI, absolutamente permeadas pelas referências filosóficas neoplatónicas e herméticas e pelos conceitos provenientes das artes arcanas, como a astrologia ou a alquimia – que até ao século XVII não se distinguiam respetivamente da astronomia e da química. É a partir do século XVII que as ciências materiais, positivas, conhecerão uma maior expansão e desenvolvimento em detrimento do conhecimento do homem. Os Manifestos refletem também a consciência desta tendência. Os autores da *Fama* declaram, entre outros, três objetivos fundamentais: 1) Uma reflexão sobre a nova investigação natural, autónoma de qualquer autoridade

⁴² O texto surge pela primeira vez no Al-Andalus durante o califado do omíada Al-Hakam II (f. 976). Traduzida para latim pelo bispo hispânico Hugo de Santalla e posteriormente incorporada no *De Rebus Metallicis et Mineralibus* por ordem de Alberto Magno

(seja de “Aristóteles ou de Galeno”); 2) O restabelecimento consciente da Filosofia Hermética, tendo como pontos de partida as noções de “Deus-Cosmos-Homem” e o conceito de “assim como é em cima, assim é em baixo”; e por fim, 3) A adoção prática de um novo comportamento de vida que tivesse como resultado a libertação da alma.

3.3. A herança mística e filosófica islâmica

C.R.C no seu périplo pela bacia do Mediterrâneo visitou o golfo arábico, o Egito e a cidade de Fez, em Marrocos. Afirma-se na *Fama* ter conhecido aí uma irmandade de sábios que se encontravam uma vez por ano para partilhar os seus segredos uns com os outros, sem qualquer reserva e na absoluta disposição de abandonar as suas conclusões caso novas evidências surgissem. A *Fama Fraternitatis* diz sobre estes encontros: “*É verdadeiramente vergonhoso para nós ver como estes homens sábios, que vivem muito afastados uns dos outros, não só estão de acordo entre si e não fazem polémica como estão prontos a revelar abertamente os seus segredos uns aos outros.*”

É em Fez que existe a mais antiga universidade do mundo (do ano de 859), com a mesquita Karaouine (al-Qarawiyyin). Na *medina* (cidade velha) de Fez el-Bari (Fez-a-Velha) encontra-se também o *Medersa el Sharij*, de 1321, onde os eruditos se encontravam anualmente. Nesta antiga cidade real foi ensinada a alquimia de Gabir Bem Hayan, a magia e astrologia de Ali-ash-Shabramallshi e ainda os ensinamentos esotéricos do Alcorão, transmitidos cuidadosamente na cidade desde o tempo dos Omíadas (665-741).

Lá, existiam e estavam ativos os “Irmãos da Pureza”, os *Ikhwân al-Safâ*, uma comunidade místico-filosófica que provinha da teologia espiritual do Corão, com semelhanças com os ensinamentos de Rumi, que teve origem por volta do século IX em Basra, Iraque. Eram filósofos neoplatónicos e artesãos que interpretavam filosoficamente o Alcorão. Procuravam a pureza da vida, do pensamento, do ser e da ação. Estudavam a sabedoria dos números e aprofundavam “o divino Platão” e os antigos filósofos gregos e neopitagóricos. É tal a coincidência formal das descrições dos autores da *Fama Fraternitatis* em relação à Ordem ou Fraternidade Rosacruz e aquilo que se conhece dos Irmãos da Pureza, que muitos autores supuseram que esta tenha sido a matriz

inspiradora daquela (Mcintosh, 1997). Essa coincidência de conteúdos é evidente tanto nos aspetos doutrinários como em relação às regras. Os Irmãos da Pureza possuíam uma obra, o *Rasa'il Ikhwan al Safa*, compêndio de todo o seu saber. Nela podemos ler: a) que cada um dos irmãos deveria vestir-se de modo adequado à sociedade onde se encontrava, b) que cada um deles tinha de designar em vida um sucessor; c) que deveriam levar uma vida casta e digna e a curar os doentes gratuitamente (El-Bizri, 2008). São, quase literalmente três das seis regras instituídas por Cristão Rosacruz para os membros da sua Fraternidade⁴³.

Os *Ikhwân al-Safâ* formavam uma comunidade heterogénea que aceitava com grande liberdade diferentes explicações para um mesmo conceito, tal como é preconizado na *Fama Fraternitatis RC*. Mas um dos conceitos comuns a ambas fraternidades, é apresentada na obra fundamental dos Irmãos da Pureza, o *Rasa'il Ikhwan al Safa*:

*Quando viu o esplendor do universo e o carácter perecível da vida humana, Deus compreendeu que em tão curto espaço de tempo seria impossível ao homem observar todas as maravilhas que ele tinha criado. Por isso, criou um pequeno universo, um microcosmo, que ofereceu a cada homem. E como traria esse pequeno universo no coração, o homem poderia observar o milagre do todo, apesar da sua curta vida*⁴⁴.

Estas linhas têm um significado muito próximo do das frases de aberto da Fama:

Como nos últimos tempos, o único Deus sábio e misericordioso derramou tão copiosamente a sua graça e a sua bondade sobre o género humano, que tem aprofundado cada vez mais a sua compreensão tanto do filho como do que diz respeito à natureza, podemos falar com razão de uma época feliz, que não só nos revelou e fez ver a metade do mundo desconhecida e oculta e nos mostrou muitas maravilhas e obras e criaturas da natureza nunca antes vistas, como sobretudo fez surgir homens muito iluminados e dotados de

⁴³ Os seis estatutos, ou acordos, dos Rosacruz, presentes na *Fama* são:

1. Nenhum deles deve exercer outro ofício que não o de curar os doentes. E deve fazê-lo gratuitamente.
2. Nenhum deles deve ver-se obrigado, por parte da Fraternidade, a usar uma determinada veste. Deverão adaptar-se aos costumes do país.
3. Cada ano, no dia C., cada Irmão deve aparecer em Sancti Spiritus ou comunicar a causa da sua ausência.
4. Cada Irmão deverá procurar uma pessoa digna que possa ser o seu sucessor, após a sua morte.
5. A palavra R.C. será o seu selo, a sua senha e o seu ser mais interior.
6. A Fraternidade deverá permanecer oculta durante cem anos.

⁴⁴ Epístola 26, citada num escrito de Baffioni (2016), cf. <http://plato.stanford.edu/entries/ikhwan-al-safa>

nobreza de coração que restabeleceram parcialmente a respeitabilidade das artes desnaturadas e imperfeitas, para que o homem conceba finalmente a sua nobreza e magnificência e compreenda a razão pela qual é chamado microcosmo e até onde chega a sua arte na natureza.

No relato da Fama, Cristão Rosacruz declara sobre os habitantes de Fez:

Tinha retirado muita utilidade da sua sabedoria, e tinha encontrado nela um fundamento ainda melhor para sua fé, que agora concordava com a harmonia do mundo inteiro e tomava corpo de maneira maravilhosa em todas as épocas. Dele pode deduzir-se que, do mesmo modo que em cada semente está contida uma árvore de fruto, a totalidade do grande mundo está como que presente no pequeno homem, cuja religião, saúde, membros, natureza, língua palavras e obras, formam em conjunto um único som de uma única melodia que se harmoniza com Deus, com o céu e com a terra (...) Portanto, se se pudesse examinar todos os homens da terra, chegar-se-ia à conclusão de que o bem e a consciência estão sempre em harmonia consigo próprios, mas que tudo o mais está maculado por milhares de opiniões incorretas.

Cabe mencionar que no seio do Islão, diversas autoridades afirmam que o profeta Idris, mencionado e louvado no Alcorão, como verdadeiro e justo é, precisamente, Hermes Trismegistos.

3.4. Paracelso

Outra chave importante para compreender os afluentes que alimentam o movimento Rosacruz, é a herança do alquimista e médico, ou *physico*, Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493-1541), conhecido como Paracelsus. As reformas que promoveu na prática da Medicina valeram-lhe títulos como o de “Lutero da Medicina”. A Filosofia e cosmovisão de Paracelso foi para muitos tomada como uma visão religiosa, chamada *Theophrastia Sancta*, baseada na ideia de “duas luzes”: a luz da graça e a luz da natureza. A noção de “luz da natureza” baseia-se na ideia de uma interligação entre toda a natureza viva. Segundo a teoria da matéria desenvolvida por Paracelso, a força vital imanente de cada objeto determina a sua natureza por oposição aos seus componentes visíveis. Portanto, o conhecimento acerca das coisas poderia ser obtido de forma direta ao ser possível ler a ‘assinatura’ presente na estrutura de um objeto. Mas a sua *Theophrastia Sancta*, com a noção de “duas luzes”, era bastante antipática ao clero conservador de ambas as confissões, católica e protestante, mas também à ‘ortodoxia’ médica estabelecida. O que não impediu que tivesse imensos seguidores entre aqueles que buscavam uma nova dispensação religiosa (Godwin et al, 2016).

Se o século XV tinha sido a época da redescoberta filosófica dos textos herméticos, o século XVI acentuou o desenvolvimento desta filosofia através da “Opus Magnum”. Personagens como Cornelio Agrippa, Paracelso, Arbatel ou John Dee, uniram a cabala e a alquimia na tradição espiritual do Ocidente. A magia divina de Marsilio Ficino e de Pico della Mirandola converteu-se em magia operativa. Paracelso será considerado o primeiro médico da era moderna. Na sua obra critica o dogmatismo da medicina oficial galena, sustenta que o conhecimento não se adquire “citando autoridades, mas sim utilizando a observação, as provas e os argumentos”. O seu pensamento era de tal forma revolucionário que foi chamado pelos seus adversários o “Lutero da Medicina”. E pelos seus admiradores, o “Trismegistus Germanicus.”

A obra de Paracelso dá-nos conta de que a sua busca tem como meta, não só alcançar o saber secreto, como também, e principalmente, poder aplicar este saber na cura dos homens. Para Paracelso a verdadeira cura do ser humano só se obtém quando se encontra a harmonia com Deus, quando se nutre de uma fonte de energia que o coloca acima da natureza. No seu *Volumen Paramirum* podemos ler:

Tendo considerado e logo abandonado o que noutros tempos tinha escutado dos professores e do que deixaram escrito os antigos, cheguei à conclusão de que a verdadeira fonte da medicina e a raiz de onde procede, não tinha sido conhecida por nenhum deles, que apenas se tinham dedicado aos riachos, incapazes de subir até à verdadeira fonte.

Para o movimento Rosacruz do século XVII, von Hohenheim é, sem rodeios, um grande mestre de que gostariam de se considerar herdeiros. Paracelso é o único que é referido pelo nome na *Fama Fraternitatis* por duas vezes: “Teofrasto, pela sua vocação foi também um desses heróis, que embora não tivesse pertencido à nossa Fraternidade, leu diligentemente o livro M e inflamou nele o seu claro discernimento inato”.

O segundo lugar onde o seu nome é referido é a abertura do templo funerário de CRC, onde os irmãos encontram, entre outros escritos, um *vocabulary*, um dicionário explicativo. Teofrasto de Honheim, anuncia uma visão espiritual das funções e do valor da inteligência. Ensina uma nova medicina, que se baseia na experiência individual e direta, afastando-se da teoria baseada na autoridade, fosse religiosa ou corporativa, sempre que

contradizia a experiência. É sua a afirmação de que “quem argumenta apenas com palavras e não se baseia nas suas próprias obras e experiências, já perdeu a discussão, tanto na teologia como na medicina”. Um pensamento extremamente afim com o dos Manifestos, em particular com a Fama.

4. O Projeto dos Manifestos e o contexto histórico antes da publicação

Os Manifestos surgem aproximadamente um século após a Reforma de Lutero (1517⁴⁵), num período em que a Europa estava dividida fundamentalmente em dois campos religiosos que se opunham entre si: católicos e protestantes. E tensões entre estes dois partidos em breve iriam irromper na Guerra dos Trinta Anos. Nesta atmosfera de insegurança, muitos encontravam consolo e esperança na visão milenarista e na expectativa de uma iminente nova era.

Embora geralmente rejeitadas pelas correntes mais ortodoxas da Igreja Católica, as concepções milenaristas mantiveram-se persistentes em diversas correntes heterodoxas da cristandade, transmitidas por visionários e mobilizando um número considerável de cristãos ao longo dos séculos. Um desses visionários, que teve uma importância seminal, foi Joaquim de Fiore (1135-1202), um abade cisterciense calabrês (Reeves, 1976), cuja visão do movimento da História repercutiu fortemente na Europa do século XIII, disseminada, entre outros, pelos franciscanos – os “espirituais”, que foram alvo da perseguição inquisitorial⁴⁶, como hereges. Joaquim de Fiori concebia a História da humanidade desenvolvendo-se em três sucessivos períodos, cada um presidido por uma pessoa da Trindade. A primeira era, ou idade, seria a do Pai, caracterizada pelo ethos do Antigo Testamento, regulada pela Lei. Depois, viria a segunda “idade”, a era do Filho, com ênfase nos evangelhos e na fé. Por fim viria a era do Espírito Santo, ou Paracleto: a era do Amor, da alegria e da liberdade, onde o Conhecimento divino seria revelado diretamente nos corações de toda a humanidade. Neste período, caracterizado pela dispensação do Espírito Santo para toda a humanidade, em que cada um iria poder aceder sem intermediários ao Espírito divino, o clero e a hierarquia eclesiástica acabariam por se tornar obsoletas.

⁴⁵ Se tivermos como marco de referência a publicação das suas 95 Teses

⁴⁶ Também em Portugal teve bastante acolhimento, provavelmente pela mão dos franciscanos espirituais, a ideia de um *Tertio Saeculo*. No reinado de D. Dinis e D. Isabel, surge em diversas povoações o culto do Espírito Santo, provavelmente semelhante ao que ainda hoje sobrevive nos Açores e em algumas partes do Brasil.

De Fiori teria concebido para cada era a duração de 42 gerações, de 30 anos cada. Como a segunda era teria começado com o nascimento de Jesus Cristo, poderia presumir-se que a terceira era começaria por volta de 1260. Entretanto, Joaquim de Fiori supunha que o caminho para a nova era deveria ser aberto por uma fraternidade, uma nova ordem de monges, que pregariam o Evangelho por todo o mundo. Joaquim de Fiori supunha que os primeiros três séculos e meio seriam caracterizados por um período de purificação em que o anticristo reinaria sob a forma de um governo secular e que seria posteriormente destronado, cedendo lugar ao começo efetivo da era do Espírito. A influência joaquimita foi intensamente disseminada em forma de manuscritos e, no século XVI, por textos impressos, que surgem junto com os de outros autores proféticos.

Estas visões e concepções eram partilhadas por muitos, que sentiam que a Reforma luterana não tinha produzido a tão esperada renovação espiritual, e que era necessária uma reforma muito mais fundamental, capaz de renovar os aspetos essenciais da vida. Estes reformadores ‘globais’, enfatizavam a experiência interior, uma atitude de vida de ações em coerência absoluta com o exemplo de Cristo; a dimensão mística, da vida religiosa. Isto em oposição ao que lhes parecia ser o dogmatismo cristalizado, estabelecido na maior parte das Igrejas Protestantes. E, principalmente, também contra o Papado.

Este ponto de vista reformador, digamos, ‘radical’, incluía os saberes, que hoje designaríamos como ciência, as artes e a medicina. E, nesse sentido, tudo apontava para a esperada mudança; por todo o lado surgiam “sinais” de que essa mudança estava próxima. Recentemente Galileu havia apontado o telescópio pela primeira vez para a lua. Copérnico tinha revolucionado a visão do universo, com o seu modelo heliocêntrico. Colombo tinha descoberto o Novo Mundo e Fernão Magalhães tinha tornado as circunavegações do Globo numa realidade. Com as Descobertas, o empirismo tinha assumido uma parte considerável do valor de verdade anteriormente concedido aos paradigmas perpetuados pela escolástica. A visão expandia-se e abriam-se novos horizontes, gerando o sentimento de que a humanidade estava perante a oportunidade de construir um mundo novo e melhor.

Esta perspectiva, estava frequentemente associada a noções filosóficas, diríamos hoje do esoterismo ocidental, provenientes do hermetismo – com as suas derivações na astrologia, nas artes da memória e principalmente na alquimia –, do gnosticismo, do neoplatonismo e da Cabala. Neste contexto, Simon Studion e a sua obra *Naometria* são de importância fundamental para o estudo do período pré-rosacruziano (Godwin *et al*, 2016). Na visão de Studion, a História da humanidade está dividida, não em três, mas em quatro eras. Cada uma associada a um dos seres da visão de Ezequiel⁴⁷. Neste modelo do tempo, a era da águia terminaria em 1620, na qual começaria a última, a era do Leão.

No início do século XVII a atmosfera de expectativa profética na Europa Central tinha atingido um alto grau. E essa expectativa era ainda mais intensificada por uma série de coincidências astronómicas, observadas, entre outros por Johannes Kepler, que assinala e descreve o aparecimento de uma nova estrela, uma supernova, na sua obra *Stella Nova*. Um evento muito importante para os rosacruz de Tübingen⁴⁸ e que é referida nos textos e em ilustrações posteriores. Na obra de referência, “Rosicrucian Trilogy”, de Joscelyn Godwin, Christopher McIntosh & Donate Pahnke McIntosh, são contrapostas algumas destas ocorrências às respetivas especulações:

Em 1602 uma “nova estrela (na realidade um cometa) apareceu na constelação de *Cygnus*, o Cisne. Em 1603, Johannes Kepler (1571-1630) observou uma conjunção de Saturno e Júpiter em Peixes, a qual ele acreditava que teria a mesma configuração que a que tinha ocorrido no nascimento de Cristo. Kepler teria consultado o famoso judeu astrónomo e Rabi, Isaac Abrabanel, que teria proclamado cheio de entusiasmo que essa conjunção significava o nascimento de grandes profetas e obreiros de milagres, e até talvez mesmo do Messias. Uns meses antes, Marte juntou-se à conjunção, que se moveu para Sagitário, um dos três signos de fogo, formando um *trigonum* ígneo.

Em Outubro de 1604, um evento ainda mais notável teve lugar quando uma nova estrela, uma supernova, explodiu na constelação de *Serpens*, a Serpente. Tão próximo da conjunção do “trígono de fogo”, isto pareceu ser mais do que coincidência. Agora Kepler ficou ainda mais entusiasmado, especulando sobre se a supernova não seria uma nova estrela de Belém. Este ano é crucial também na narrativa rosacruz, dado que a partir da data de nascimento de Cristão

⁴⁷ Em Ezequiel 1: 4-26 o profeta relata como quatro seres vivos lhe aparecem com o rosto de Touro, Homem, Águia e Leão.

⁴⁸ Tobias Hess sentia que os tempos estavam maduros para uma reforma geral no sentido transcendental e espiritual: em 1607, tinha fundado em Tübingen um círculo de amigos, uma *societas*, na qual podia desenvolver a sua visão de uma nova era de desenvolvimento espiritual para toda a humanidade.

Rosacruz, fornecida na *Confessio Fraternitatis*, a data da abertura da tumba pode ser calculada como 1604 (Godwin *et al*, 2016).

Por outro lado, a expectativa profética possuía também uma dimensão política (Godwin *et al*, 2016), especialmente do lado Protestante, onde muitas pessoas focavam as suas esperanças no Eleitor Frederico V do Palatinado, casado com a Rainha Elizabete de Inglaterra, filha do Rei James. Frances Yates, no seu *Rosicrucian Elightement* (Yates, 1972) debate sobre até que ponto as profecias milenaristas não teriam influenciado a escolha do Eleitor Palatino, assim como aos seus entusiastas a apoiar a decisão precipitada de aceitar a coroa da Boémia (Yates, 1972: 35), propondo uma leitura enfaticamente política do período pré-rosacruziano.

É neste contexto, neste *zeitgeist*, que são concebidos e preparados os três textos, feitos em nome de uma Ordem fraterna de perfeitos servidores rosacruz. Como vimos, o projeto do círculo de amigos de Tübingen era o de traduzir e divulgar amplamente os textos de apelo à reforma geral do mundo, feitos em nome da Ordem dos irmãos rosacruz. A ideia era fazer isso anonimamente, de modo a que as pessoas dos autores não se sobrepusessem à realidade ideal que eles procuravam mostrar. Essa ideia de anonimato estava presente na forma sigilosa como as primeiras versões manuscritas dos textos circulavam entre amigos, amigos de amigos, sempre ‘*sub rosa*’... É, portanto, compreensível que para muitos contemporâneos fosse um quebra-cabeças aliciante tentar desvendar a identidade dos autores dos ‘Manifestos’ e que somente uns poucos tenham conseguido penetrar neste enigma bem guardado.

Numa carta do Príncipe August von Anhalt, de 21 de Julho de 1612, este dirige-se ao seu amigo íntimo, o médico e colecionador de manuscritos Carl Widemann de Augsburg, pedindo-lhe para saber novas do “Doutor de Tübingen”, acerca do paradeiro da *Confessio Fraternitatis* e de outros textos da Fraternidade, e “se seria possível obtê-los caso os adquira”. Na carta, fica também patente que o príncipe tinha conhecimento do importante facto de que a Fama tinha estado primeiramente em casa de Tobias Hess, que a teria passado ao seu amigo teósofo e alquimista Adam Haslmayr, do Tirol. Ou seja, a alguém que já teria recebido em novembro de 1610 a primeira cópia da *Fama Fraternitatis* que consta nos documentos e cuja resposta à “Meritíssima

Fraternidade dos Teósofos da Rosacruz” representa ao mesmo tempo o primeiro documento impresso de toda a literatura dos Rosacruz.

O príncipe mandou imprimir esta resposta de Haslmayr em Março de 1612, pelos seus próprios meios, e também teve intenção de fazer o mesmo com a *Fama Fraternitatis*, numa imprensa secreta, com a proposta de lhe juntar também a *Confessio Fraternitatis*, que é aí mencionada três vezes. Mas como nem Tobias Hess nem qualquer um do seu círculo de amigos mostrou a mínima disposição de revelar, nesta fase precoce, o segredo acerca da Fraternidade, o Príncipe August von Anhalt foi obrigado a esperar até ao Verão de 1614, quando uma cópia manuscrita da *Confessio* em Latim, proveniente de Kassel, lhe chegou à mão. A ideia inicial de Tobias Hess e dos seus amigos era, evidentemente, enviar “a nossa Fama em cinco línguas (...) junto com a *Confessio em latim*” aos eruditos europeus. Mas antes de iniciarem as traduções e de chegarem a uma decisão sobre o momento mais propício para a publicação dos manifestos, os autores provavelmente tomaram conhecimento de uma ativa distribuição de cópias feitas justamente por alguém que era criticado na Fama e na *Confessio* como “Pseudoquímico”, Benedictus Fíglulos. No fim de 1610, Fíglulos terá trazido esta cópia da Fama para o Tirol (região histórica que inclui o atual estado do Tirol, na Áustria, e a Região Autônoma Trentino-Alto Ádige, em Itália) – ou terá tido lá acesso a um exemplar de Haslmayr – e, meses depois, mandou copiá-la à mão, a várias pessoas, em Kassel, Marburgo e Estrasburgo, de modo que, passado pouco tempo já havia cópias a chegar até Praga. O cientista naturalista dinamarquês Ole Worm conseguiu ler uma cópia da Fama já no fim de 1611, através do professor de química de Marburgo, Johann Hartmann. Na primavera de 1613, Johannes Combach de Marburgo publicou um livro sobre metafísica com uma dedicatória “ad Fraternitatem R. C..”.

No Verão do mesmo ano, o cunhado de Tycho Brahe, Erik Lange, mandou distribuir em Praga, através de amigos, uma resposta entusiástica “aos Senhores e Irmãos da Fraternidade da meritíssima Ordem da Rosacruz.” Pouco tempo depois, apareceu em Frankfurt a Epístola ad Fratres Christianos a Cruce Rosæ, da autoria do médico I. B. P. de Praga, datada de 12 de Janeiro de 1614, portanto, dois meses antes da primeira edição da Fama.

Por causa da publicação da resposta de Haslmayr em 1612, perdeu-se o efeito-surpresa que os autores dos manifestos RC desejavam. A partir daí era de esperar, a qualquer momento, a reprodução da Fama sem o consentimento dos autores, o que de facto sucedeu em março de 1614, em Kassel.

Porque é que Tobias Hess e os seus amigos não anteciparam estes acontecimentos, salvaguardando os seus direitos ao editar eles próprios e a tempo os seus manifestos? A esta pergunta não encontramos resposta nem fontes que pudessem esclarecer o assunto. Outra questão em aberto, é a de saber se alguns membros do grupo teriam decidido num último momento mudar de atitude, permitindo a distribuição de algumas cópias da *Confessio Fraternitatis* já no Verão de 1614, depois publicadas em 1615, em Kassel e Frankfurt, em língua latina e em duas traduções diferentes de alemão. Segundo Carlos Gilly (1998), já existiria ao tempo da edição da *Fama* uma crescente desunião no grupo de Tübingen, também mencionada por Valentin Andreæ no fim de 1614, na sua obra *Tobiæ Hessi Víri Incomparabilis, Immortalitas* (apud Gilly, 1998: 64) ocultando deliberadamente os nomes dos amigos que tinham começado a distanciar-se de Hess, porque não queriam partilhar as humilhações que “este coração puro teve que suportar e de quem talvez nem sequer as sagradas cinzas iam ser poupadas”. Neste escrito, Andreæ afirma que já em Tübingen, Hess era atacado por difamações trocistas:

chamavam-lhe supersticioso, monástico, excêntrico, fantástico; outros difamadores chamavam-lhe Príncipe da Utopia, intérprete de sonhos, pseudo-profeta. Os seus amigos, que eram como irmãos, eram troçados e amaldiçoados, como liga dos fanáticos, bando de conspiradores secretos, ou obscura associação conspirativa.

Ao escrever estas linhas, Andreæ que, entretanto, tinha sido ordenado pastor luterano, contemplava já com algum ceticismo o cálculo de tempo místico e a interpretação bíblica dos algarismos do seu amigo e mestre. Assim, constatou na *Imortalitas*, não sem pena, que também ele acreditou no “espírito paradoxal de Hess e numa sabe-se lá se inventada, Época de Ouro, tanto como num, seja lá como tenha sido obtido, cálculo do Juízo de Deus” (Gilly, 1998).

Se nessa altura tudo tivesse acontecido como Andreæ desejava, é bem provável que os manifestos da Fraternidade da Rosacruz não chegassem a ser publicados. Se hoje conhecemos e podemos estudar estes escritos, em última

instância talvez tenhamos a agradecer a Adam Haslmayr e Benedictus Fículos terem distribuído tão generosamente as suas cópias mesmo que fossem defeituosas.

5. Tobias Hess: O Rosacruz Inspirador dos Manifestos

É sabido que Tobias Hess perfilhava absolutamente as ideias milenaristas, de Joaquim de Fiori e de Simon Studion, com os seus “cálculos naométricos”, que ele confirmava a partir da sua própria observação e recolha de indícios e ocorrências astronómicas. Assim, dados tantos indícios, era expectável que a o início da Era do Espírito estivesse muito próxima. Na perspetiva de Hess, já estaria a nascer no horizonte da História da humanidade, comparável ao momento que antecede o nascer do sol, em que o dia ainda não nasceu, mas a noite já não está tão escura. Mas seria incorreto reduzir a complexa personalidade de Tobias Hess unicamente ao seu especto milenarista. Hess era reconhecido na época como sendo um homem profundamente religioso e multitalentoso, cuja força atraía os estudantes mais inteligentes e alguns dos mais conceituados professores da Universidade de Tübingen. E este poder de atração não diminuiu quando estes últimos acabaram por se afastar dele e das suas ideias não convencionais e da sua estranha hipótese de um *Tertio Sæculo*, de que já estavam tão distantes.

Os escritos de Andreæ (Gilly, 1998: 196-218) dão-nos uma ideia da personalidade de Hess, controversa, criticada por uns e admirada por outros. Após a morte de Hess, a 24 de novembro de 1614, Andreae refere-se a ele como um “pai, irmão, mestre, amigo e companheiro ao mesmo tempo” (Gilly, 1998). Hess representava para Andreæ alguém semelhante ao próprio Cristão Rosacruz, o protótipo de um Hércules cristão que deveria realizar pela pureza da vida, o mesmo que Martinho Lutero tinha feito pela Reforma. Era a imagem de Hess criada por Andreæ que transparecia na publicação anónima de 1615 dos seus escritos *Herculis Christiani Luctæ XXIV* e *De Christiani Cosmoxeni Genitura* (Gilly, 1998). Também na sua *Mythologia Christiana* de 1619, que foi traduzida em Alemão sob o título *Wahrheits mund, Boca da Verdade*, em 1665, Andræ dedicou um dos mais tocantes capítulos, *Leibsöffnung eines verstorbenen fromm en Menschen* ou *Anatomia, Abertura Corporal de um Homem Devoto*, à memória do seu grande mestre (Gilly, 1998), Tobias Hess.

Em *Immortalitas* (Gilly, 1998), Andreae afirma postumamente que Hess tinha encontrado um acesso triplo para a contemplação Direta de Deus:

em primeiro lugar aprofundar-se nas Sagradas Escrituras, com todas as experiências dos profetas, apóstolos e mártires; em segundo lugar conhecer a natureza, através de profunda investigação; e em terceiro lugar, pela prática da imitação de Cristo, da realização do amor ao próximo, em atos (Smit, 2001).

É também nesta obra que Valentin se declara pela primeira vez abertamente adepto de Hess, falando dele como: “o bom jurista” Tobias Hess, não só “um teólogo soberbo” “amigo de Deus”, “servidor de Cristo, irmão do seu próximo, doutor Verdadeiro e Benfeitor”, louvando-o também como “médico excelente”, inventor genial, e *Mecanicus* fabuloso, graça da literatura, estrela de Tübingen e tesoureiro da natureza”⁴⁹. Semelhantes foram as palavras que Andreæ e os seus amigos mandaram gravar no epitáfio do falecido Tobias Hess:

Em memória de Tobias Hess, eminente Doutor em Direito, insigne teólogo, médico esclarecido, o melhor, o mais devoto e o mais paciente homem. OS AMIGOS⁵⁰

Na obra de Comenius, *Pansophiæ Præludium* (1730), expressa-se a ideia de que o fundamental de toda a filosofia, “contém muitíssimo da teologia, muito da medicina e pouquíssimo da jurisprudência.” (Gilly, 1998), à semelhança da frase já aparecia no segundo capítulo da *Confessio*:

Não temos nenhuma outra filosofia a não ser aquela que é cabeça e soma de todas as outras faculdades, ciências e artes, e que tendo em vista o nosso século, compreende muito da teologia e medicina, mas pouco de jurisprudência.

Tobias Hess representava pois, para Andreæ, não somente o exemplo imortal para a posteridade, mas ao mesmo tempo o protótipo da figura que emerge nos manifestos, Christian Rosenkreutz, o fundador da Fraternidade (Gilly, 1998).

Tobias Hess nasceu em Nuremberga, a 31 de janeiro de 1568. O seu avô Johann era *physicus* desta cidade e faleceu em 1564. O seu pai, membro

⁴⁹ Andreæ. *Tobiæ Hessi Immortalitas* (pp. 298-299). Semelhantes louvores sobre Hess encontram-se em *De Christiani Cosmoxeti Genitura Indicium* (Montbéliard, 1615; Estrasburgo, 1619) e também em *Herculis Christiani Luctæ XXIV* (Estrasburgo, 1615), em que Andreæ comenta numa forma velada as épocas mais decisivas da vida do seu mestre. (Gilly 1998).

⁵⁰ “*Memoriæ Tobiæ Hess; Juris utriusque Doctoris, Theologi insignis, Medici clarissimi, Viri optimi, piissimi, patientissimi. AMICI*”, em Andreæ, *Tobiæ Hessi Immortalitas*. a. O. P. 348. (Gilly, 1998)..

do Senado da cidade de Nuremberga, também se chamava Johann e faleceu em 1591. A sua mãe chamava-se Magdalena, o que consta no contrato de casamento de Tobias Hess com Agnes, filha do então curador de Bebenhausen Conrad Kienlin, datado de 10 de outubro, de 1588. Seguindo o pedido do pai, Hess começou pelo estudo da jurisprudência em Altdorf em 1583, continuou depois em 1586 em Erfurt e foi terminar os estudos em Tübingen a partir de 1588, onde alcançou, a 10 de maio de 1592, o título de Doutor em ambas as leis.

O quadro descrito por Andreae sobre Hess (Gilly, 1998) aponta-o como possuidor de uma carreira académica profícua, mas tensa. A partir dessas fontes podemos perceber que Hess, apesar de ter sido bom aluno, considerava o tempo de estudo académico com um certo menosprezo, pois a universidade só lhe tinha dado aquilo que menos o interessava. Segundo Andreae, Hess chegou em poucos anos a um notável domínio da língua latina, grega e hebraica – epítetos igualmente atribuídos a Cristão Rosacruz, na Fama. Em relação aos estudos filosóficos, não se limitou a um estudo superficial da Filosofia, como era hábito, mas pelo contrário, ter-se-ia preenchido totalmente dela, tratando da mesma maneira a Poesia e a História. Tanto às perguntas de matemática e de filosofia natural como de História, refere Andreae, ele tinha sempre as respostas prontas, que lhe fluíam literalmente da boca (Gilly, 1998). Por outro lado, conforme nos relata Andreae, Hess teria realizado muitas vezes serviços de artesão, conseguindo assim uma tal habilidade na mecânica que poucos se poderiam considerar igual a ele. Mas não se contentando com estas realizações, Hess desabafa com Andreae não ter encontrado “nisto alimento para o Espírito e a Alma.” Tendo praticado algum tempo a jurisprudência em Speyer e Tübingen, Hess desiste do capelo académico e a partir daí dedica-se inteiramente à medicina e à botânica; ao estudo do grande Livro da Natureza, *Librum Dei Magnum*.

Pouco tempo depois, Hess começou a sentir-se farto dos “doutores arrogantes” da Universidade vestidos de púrpura, dedicando-se cada vez mais a Paracelso, o qual se tinha dedicado a procurar com afincos a harmonia entre a medicina e a natureza, não se poupando ao trabalho prático e à experiência, procurando simultaneamente aprofundar-se na pesquisa da composição das matérias

(Gilly, 1998). Hess era um incondicional adepto de Paracelso – ao contrário de Andreae. Esse facto era tão conhecido na Alemanha, que Ulrich Bollinger lhe dedicou na sua poética enumeração dos espagíricos mais importantes no fim da obra *Basílica Chymica* de Oswald Croll (1609) os seguintes versos entre outros: “[Hess] abandonou os volumes confusos duma jurisprudência rígida, para se poder dedicar agora, ó rei Paracelso, à tua obra”⁵¹. Ou, pensando nas repetidas acusações da parte da corporação dos médicos de Tübingen entre 1599 e 1609 contra Tobias Hess, “o tal aluno do ímpio Paracelso”, que até organizou em sua casa sessões de leitura das obras de Hohenheimi” (Gilly, 1993).

Porém, não é por Andreae que sabemos de Hess como alquimista. Na realidade é significativo que Andreae não tenha mencionado a intensa atividade na Alquimia que Hess praticou na sua própria casa na altura em que o pai de Andreae ainda vivia (Gilly, 1998), pois algumas das fórmulas alquímicas ainda hoje existentes tinham sido feitas em nome do seu pai, Johannes Andreae, e de Tobias Hess, e terminam com a sentença:

*Imortal Alquimista Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, na unidade com o Pai e o Espírito Santo, de quem seja a honra e louvor por toda a eternidade, pelas grandes obras aqui manifestadas e realizadas. Ámen, ámen, ámen.*⁵²

Mas, por outro lado, Andreae refere-se a alguns autores que faziam parte da leitura favorita de Hess (Paracelso, Severino), embora não mencione todos os outros livros com que Hess se ocupou intensamente, onde constam numerosas anotações e sublinhados feitos pela sua própria mão: *Ars Magna*, de Lull; *De Arte Cabalística*, de Reuchlinus; *Clavis Steganographiæ*, de Thrithemius; *Oraculo della Renovazione della Chiesa*, de Savonarola; *Bíblia Latina*, de Castellio; *Mystica et prophetica libri Geneseos Interpretativo*, de Brocardo; *Zoroaster*, de Jessenius; *Interpretativo Somniorum*, de Artemidorus, entre muitos outros (Gilly 1995).

⁵¹ Ille prius rigidi perplexa volumina iuris. Nunc Opus evolvit, Rex Paracelsæ, tuum.

⁵² *Immortal Spagyro Christo Jesu cruxifixo et resuscitato, in unitate Patris et spiritus Sancti pro hisce magnalibus sit honor immortalis et perennis gloria in secula seculorum Amen Amen Amen.* In

Collegium Chymicum exhibitum a Paulo Fetzero Phamarcopaeo (1648) Darmstadt LB, Ms 589 pp (186-189). Ali também se encontra “Mercurius vitæ clarissimi simulque Doctissimi Tobiae Hessij i(uris) u(triusque) D(octoris)” dividido em sete capítulos, parcialmente em letra codificada (Gilly, 1998).

A obra escrita *Naometria* [medição do templo] é um livro de profecias atribuído a Simon Studion e publicado em 1604. Dedicado a Frederico I, Duque de Württemberg, as suas duas mil páginas cobrem previsões baseadas em numerologia que incluem a destruição do Papado. O seu aparecimento em Tübingen atraiu o interesse suficiente para que se tenha formado uma “Societas” Naometrica”, que incluiu Tobias Hess (McClean, 1983). Andreæ também refere o cálculo do tempo “naométrico” de Hesse e das suas “brincadeiras numéricas bíblicas”, mesmo quando deles já se tinha distanciado. Mas não mencionou Hess nem com uma palavra, quando, sob o título *Insolita*, tratou Simon Studion e Jacopo Brocardo, ambos muito estimados por Hess, como “esquisitos” e “incompreensíveis”, chegando até a ridicularizá-los (Gilly, 1998). Também na sua *Immortalitas* considerou injustificável que haja “pessoas respeitadas que rompem a amizade cristã com cidadãos que se ocupam “com tal aritmética ingénua, e que são capazes, ainda por cima, de persegui-los por causa disso (Gilly, 1998).

Na sua obra, *Theca*, Andreæ deixou duas sentenças com carácter milenarista: uma refere-se à *cruce signati*, no sentido de “*Cosmoxenus*”⁵³ – estrangeiro neste mundo –, ou seja, daqueles que como Hess, não sonambulam neste mundo como cegos em relação a tantos sinais de Deus, mas sabem por que razão estes se manifestaram e o que significam, contrariamente aos restantes ignorantes, que consideram tais aparências como casuais e inúteis” (Gilly, 1998)

A *Theca Gladii Spiritus* ou *Bainha da Espada do Espírito*, é a única obra que foi atribuída a Tobias Hess. Foi editada em Estrasburgo, em 1616, sob anonimato, mas o editor apresenta as 800 sentenças que a obra contém como uma coleção de excertos compilados de obras do falecido Tobias Hess. Porém, estas sentenças foram tiradas dos apontamentos escritos tomados anteriormente pelo próprio Andreæ, do pensamento de Hess, com o qual se tinha identificado totalmente. Somente em 1642, no *Indiculus Librorum*, é que Andreæ declarou ser afinal ele próprio o único autor da *Theca*. E na sua autobiografia, *Vita*, explicou ter retirado estas sentenças dos ensinamentos de

⁵³ O termo, que significa “estrangeiro neste mundo”, surge também nas *Núpcias Alquímicas*

Tobias Hess, “deste homem santo, conhecedor máximo de toda a literatura, e que agora permanece no céu entre os santos” (Gilly 1998).

Com esta confissão tardia, Andreæ declara indiretamente ser Hess a fonte das ideias dos manifestos e, por outro lado, ao declarar-se como autor material da *Theca*, declara-se implicitamente também como autor da *Confessio Fraternitatis R. C.*, dado que a *Theca* contém não só numerosas citações de obras de Andreæ que já existiam publicadas na altura e de outras ainda não publicadas, mas também as mencionadas 28 sentenças, ou *rationes*, da *Confessio* (Brecht *apud* Faggionato, 2006: 284).

6. Quem escreveu os Manifestos Rosacruz?

Embora haja amplo consenso de que a autoria ideológica – e ideativa – dos três manifestos seja possivelmente coletiva, hipótese que já alguns contemporâneos teriam aventado, como vimos atrás, geralmente considera-se credível que Andreæ tenha também escrito a *Fama*, embora isso ainda não tenha sido cabalmente provado. As *Núpcias Alquímicas* são o único escrito R. C. do qual Andreæ, na *Vita* – a sua obra autobiográfica –, se declarou explicitamente como autor. Vimos atrás que ao declarar-se como o único autor da *Theca*, assumiu-se, implicitamente, como autor da *Confessio Fraternitatis*.

Entretanto, seja pela redação uniforme do texto, pelo estilo e, sobretudo, pelas expressões em latim, está excluída qualquer outra conclusão a não ser que a *Fama* foi redigida por uma única pessoa, muito provavelmente, pelo escritor do grupo, o mesmo que criou nas *Núpcias Alquímicas* a lendária figura de Cristão Rosacruz (Gilly, 1998). Isto, claro, mantendo que a linha de pensamento e as ideias principais que são apresentados na *Fama* devem ser vistas como obra de Hess e dos seus amigos mais próximos (Gilly, 1998).

O círculo principal dos amigos de Hess, o círculo de Tübingen, provavelmente só se formou em 1607. Andreae juntar-se-ia ao grupo, que no ano de 1608 contava com 12 membros (Smit, 2001). Mas é provável que Andreae e Hess já se conhecessem anos antes, dado, entre outras circunstâncias, Hess ser médico de família e amigo do seu pai, Abraham Hoelz⁵⁴. Segundo palavras de Andreæ, a esta irmandade do amor, “intimum amoris foedus” pertencia também, além de Fische e Hoelz, o seu irmão mais novo, Johann Ludwig. Possivelmente estes quatro eram os únicos que sabiam da verdadeira identidade do escritor da *Fama* e da *Confessio*. Os outros amigos que mais tarde entraram no grupo (Anton Frey, Thomas Lansius, Wilhelm Bidenbach, Johannes Stoffe, Wilhelm Schickard, Christoph Welling,

⁵⁴ Carlos Gilly opõe-se à hipótese, defendida por alguns, de Andreæ ter conhecido Hess somente em 1608, baseado nas suas *Vita* e *Praecox Maturitas*. Segundo ele, Andreæ conhecia Hess já do tempo em que este fazia experiências alquímicas com o pai de Andreæ, que faleceu em 1601. Além deste facto, Hess, já em 1606, era médico da família de Andreæ e tratava os irmãos dele. No começo da *Amicitia*, Andreæ refere-se ao momento anterior em que tinha sido aceite no círculo de amigos de Hess, o que tinha sido possível pela intervenção a seu favor por parte do emérito Johann Fischer, no início de 1608. (Gilly, 1998).

Samuel Hafentreffer) – e talvez até Christoph Besold, que se juntou ao grupo mais tarde – e que foram sempre fiéis a Hess, devem ter sabido quem tinha escrito as *Núpcias Alquímicas*. Mas aos restantes manifestos eventualmente considerariam como obra comum do grupo inicial (Gilly, 1998). Esta hipótese explicaria as anotações enigmáticas que Besold, depois de 1624, em que escreve na margem do seu exemplar impresso da *Fama Fraternitatis*: “Autorem suspicor J.V.A.”, que significa: “suspeito que o autor seja Johann Valentim Andreæ”, pois, afirma, “o emblema da sua família é a cruz e as rosas, que também se encontram nas *Núpcias Alquímicas* (Gilly, 1995).

A autoria de Andreæ em relação à *Fama Fraternitatis* e à *Confessio* não somente era suposta pelos seus amigos, mas também pelos seus inimigos mais ferozes, como Caspar Bucher, que era o primeiro a atacar os Rosacruz de Tübingen, com o seu *Antimenippus*, de 1617. Nesta *oratio academica*, proclamada em Agosto de 1617, perante a audiência da Universidade de Tübingen, e que logo a seguir surgiu em forma impressa na edição de Cellius, é atacado, já não o falecido Tobias Hess, mas sim diretamente o seu aluno favorito, Andreæ, com alusões explícitas, acusando-o de ser o malfeitor principal: “Ó tu, Meritíssimo Rei Menippus, que de simples sacerdote te elevaste a monarca e agora te atreves a querer reformar o mundo inteiro.”⁵⁵

Também o temido panfletista Friederich Grick, alias Irenäus Agnostus, ameaçou, em outubro de 1619, na sua obra *Apologia F. R. C.*, Andreæ e os seus amigos. Estes, ou se declarariam de livre vontade como os autores dos manifestos ou ele próprio iria denunciar publicamente a sua identidade, no seu próximo panfleto impresso. Esta ameaça era para ser levada a sério, pois Grick já tinha dado mostras através da sua referência ao Menippus, autor da *Uranopolitana*, ser bom conhecedor daquilo que se passava em torno dos rosacruz. Andreæ ter-se-ia visto então obrigado a contactar Grick para o informar sobre a razão pela qual tudo se tinha passado daquela forma. Fosse

⁵⁵ Cfr. O texto de Bucher (1617): *Antimenippus sive Oratio: Atrosissimorum et virulentissimorum maledictorum et calumniarum, quas Menippus Literatus et Humanitatis Doctores, inique ac injuste effundit justam retorsionem continens Habita* (Gilly, 1998). A citação de Bucher surge numa edição alemã com o título denunciador: *Debate sobre a Gigantesca Fantasia Mundial da Fraternidade Rosacruz e do Grande Fantasista Menippo*. O debate chegou a ser anunciado no catálogo da Feira do Livro de Frankfurt, na primavera de 1617, mas acabou por não acontecer.

como fosse, o facto é que, em 22 de novembro de 1619, Grick chegou a revelar a um amigo que afinal

o primeiro autêntico autor da *Fama Fraternitatis* e da *Confessio R. C.* é um grande homem, que deseja por enquanto ficar oculto. A sua única intenção era saber das opiniões das pessoas, o que, de facto, conseguiu abundantemente.

No último dos seus panfletos, sob a assinatura de Irenäus Agnostus, *Liber T*, ou *Portus Tranquilitatis*, de junho de 1620, ainda acrescentou mais declarações: “Conheço o autor da Fama e da *Confessio*, este escreveu unicamente por divertimento e ludíbrio” (Gilly, 1998: 30).

Entre os amigos de Tübingen existiriam também alguns provavelmente mais bem informados, nomeadamente Johann Arndt e Melchior Breler. Segundo o testemunho de Friederich Breckling:

Johann Arndt confessou confidencialmente a Christoph Hirsch, como D. Joh. Valentinus Andreæ, também sob *secretum sub rosa*, lhe informou que ele próprio [Andreæ], junto com mais 3 pessoas oriundas de Baden-Wuerttemberg, tinham editado primeiro a *Fama Fraternitatis* com o objetivo de, por trás da cortina, chegarem a saber como ela seria julgada na Europa e se haveria alguns adeptos da Única Verdade espalhados e escondidos e que através dela se pudessem manifestar (Gilly, 1998).

Porém, o texto completo de Breckling, até há 30 anos atrás desconhecido, e inserido numa carta dirigida ao Teósofo dinamarquês Olaf Bjorn, datada de 17 de julho de 1707, é o seguinte:

Pesquisei tanto tempo sobre os Rosacruztes até que soube pelas cartas do falecido Joh. Andreæ, por ele próprio escritas a Christoph Hirsch, pastor em Eisleben, que o falecido Johannes Arndt tanto desejava contactá-los, desejando deles uma futura Reforma, que queria por este motivo deslocar-se à Feira de Frankfurt para os procurar, mas que entretanto o sacerdote do Principado de Baden-Württemberg, D. Johannes Valentinus Andreæ lhe escreveu que afinal não era necessário deslocar-se nem preocupar-se em como encontrar tais pessoas, porque se tratava de uma *pare Figmentum Amicorum* [pura imaginação de amigos] que no país de Baden-Württemberg os Amigos da Única Verdade tinham lançado a voar sobre o mundo, sob anonimato [a *Fama*], a fim de ver quantos amantes da Verdade e da Filosofia ainda existiam na Europa.”⁵⁶

Este documento de que Breckling deu testemunho, era admitido com ceticismo na Histografia RC; mas Arndt sabia muito mais sobre os rosacruztes

⁵⁶ Trata-se de uma carta de Breckling a Olaf Bjorn de 17 de julho de 1707, atualmente na Biblioteca Nacional de Gotha, ms. vol. 197, n.º 9, mencionada por Gilly (1998).

do que geralmente se admitia. No entanto foi encontrado um manuscrito (Gilly 1998) até então desconhecido do já mencionado Christoph Hirsch, uma carta a ele dirigida de 1616, em que Arnd se pronunciou sobre as *Núpcias Alquímicas*, como se segue:

Das *Núpcias Chymicas* resultará certamente uma grande luz e um grande conhecimento da Filosofia, pois não se encontra nesta obra apenas descrições de experiências alquímicas, mas antes coisas muito mais sérias, que eu, como pressentia há muito tempo, verei aparecer no seu devido tempo e lugar. Pois virá o século do Elias artista, assim como foi anunciado pelo monarca dos filósofos e médicos [Paracelso]. Duvido que a minha vida se prolongue até lá, mas por agora felicito o século vindouro por uma tal enorme luz. Eu, por mim, não tendo melhores coisas em vista, contento-me com a sua Fama (Gilly, 1998)

Já Melchior Breler, escreve, na sua obra *Mysterium iniquitatis Pseudoevangelicæ*, editada anonimamente em 1622, que:

esta obra [*Fama Fraternitatis*] tem três homens excelentes como seus autores, que tencionavam chegar a saber o que realmente estava escondido atrás dos assim chamados possuidores da pedra dos sábios. Não se trata de nenhuma conjectura mas sim de pura verdade e tudo o que outros queiram inventar, é nada mais do que mentira e falsidade (Gilly, 1998).

Resta ser considerado o testemunho que o próprio Andreæ nos deixou. Diversos autores, que estudaram ao pormenor as suas múltiplas declarações e distanciamentos acerca da *Fama Fraternitatis* R.C., chegaram à conclusão de que Andreæ era o autor desta (Gilly, 1998) e que ele, em relação a isso, lamentava apenas que esta obra fosse continuada, estragada e traída por comediantes sem pudor “abimpudentissimus histrionibus continuata”. Mesmo que em certas declarações Andreæ se tenha referido à Fama como “divertimento espiritual” ou “entretenimento insignificante”, isso parece ter sido a reação a uma conjuntura não quer dizer que tenha abdicado da mensagem original. Pois, embora tenha afirmado na sua *Turris Babel*, de 1619: “quanto mais reflito sobre esta *Fraternitatis*, mais esta brincadeira me parece maravilhosa”, também acrescenta:

pois nela se juntou tanta expressão de esperança humana, que mesmo homens excelentes deviam ter sentido o desejo de se dirigir à Fraternidade, para assim obter ajuda nos seus próprios trabalhos. E, de facto, uma tal fraternidade ou sociedade de homens sagazes e geniais teria sido capaz de realizar objetivos que a nossa razão ainda não é capaz de captar” (Gilly, 1995).

No entanto, a polémica acerca da Rosacruz parecia nunca mais terminar e Andreæ era obrigado, por razões de segurança, a submeter o seu velho programa a uma nova aparência:

Deixo assim esta fraternidade, mas nunca deixarei a verdadeira fraternidade cristã, que, debaixo da cruz, exala o perfume de rosas e que se distancia totalmente da infâmia mundial com todas as suas aberrações, loucuras e vaidades. Uma tal fraternidade, eu seria capaz de formar a qualquer momento e com qualquer homem sensato, devoto e engenhoso (Gilly, 1995).

No último capítulo da *Turris Babel*, Andreæ, utilizou de novo a linguagem da *Confessio R.C.*, para assim pôr fim ao caos da controvérsia sobre a Fraternidade: “Já chega de tanto trocar das pessoas” – é assim que Andreæ se refere à *Fama*. “Pois bem, vós mortais, não deveis esperar outra fraternidade. A comédia terminou. A Fama disse sim. Agora ela diz NÃO” (Gilly, 1995). Só o próprio autor – ou pelo menos um dos autores – tinha o direito de dar novamente voz à *Fama* e desta forma. Com estas palavras, Andreæ finalmente teria confessado também a autoria da *Fama Fraternitatis*.

Uma outra pergunta que se pode colocar é se os manifestos provêm de uma ordem ou fraternidade, em sentido formal. Em relação a isto, Andreæ escreveu, numa carta datada de 2 de Agosto de 1643 e dirigida ao Príncipe Augusto, a frase apodítica: “Que os Rosacruzess nunca tenham existido verdadeiramente, mas apenas em ficção, estou mais que certo” (Gilly, 1995).

E no entanto, não encerra o debate, nem a pergunta, pois, tal como refere Gilly, também as três sociedades que seguiram, formadas por si – a “*Fraternitatis Christi*”, de 1616; a “*Societas Christiana*”, de 1619; a “*Unio Christiana*”, de 1627 –, não devem ter existido “*in rerum natura*” (Gilly, 1998), mas apenas numa fase de preparação e de projeto. De facto, e na verdade, tinham muito menos tempo de vida do que “a união de amor” ou a “*societas*” de Tobias Hess, para os quais o jovem Andreæ criou em 1607 a pessoa e o nome do Cristão Rosacruz nas *Núpcias Alquímicas*. Também para eles redigiu mais tarde, entre 1608 e 1609, o manifesto pragmático, quer dizer, a *Fama* e a *Confessio Fraternitatis*.

7. Introdução à *Fama Fraternitatis Rosae Crucis*

A *Fama Fraternitatis Roseae Crucis oder Die Bruderschaft des Ordens der Rosenkreuzer* é o mais antigo texto rosacruz conhecido. Resumindo numa tradução livre seria a *Chamada da Fraternidade Rosacruz*. Foi impressa e publicada pela primeira vez em língua alemã, em Março de 1614 por Wilhem Wessel, em Kassel, aparentemente sem conhecimento nem consentimento dos autores, com o título original, *Allgemeine und General Reformation der gantzen weiten Welt*. No mesmo ano da edição, pouco tempo depois, morre Tobias Hess.

Nesta primeira publicação de Kassel, a *Fama Fraternitatis* forma parte de uma edição, que incluía outros textos, começando, em primeiro lugar com um excerto traduzido para alemão de uma obra satírica italiana do autor Trajano Boccalini⁵⁷ (1556-1613), *Ragguagli di Parnasso* [Notícias de Parnaso], publicada em Veneza, em 1612. Esta obra relata, em tom satírico, como Apolo solicita aos sete sábios da Grécia, entre outros, que o aconselhem a encontrar um remédio que regenere o género humano. Os sábios reúnem-se repetidamente para escutar qual o remédio que cada um idealizou como solução dos males do mundo, mas existe uma grande diversidade de pareceres e o desacordo entre os sábios é levado a um paroxismo ridículo. Concordam então em chamar a “Presente Época” para lhe perguntar sobre o mal que a assola. Aparece então a Época. Ao ser inquirida, despe-se e mostra-lhes o seu corpo que parece o de um cadáver. Os sábios tentam em vão encontrar um remédio para os seus males e, temendo que o seu prestígio fique posto em causa, fazem-na vestir-se de novo e despedem-se à pressa.

⁵⁷ Boccalini, escritor e arquiteto, de Loreto, Itália, obteve renome em Roma, até ter escrito o seu trabalho *Ragguagli di Parnaso* (notícias de Parnaso), onde o rei Apolo surge na sua corte a receber queixas de todos os que se apresentam e a distribuir a justiça de acordo com os méritos de cada caso. Num estilo de literatura fantástica, o livro satiriza, de forma alusiva, mas mordaz, as ações e os escritos de vários contemporâneos eminentes. Apesar do renome que tinha alcançado, Boccalini cai em desgraça com esta obra, é perseguido em Roma e refugia-se em Veneza, onde morre misteriosamente menos de um ano após a publicação da sátira. Segundo a *Encyclopædia Britannica*, de acordo com o registo na igreja paroquial de Santa Maria Formosa, morreu de cólicas e febre a 16 de novembro de 1613, mas os escritores contemporâneos afirmam que foi espancado com sacos de areia. O *Ragguagli*, impresso em 1612, foi frequentemente republicado, nomeadamente como prefácio à *Fama Fraternitatis* (1614). Boccalini foi autor de muitas outras obras publicadas postumamente e traduzidas em várias línguas, sendo que algumas nunca vieram a ser impressas. In "Boccalini, Trajano". *Encyclopædia Britannica*. 4 (11.^a ed.). Cambridge University Press. p. 105.

Decidem, então, escrever com magníficas palavras, um tratado sobre a solução para todos os problemas do mundo, atribuindo para isso um preço às coisas. O texto da *Fama* é seguido da carta de *Resposta à Fraternidade dos Teósofos da Rosacruz*, escrita anos antes, provavelmente em 1612, pelo “notarius publicus”, Adam Haslmayr (1555-1630), que encerra o conjunto da publicação. No tratado, Haslmayr designa os rosacruz como sendo os “verdadeiros jesuítas”, por realizarem as obras de Jesus. Numa estranha e triste ironia, será precisamente pela ação dos Jesuítas que Haslmayr acabará anos mais tarde condenado às galés.

Na realidade, os manuscritos da *Fama* já circulavam intensamente, pelo menos desde 1610. Supõe-se até que Tobias Hess terá tido um forte papel na sua distribuição (McIntosh, 2016). Nesse ano, uma das versões terá ido parar às mãos de Haslmayr, que decide escrever aquela que viria a ser a primeira resposta à Fraternidade Rosacruz, em 1612. Através do seu amigo alquimista Carl Widemann, Haslmayr tinha passado o manuscrito da *Fama* ao Príncipe Augusto von Anhalt (1575-1603), que o lê com entusiasmo, iniciando ele próprio uma busca, procurando encontrar a Fraternidade Rosacruz. Nesse contexto é compreensível o apoio do Príncipe à iniciativa de Haslmayr, na esperança de os encontrar (Gilly, 1995). Mas a tentativa de procurar entrar em contacto com os Rosacruz, ou de os apoiar – ou contestar – toma proporção de “furor” na produção de escritos nos 10 anos seguintes ao aparecimento dos três manifestos. O mercado europeu é inundado de obras pró e contra os rosacruz: mais de 400 respostas aparecerão publicadas nos primeiros 10 anos (Smit, 2001: 64).

Algumas destas respostas eram pedidos explícitos para se juntarem aos Rosacruz, outros eram anti-Rosacruz confessos, outros ainda eram de alegados membros da Rosacruz. Havia também intervenções de escritores que pegavam na ideia essencial da Rosacruz e apresentavam a sua própria versão (Goodwin *et al*, 2016). Um dos que figuram nesta última categoria é o médico e alquimista Michael Maier (1569-1622), um dos principais apologistas do Rosacruzianismo nas terras germânicas. Maier visitou a Inglaterra onde terá conhecido o seu colega médico e alquimista inglês, Robert Fludd, talvez o mais prolífico defensor e apologista do movimento rosacruz.

7.1. A edição da *Fama* em português

A primeira tradução para língua portuguesa a partir do texto original da *Fama Fraternitatis*, foi feita por uma equipa formada pela tradutora e investigadora Dorotheia Schneider e pelo autor da presente dissertação. Esta versão, que está no prelo, foi feita a partir da primeira versão impressa, alemã, de Kassel, de 1614, tendo como base o trabalho de Pleun van der Kooij e de Carlos Gilly (1998), e da tradução para inglês de Joscelyn Godwin (2016). A edição de Pleun van der Kooij e de Carlos Gilly inclui o cotejamento com versões manuscritas da *Fama*, que circulavam entre 1612 e 1603, algumas das quais em forma mais próxima da versão final do que aquela que foi impressa em Kassel. Esse cotejamento permitiu também limpar de lacunas e de erros de cópia ou impressão, presentes nas outras versões. A versão final do texto em português, incluindo os termos técnicos, foi fixada pelo autor deste trabalho, após cotejar com outras versões.

Como vimos anteriormente, a primeira edição da *Fama Fraternitatis*, foi feita não só sem o consentimento dos autores, como também se baseou num manuscrito incompleto. Até 1617, foram publicadas, seguidamente, outras edições alemãs da *Fama Fraternitatis*. Todas as edições posteriores basearam-se numa destas publicações, e em todas as edições seguintes até à atualidade, encontram-se as mesmas lacunas de texto e mesmo as correções posteriores foram feitas unicamente na base de especulações e nunca foram realizadas comparações com manuscritos melhores. Os quatro manuscritos da *Fama* existentes antes do ano de 1614, foram apresentados pela primeira vez ao público em 1986, na Biblioteca Philosophica Hermetica – a Ritman Library – de Amsterdão, e descritos no já mencionado Catálogo da exposição *Cimelia Rhodostaurotica* de 1995, publicado pela BPH. Destes quatro, só um único exemplar não apresentava lacunas: tratava-se de um manuscrito da antiga propriedade de Christoph Besold em Salzeburgo; infelizmente faltavam oito páginas, que se perderam, deste documento. Todos os restantes apresentam faltas textuais idênticas às do texto ainda manuscrito que serviu de base à edição principal. Isto permitiu aos investigadores de então concluir que, apesar das muitas variações linguísticas, todos se baseiam numa única cópia, feita à pressa, que foi distribuída a pessoas que não pertenciam ao estreito círculo de

amigos de Tobias Hess, em Tübingen (Gilly, 1995). Como até hoje ainda não se encontrou o Manuscrito original da *Fama*, não foi ainda proferida a última palavra sobre o texto e respetivas perguntas daí resultantes.

A edição da *Fama* em língua portuguesa, ainda no prelo, será até ao momento, a versão mais completa; portanto, um contributo para todos os que têm interesse pela *Fama Fraternitatis R. C.* e que reconhecem a importância que possui este manuscrito, que, com 400 anos, continua a inspirar grande fascínio. Na fixação do texto, respeitámos os critérios da edição e das referências dos melhores especialistas. Nisso somos especialmente devedores dos estudos e pesquisas do investigador holandês Frans Smit, organizador da vasta exposição documental (1998-1999) na Biblioteca Real de Haya, sobre os Quatro Séculos de Tradição Rosacruz. Colocámo-nos também aos ombros de gigantes na investigação de Pleun van der Kooij, que procurou clarificar a confusão dos muito diferentes textos da *Fama* existentes, tendo como base o de Kassel de 1614. A sua intenção era a de reconstituir o mais possível o texto original e de limpar e corrigir o texto dos muitos erros e alterações arbitrárias que se encontram nas edições impressas, e que já tinham sido detetados por A. Santing. Na edição de Pleun van der Kooij e de Gilly são detalhadamente apresentadas as mais importantes variações nos quatro manuscritos primordiais Salzburgo, Gessler, Nagel e Wolfenbüttel, e justificadas cada uma das decisões tomadas na redação do texto.

7.2. O conteúdo da *Fama*

A *Fama*, enquanto chamamento a uma “Reforma Geral e Universal do Mundo Inteiro”, evoca essencialmente a necessidade do equilíbrio entre fé e vida, entre e conhecimento e experiência. Inicia enviando a oração, amor e saudação a todos os que escutarem esta *Fama* “de inspiração cristã”. Começa por agradecer a profusão de conhecimento com que Deus tem agraciado a humanidade, apela a todos a estudarem minuciosamente o Livro da Natureza. Critica os seguidores de ladainhas como as do Papa, de Aristóteles e Galeno. Exalta os espíritos geniais que ao longo de todas as épocas pugnaram pelo progresso da humanidade, destacando Paracelso, e dos que contribuem para a Reforma, sendo que um desses foi o Pai-Irmão, Cristão Rosacruz – o fundador

da Fraternidade. Cristão Rosacruz, de origem germânica, pobre e aristocrata, adotado por um mosteiro, que ainda jovem partiu em viagem com um irmão para visitar a Cidade Santa. E aqui inicia o périplo que descreve simbolicamente a sua iniciação e fontes. A meio da viagem, na ilha de *Cyprus* [Chipre], o irmão falece e C.R.C. muda o rumo da viagem, já não em direção a Jerusalém, mas para Damasco. Aí é recebido por uma comunidade que se dedica à cura e reconhece no jovem C.R.C. um talento e vocação especiais. Após dois anos de ensinamento, essa comunidade recomenda-o a uns sábios de Damkar, Arábia, para onde ele viaja. Lá, após anos de estudo, decide encontrar uma fraternidade de sábios localizada em Fez. Pelo caminho pára no Egito onde se dedica durante algum tempo ao estudo de animais e elementais. Em Fez, atual Marrocos, é recebido pela Fraternidade de verdadeiros sábios que o impressiona profundamente. Essa impressão é causada, não só pelo seu conhecimento – capaz de renovar todas as artes e ciências e religião da Europa – mas também pela sua abertura, transparência e humildade. Imbuídos do espírito de diálogo, o “espírito de Fez”, estes sábios encontravam-se uma vez por ano para partilhar abertamente absolutamente todos os seus tesouros de conhecimento, dispostos a reavaliar as suas convicções e crenças mediante novas descobertas.

Após alguns anos de aprendizagem, C.R.C. já maduro, sente em si o chamamento para partilhar estes conhecimentos e *axiomata* com os europeus. E assim, imbuído de altas esperanças regressa à Europa pela Península Ibérica onde faz soar a sua primeira *Fama*. Cristão Rosacruz oferece todos os seus tesouros espirituais aos sábios e ‘cientistas’ da Europa, mas é rejeitado e ridicularizado. E, assim C.R.C. viaja até às terras alemãs, de onde de novo fez soar a sua chamada, obtendo sensivelmente a mesma reação. O resultado é nulo: entre a incompreensão, a indiferença e o olhar trocista, até por aqueles que, tendo compreendido, temiam que a aceitação dos seus axiomas os fizesse perder o status acumulado e ter de iniciar de novo as suas carreiras.

A partir daí, C.R.C. junto com alguns irmãos, decide construir em segredo uma “Morada Sancta Spiritus” [uma Casa do Espírito Santo] para, a partir daí auxiliar o mundo. Vários autores fazem notar que, pelo caráter alusivo da narrativa, essa ‘Morada’ parece descrever um campo subjetivo, uma

atmosfera espiritual, que religa o mundo terrestre e o da eternidade. Portanto, uma ponte entre a dimensão temporal e a da eternidade⁵⁸. Nessa morada é então fundada a Ordem Rosacruz: uma fraternidade de irmãos sábios, dedicados a auxiliar anonimamente a humanidade. Na *Fama Fraternitatis* descreve-se a criação da Ordem Rosacruz e os seus estatutos, ou acordos, acordo que fizeram, em seis pontos:

10. Nenhum deles deve exercer outro ofício que não o de curar os doentes. E deve fazê-lo gratuitamente.

20. Nenhum deles deve ver-se obrigado, por parte da Fraternidade, a usar uma determinada veste. Deverão adaptar-se aos costumes do país.

30. Cada ano, no dia C., cada Irmão deve aparecer na Casa do Espírito Santo, ou comunicar a causa da sua ausência.

40. Cada Irmão deverá procurar uma pessoa digna que possa ser o seu sucessor, após a sua morte.

50. A palavra R.C. será o seu selo, a sua senha e a descrição do seu ser mais profundo.

60. A Fraternidade deverá permanecer oculta durante cem anos.

Neste ponto, a narrativa dá um salto. Os narradores relatam que muitos anos se passaram e como o primeiro círculo de irmãos foi substituído pelo segundo e assim sucessivamente até que, volvida mais de uma centena de anos, a Ordem já tinha perdido uma parte significativa dos seus conhecimentos originais, nomeadamente já ninguém sabia onde estava sepultado o corpo do Pai-Irmão C.R.C. É então que um irmão arquiteto que tencionava reformar a Casa, encontra a entrada e assim, o grupo dos irmãos presentes descobre o túmulo-templo de C.R.C. e o seu corpo belo e incorruptível, segurando na mão o livro T. Esse túmulo é minuciosamente descrito na sua geometria e nas suas maravilhas: um sol central, mais brilhante que o próprio sol natural, diversas lâmpadas imperecíveis, maravilhosas músicas, livros contendo toda a sabedoria, incluindo, claro, a obra completa de Paracelso.

⁵⁸ Essa ponte entre duas dimensões existenciais – a da ignorância, ou esquecimento, e a da iluminação – está também representada nas *Núpcias Alquímicas*, pelo Palácio do Rei e da Rainha.

A partir dessa Tumba-templo foi então possível reconstruir e reconstituir a ordem Rosacruz e, poderia ser reconstituído todo o conhecimento da humanidade.

A *Fama* termina com a declaração que os rosacruzes desejam partilhar os seus desejos e conhecimentos de alquimia, para fabricar o ouro, mas não o ouro material. É declarada a rejeição absoluta em relação aos que procuram o mero ouro material e é proclamada a inviolabilidade e indestrutibilidade da Ordem. É feito o apelo a que todos os que desejam se juntem para a Reforma geral do mundo e para o aprofundamento de um conhecimento que fará com que se compreenda por que razão o homem foi chamado um “Microcosmo”.

8. Introdução à Confessio Fraternitatis

A *Confessio Fraternitatis Rosae Crucis* – a Confissão, ou Testemunho, da Fraternidade Rosacruz – foi impressa e publicada em 1615, também pelo impressor Wilhem Wessel em Kassel, tal como a *Fama Fraternitatis*, um ano antes. Tal vimos anteriormente, o consenso atribui a sua autoria material a Valentin Andreae, e autoria das ideias e pensamento geral a Tobias Hess e restante círculo.

Se a *Fama* era antecedida de um texto cómico e satírico, a *Ragguagli di Parnaso*, de Boccalini⁵⁹, a primeira edição da *Confessio*, que será em latim – e só posteriormente editada em alemão –, segue a mesma estratégia, fazendo-se anteceder de uma obra, mas desta vez com um tom sério e modesto: um tratado alquímico de um autor de outro modo desconhecido, Philippus à Gabella, que escreve sob o título *Breves Considerações à Mais Secreta Filosofia*, uma análise alquímica à famosa *Monas Hieroglyphica*⁶⁰, uma figura simbólica e um curto tratado criados pelo matemático e alquimista inglês, John Dee (1527-1608/9), que circulava intensamente na época, representando a unidade entre o microcosmo humano e o macrocosmo universal. Gabella relaciona-a com a geometria arquetípica, com o sistema solar, com os numerais árabes, os humores, metais, elementos, o macrocosmo e o microcosmo, a influência das estrelas e a fusão dos opostos (McIntosh et al, 2016). O tratado apresenta algumas referências claramente rosacruz. Nomeadamente, o autor abre declarando a sua esperança de que possa ser honrado com o estudo e a indústria da “Fraternitas R.C.” e encerra com a assinatura “Philemon Philadelphiae R.C.” (Goodwin & McIntosh, 2016: 35,36)

Esta primeira edição em latim não terá a mesma repercussão que a sua tradução em alemão, editada a *solo*, sem outros textos, que será muito mais difundida (McIntosh et al, 2016). A edição em alemão, a *Confessio oder Bekenntnis der Societät und Bruderschaft Rosenkreuz*, torna-se aliás a base para a tradução noutras línguas, nomeadamente em dialeto escocês, e em

⁵⁹ Trajano Boccalini (1556-1613) é autor da sátira *Ragguagli di Parnaso* (1612).

⁶⁰ Ou Mónada Hieroglífica. O glifo, criado por John Dee, reaparece também em *Núpcias Chymicas*.

inglês, incluindo a famosa edição Vaughan (1652)⁶¹. Porém esta versão alemã continha alguns floreios que não estavam na versão latina, mais escurita e direta. Isso contribuiu para alguns erros nas versões inglesas, que já haviam sido detetados e alguns dos quais corrigidos numa versão de F. Norman Price, em 1923.

Na tradução portuguesa, baseámo-nos na versão original, latina, traduzida por Christopher McIntosh e publicada em 2016. No entanto, nas opções de fixação dos termos e compreensão de sentido, seguimos as indicações acerca da Fama dadas por Gilly, van Kooij e de Franz Smit.

A *Confessio Fraternitatis R.C.*, assume-se como um Testamento espiritual: o Testemunho, ou Confissão, da Louvável Fraternidade Rosacruz. Contem 37 fundamentos, ou *razões*, que subjazem às reflexões da Fraternidade da Rosacruz, que são dirigidas aos eruditos da Europa, com a intenção de “dar mais amplas explicações daquelas passagens da *Fama*, que possam ter parecido demasiado breves ou que não se tenha podido expressar noutras línguas”. Na *Confessio* de novo se faz ressoar uma chamada:

Como vos encontrais, ó homens mortais, agora que sabeis que proclamamos Cristo com toda a sua pureza, que condenamos o Papa, que servimos a verdadeira filosofia, que levamos uma existência digna e decente e convidamos muitos, sobretudo aqueles que como nós são testemunhos da luz que irradia de Deus, a uma cooperação unânime?

Nos 37 pontos da *Confessio*, são tratados entre outros os seguintes assuntos: A doutrina do Microcosmo humano, ou verdadeiro Ser, como chave da Filosofia; o Início da Nova Era; a revelação dos segredos; os segredos da sabedoria recebidos não por mérito pessoal mas pela Graça divina, sem ter em conta o estatuto ou a posição de cada um; o alvorecer da nova era e a futura queda do Papado; o apelo à busca do conhecimento da natureza e suas leis; as mensagens de Deus inscritas na *machina mundi*; a absoluta imunidade da Fraternidade Rosacruz e dos seus tesouros; o futuro regresso da sabedoria adâmica; os sinais de Deus nas novas estrelas em Serpentarius e Cisne; no

⁶¹ Christopher McIntosh refere na sua tradução de 2016 outras duas edições inglesas relacionadas com a versão de Vaughan. Designadamente, a que aparece nos *Documentos de Ashmole*, na Bodleian Library, em Oxford, com as referências *Ms. Ashmole, 1478, ff.127'-129* e *Ms. Ashmole 1459, pp. 300-311*. O outro documento está na biblioteca do Royal College of Physicians, em Edimburgo..

tempo que virá, a verdade será não só sentida, mas falada abertamente; o estudo do alfabeto dos céus revela a história da Igreja; o imperativo de ler a Bíblia Sagrada; cada texto bíblico contem pistas para compreender o mundo.

A *Confessio Fraternitatis* enfatiza que os rosacruzes possuem o antídoto para a doença que está a infetar a ciência e a filosofia, e que a “Fraternidade R.C.” possui a chave para o conhecimento relativamente às artes, à filosofia, à teologia ou à medicina. Aqui são dados também alguns dados acerca da fonte dos seus conhecimentos, provenientes da investigação, mas também da iluminação divina. Neste manifesto, os autores reforçam algumas ideias já mencionadas na *Fama* declarando, entre outras coisas, que os sábios da cidade de Damcar constituem um exemplo para os rosacruzes, sobretudo na sua humildade e unanimidade, colocando a verdade acima do seu status e que esse exemplo dever ser seguido pelos governos da Europa. Tal como no primeiro manifesto, neste, todos os que sentem afinidade com a Rosacruz são convidados a se unirem à Fraternidade com a finalidade de juntos construírem uma “nova fortaleza da verdade”. A *Confessio* estabelece a promessa de partilha de todos os tesouros de conhecimento, de saúde e sabedoria, gratuitamente e sem reservas, desde que os candidatos sejam sinceros e não sejam movidos pela cobiça do ouro material. Nela de novo apela à participação na Nova Era:

Resta agora que, num futuro breve que se aproxima a passos rápidos, a língua receba a sua honra, para que o que foi visto, ouvido e cheirado possa finalmente ser dito, depois de o mundo ter dormido sobre a embriaguez do seu cálice envenenado e narcotizante e ir de manhã cedo ao encontro do Sol nascente, de coração aberto, cabeça descoberta e pés descalços.

9. Introdução às Núpcias Alquímicas

O título em alemão, *Chymische Hochzeit Christiani Rosencreutz. Anno 1459*, pode ser traduzido literalmente como o *Casamento Químico*, ou *Núpcias Químicas*, de Cristão Rosacruz, no ano 1459. Utilizamos o termo “alquímico”, que é consensual e generalizado nas edições em várias línguas, porque, tratando-se neste caso de um tratado alquímico, acresce que, no contexto da época, o termo ‘química’ incluía e não se dissociava ainda do da alquimia. No final do século XVI e inícios do seguinte, o estudo dos elementos materiais, sua composição e propriedades, assim como das forças fundamentais, que caracterizam as disciplinas contemporâneas da Física e da Química, estavam ainda, em parte, debaixo do chapéu ontológico da Alquimia, que não separava os aspetos materiais e espirituais da realidade, incluindo na prática o estudo e a transformação do próprio observador e operador, e suas projeções, em âmbitos que hoje procuramos colocar sob o campo da Psicologia⁶², da Filosofia ou da Teologia.

Optámos também por traduzir o nome latino da personagem central, Christiani Rosencreutz – logo na época traduzido para a versão alemã Christian Rozenkreuz – para Cristão Rosacruz, por nos ser evidente o seu valor simbólico, expresso na Fama e na *Confessio*, na qual fica claro que o termo Rosacruz é simbólico em diversos níveis – e.g. designa a Fraternidade, o “símbolo”, o “santo e senha”, o “ser mais profundo”⁶³. O termo “Cristão Rosacruz” é usado para designar um modelo, um protótipo do novo homem – do iniciado da era moderna. Voltaremos a este tema mais adiante.

Esta obra, o terceiro manifesto rosacruz, sai a público pela primeira vez em 1616, em Estrasburgo, pela impressora de Johan Friederich Jung, que

⁶² A coincidência dos campos de investigação torna-se evidente a partir dos estudos e contributos de C. G. Jung. Em 1940, Jung realiza uma série de discursos comemorativos, sob o título *Paracelsica*, que mais tarde ressurgem com o título *Estudos Alquímicos*. Seguem-se outros livros, como *Psicologia e Alquimia* e *Psicologia da Transferência*, onde comenta o *Rosário dos Filósofos*. Jung terminou o seu estudo sobre alquimia entre 1955 e 1956, na sua obra de três tomos *Mysterium Coniunctionis*, na qual comenta o tratado *Aurora Consurgens*, fazendo referência também aos símbolos que aparecem em *Núpcias Alquímicas de CRC*.

⁶³ Ver os “estatutos” da Ordem, em *Fama Fraternitatis*.

numa *epistola na die Fratres Rosae Crucis*, datada de 3 de dezembro de 1615, anuncia o trabalho com as seguintes palavras:

No momento em que termino esta carta, dei para revisão um pequeno livro em alemão com o título: *Nyptiae Chymicae*, ou *Chymische Hochzeit Christiani Rosenkreutz im Jahre 1459*, sem dúvida escrito pelo primeiro Irmão e Fundador da vossa obra. A arte alquímica é descrita na íntegra e enigmaticamente, o que me agradou tanto, que até comentei com o meu empregado: “Este é um livro que vale mesmo a pena imprimir, mesmo que vá ser alvo de inveja e de troça” (Gilly, 1995: 84).

Difere consideravelmente dos dois primeiros manifestos. Em primeiro lugar é o único que Johann Valentin Andreae reconhece explicitamente ser o autor. Em segundo lugar, é absolutamente original na forma e estilo em que é apresentado como uma novela alquímica, como autobiografia de Christian Rosenkreutz, num contexto simbólico, surrealista e satírico, pejado de simbolismo hermético.

A data em que foi escrito permanece especulativa. Mas Carlos Gilly (1998) considera mais provável que as *Chymische Hochzeit* tivessem sido escritas durante a estadia de Andreae em Lauingen, onde esteve a exercer a função de professor particular. Carl Widemann escreveu, na sua listagem de paracelsistas, sobre um amigo de Andreae, o impressor Jacob Winter de Lauingen: “Ele possui as *Núpcias Chymicas*, conhece o Dr. Hess de Tübingen”⁶⁴.

Seja como for, sabemos que a obra é um dos livros mais lidos de Andreae. A obra reflete o seu enorme interesse pelas matemáticas, pela mecânica, assim como a sua enorme erudição e experiência no campo da magia e da alquimia. Mas é também a sua obra mais difícil de compreender, prestando-se a muitas interpretações de tipo alquimista, teológico, psicológico, espiritualista, etc. Andreae transmitiu a sua mensagem através de um relato alegórico narrado na primeira pessoa, que tem como personagem principal Christian Rosenkreutz, Cristão Rosacruz. Mas este, enquanto personagem, difere do dos primeiros manifestos, porque não viaja, não possui vastos

⁶⁴ Paulus, J. *Alchemie und Paracelsismus um 1600. Siebzig Porträts*. In Joachim Telle (Ed.). (1995). *Analecta Paracelsica, Studien zum Nachleben Theophrast von Hohenheims, in deutschen Kulturgebiet der frühen* (pp. 335-406, especialmente 385-386). Estugarda: Franz Steiner Verlag.

conhecimentos, não surge associado a uma Fraternidade de Irmãos Rosacruz, nem à Fundação de uma Morada do Espírito Santo, como na *Fama*.

O Cristão Rosacruz das *Núpcias* é um eremita, já de idade avançada, que tem sobretudo como traço dominante uma humildade despretensiosa e uma fé a toda a prova. Para tentar resolver este aparente desajuste, que já foi notado e fez correr muita tinta, entre os estudiosos, é preciso primeiro responder sem rodeios à questão: Quem foi, ou quem é, C.R.C.?

9.1. Os conteúdos das Núpcias

A Reforma Geral e Universal do Mundo Inteiro, apresentada na *Fama* e desenvolvida na *Confessio*, só podem ser levadas a cabo se o Homem se regenerar através de um despertar da sua *anima* original, que se religa ao Espírito através de um casamento químico, no sentido da alquimia. O candidato, representado por C.R.C., terá de se purificar, transmutando o 'chumbo da sua personalidade, elevando a alma através de várias provas, até à união com o ouro do Espírito. Andreae esboça esta transformação, enquanto processo, em sete fases, ou dias. As *Núpcias* começam com o convite a Cristão Rosacruz para assistir e participar nas bodas reais. Em sete dias ele passará por todas as etapas da iniciação, até chegar a subir a Torre do Olimpo. A humildade de Cristão Rosacruz contrasta com a autoconfiança excessiva de outros convidados. Na noite que antecede a sua viagem Cristão Rosacruz tem um sonho simbólico, onde se vê a si mesmo num poço escuro e profundo com inúmeros companheiros, consciente de que a imagem descreve o estado miserável da humanidade e as tentativas para sair da escuridão, da ignorância, do desespero, para a luz. No poço são baixadas sete cordas e na sexta vez ele consegue sair e ajuda a puxar a sétima e última corda, alçando vários dos seus companheiros. É afirmado que toda a humanidade acabará por sair um dia do seu estado de escuridão. No dia seguinte, Cristão Rosacruz parte de viagem, onde se deparará com aventuras e desventuras, algumas marcadas por imagens reconhecidamente retiradas da obra alquímica e suas fases. No Castelo do Rei e da Rainha, após passar a prova dos sete pesos e não ter sido encontrado leve demais, após uma viagem por mar, junto com a *turba*

philosophorum, irá realizar os processos alquímicos necessários à ressurreição do casal real. No fim é feito cavaleiro da Pedra Áurea. Por fim, instalado na sua nova função de porteiro, inscreve por cima do seu nome: *suma scientia nihil scire*, a maior sabedoria é nada saber. Está consumado o processo alquímico de dissolução da antiga consciência e coagulação da nova consciência. O Espírito ligou-se à alma e C.R.C. tornou-se mestre.

Conclusões:

Quem foi Cristão Rosacruz? Existiu realmente?

Christian Rosenkreuz, Cristão Rosacruz, o Pai e Irmão fundador da ordem, existiu historicamente? Neste ponto não nos referimos às *Núpcias Alquímicas* por nos parecer duvidoso que alguém possa tomar este conto fantástico de forma literal, ao pé da letra. Mas poderíamos supor, atendendo somente aos dois primeiros manifestos, que C.R.C. designaria uma personalidade histórica determinada, mesmo que um pouco mitificada. Ora, a maior parte dos investigadores não é dessa opinião. Se olharmos com atenção, percebemos no relato da Fama, especialmente no momento em que os irmãos R.C. reencontram o túmulo, de C.R.C., que toda a descrição se inscreve no âmbito do fantástico. Os autores provavelmente tinham a intenção de fazer uma descrição rigorosamente significativa, mas alegórica. De outro modo, se fosse sua intenção serem compreendidos num plano histórico, não teriam colocado a mais que suspeitosa descrição de C.R.C. sepultado em 1484 com a obra completa de Paracelso, que à época ainda nem tinha nascido⁶⁵.

Portanto a conclusão consensual é a de que Cristão Rosacruz tal como descrito, não é uma figura histórica. Mas seria simplista afirmar que é simplesmente ficcional, pois, como refere Frans Smit, “o facto de que este escrito se apresente como o primeiro dos Manifestos indica-nos que a reforma geral do mundo tem de ir a par com o caminho de Cristão Rosacruz. Neste sentido há que considerar C.R.C. como o protótipo daqueles que se realizam no mistério cristão da ressurreição, da iniciação para os novos tempos” (Smit, 2001).

Neste contexto, Cristão Rosacruz alude a uma realidade. O seu nome, a sua vida e suas características, podem ser vistos como o símbolo, como o arquétipo, ou protótipo, do iniciado no caminho de experiência e transformação, alegoricamente descrito na obra. Nesse caso, a estratégia não seria nova. Já na Antiguidade, o simbólico e mítico Hermes, ou Mercúrio, Trismegistos, que foi tomado como histórico por Lactâncio, Orígenes e até Agostinho, era o modelo, o exemplo, e autor simbólico dos textos herméticos. O carácter alegórico e

⁶⁵ Donate Panke McIntosh (McIntosh, 2016) chama a atenção para este facto.

intensamente simbólico assumido no primeiro Manifesto publicado, a somar ao surrealista das descrições, leva-nos a considerar que a personagem C.R.C. é uma criação simbólica e mitificada, um protótipo, um arquétipo ideal daquilo que seria precisamente um cristão da rosa e da cruz. O que não nega a possibilidade de ter existido uma, ou várias, pessoas reais, cujas vidas, aspirações e realizações tenham correspondido em essência àquilo que a lenda de C.R.C. pretende transmitir.

Obviamente, não está no âmbito deste trabalho procurar desvendar o enigma da possibilidade de existência de um fundador físico, de um C.R.C. histórico da Ordem Rosacruz. O que está em causa é a relação da personagem descrita com a história, não anulando com isso que para quaisquer movimentos, houve pioneiros, fundadores. Nos capítulos precedentes, desenvolvemos suficientemente como, através da correspondência de J. Valentin Andreae (Gilly 1995), revela-se que, perante o olhar deste e do seu círculo sobre Tobias Hess, a imagem do decano de Tübingen assemelhava-se em muito à de um C.R.C., só que mais humano, ficando matizada na nossa discussão a possibilidade histórica. Mas enquanto construção arquetípica, Cristão Rosacruz representa por um lado a unidade fundamental de todas as religiões, a partir de um cristianismo que é entendido de um modo amplo e inclusivo. E, por outro lado, simboliza um determinado caminho espiritual percorrido de forma consciente e em responsabilidade por si mesmo. Enquanto ‘fórmula’ designa o cristão que realiza o caminho de iniciação espiritual.

A Ordem Rosacruz existiu realmente?

Os rosacruz, a ordem fraterna dos rosacruz a que se referem os manifestos, existiu antes dos manifestos?” Esta questão, como demonstrámos ao longo do nosso trabalho, já era candente na época. E já na época muitos detratores, respondendo negativamente acusavam os autores do logro, da falácia mistificante. O debate prossegue atualmente. E, excluindo o carácter alegórico e não-literal das descrições, permanece a pergunta de saber se os manifestos emanam, ou pelo menos se possuem correspondência com algum tipo de organização, possivelmente hierárquica, iniciática e secreta.

Não há para esta questão uma resposta perentória – que alguma arqueologia futura não pudesse vir a desmentir. Todos os autores constantes na nossa bibliografia são unânimes em considerar que não há conhecimento até ao momento, de fontes diretas ou indiretas, sejam cartas, atas de reunião, ou outro tipo de documento, que prove a existência de uma instituição ou organização rosacruz, anterior ou contemporânea da edição dos Manifestos. Mas sem dúvida que existia uma rede de homens espalhados pela Europa (Godwin *et al*, 2016:6 e Yates, 1972: 35): e.g. Robert Fludd,⁶⁶ em Inglaterra, e Amos Comenius, no leste europeu, entre muitos outros. Pessoas que se reviam na tarefa e nos ideais rosacruz de uma “Reforma Geral do Mundo” e que fraternalmente se encontravam ou se correspondiam. Tal como enfatizava Yates, o termo rosacruz deve ser usado na academia para descrever um movimento cultural e espiritual, sem que necessariamente implique uma pertença a uma organização secreta (cfr Yates, 1972: 35).

Nesse sentido poderíamos responder que sim, que a ordem dos rosacruz existiu, de forma ‘não-localizada’, enquanto movimento de ideais, ideias e ações humanas, sobretudo enquanto causa. Comenius, que na sua obra *Clamore Eliae* afirma que o seu programa de reforma está em consonância com a Reforma geral do Mundo dos rosacruz, já numa carta datada de 1628, tinha escrito a Valentin Andreae a manifestar a sua admiração e pedindo-lhe para ser admitido como seu discípulo. Andreae responde-lhe que se sente velho e cansado de lutar, mas perante a insistência de Comenius que que o pressiona para que ensine a novos combatentes, responde-lhe em 1629:

Não escrevi somente sobre um ideal ou uma história. há oito anos atrás, éramos um grupo de homens de grande renome que nos reuníamos em torno do ludibrium [jogo, cenário, teatro] da vã Fama. E muitos outros estavam dispostos a unir-se a nós quando estalou a guerra que dispersou toda a gente. Uns lamentaram-se de que a maioria tivesse morrido, outros se misturaram-se com as revoltas, e outros desesperaram. No que me concerne, estimei suficiente recolher as velas. Aqueles de entre nós que sobreviveram, esgotados, não são suficientes para limpar os estábulos de Augias. Transferimos de bom grado os restos do nosso naufrágio, felizes se a nossa empresa não tiver fracassado completamente. Servi-vos do nosso conselho e continuai fortemente a nossa causa⁶⁷. (Berga, 2018).

⁶⁶ Robert Fludd é sobejamente conhecido como um apologista dos rosacruz.

⁶⁷ Tradução nossa

Enquanto campo de possibilidades, a fraternidade rosacruz inspirou a criação de centenas de agremiações, movimentos, grupos, milhares de homens e mulheres, ao longo de mais de quatro séculos trabalharam no sentido de tentar materializar a ideia rosacruz, ou uma parcela dessa ideia, no seu tempo espaço.

Em que consistia a tripla Iniciação rosacruz?

Utilizámos várias vezes os termos ‘iniciação’ e ‘iniciático’ referindo-nos ao campo de força e ideias presente no movimento rosacruz, gerado em torno dos Manifestos. Essa percepção, de uma iniciação de cariz especificamente rosacruz, está presente ainda no final do século XVII na criação dos Gold und Rosenkreuzer, ou Rosacruz de Ouro – mais dedicados à alquimia –, ou, como referimos, já no século XVIII, na criação do grau Rosa-Cruz da Maçonaria, ou na criação da *Societas Rosicruciana in Anglia*, mais ritualista, assim como na miríade de grupos criados posteriormente nos 300 anos seguintes, de carácter diversificado e heterogéneo, por vezes bastante diferentes entre si tanto nos objetivos como nos métodos. Mas que ideias-chave se encontram nos Manifestos, que nos permitam definir o caminho espiritual rosacruz? Tal como mostrámos nos capítulos iniciais, o programa iniciático rosacruz pode ser definido pela fórmula: “Nascido de Deus – Morto em Jesus⁶⁸ – Renascido pelo Espírito Santo”. Comparável ao processo alquímico triplo já aludido neste trabalho, o percurso existencial rosacruz processa-se em três fases distintas. Na primeira fase, “Nascido de Deus”, *Ex Deo Nascimur*, o iniciado toma consciência de que nele está oculta em potência a natureza espiritual, o homem espiritual adâmico, nascido de Deus. Com base na fé, ele confia-se à centelha do fogo espiritual no seu ser e permite que ela realize a transmutação de si mesmo.

Na segunda fase, “Morto em Jesus”, *In Jesu Morimur*, reconhece no seu imo a necessidade de que o “velho rei”, a sua auto-afirmação, morra nas forças da nova alma, o “novo rei”, ligada ao Espírito. A “semelhança de Deus” pode agora tornar-se ativa. Ao tornar-se consciente das novas forças vitais do novo princípio animador, simbolizado por Jesus, ele pode então deixar o princípio

⁶⁸ No século XX, Rudolf Steiner para salientar o carácter de protótipo espiritual, corrige a formulação “morto em Jesus” por “morto em Cristo”.

anímico egocêntrico pereça. Surge então uma nova luz de consciência, centrada no coração.

Abre-se então a terceira etapa da obra alquímica: Renascido pelo Espírito Santo, *Per Spiritu Sanctum Reviviscimus*. O iniciado torna-se como que uma nova pessoa. Renasce simbolicamente para um novo estado de consciência, uma nova atitude de vida. Livre de toda a afirmação egocêntrica, e inspirado pelo Espírito, ele passa a expressar a nova alma, empregando toda a sua energia e faculdades na colaboração com o Plano de Deus.

No conjunto, estes três aspetos iniciáticos formam o *Trigonum Igneum* dos rosacruz.

Como definir a Reforma dos Rosacruz?

Outra conclusão a reter é a de que a aspiração dos redatores dos Manifestos em matéria religiosa ultrapassava as ambições da Reforma protestante e distanciava-se desta nos seus âmbitos e objetivos. Tal como os protestantes, os rosacruz negam absolutamente a autoridade do papado e mostram o maior interesse pelo conhecimento da bíblia. Mas ao contrário dos seus irmãos luteranos e calvinistas, os rosacruz negam toda a intermediação entre o homem e o divino. Para os rosacruz Deus não está no exterior, mas sim no interior e é por isso que cada ser humano é um microcosmo, ou seja, resumo essencial de toda a criação, à imagem do Criador. Para os rosacruz, o âmbito religioso e espiritual é matéria de conhecimento progressivo. Negam todo o dogma, argumento de autoridade e defendem a possibilidade da revelação a todos os “fortes”. Nos textos rosacruz a experiência cristã não se define através de um culto, mas através de um tipo de conhecimento, em sentido muito particular, de uma transformação, aliás uma transmutação, estrutural da consciência⁶⁹. É nesse sentido que a *Fama Fraternitatis* fala de uma Fraternidade cristã centrada em aspetos da sabedoria de toda a humanidade desde a sua origem. É também nessa direção que Tobias Hess falava da terceira era da História da humanidade, em que o Espírito Santo iria restabelecer a via do cristianismo interior.

⁶⁹ Cfr. o que escrevemos sobre as *Núpcias Alquímicas*.

Nesse contexto, a personagem Cristão Rosacruz e os seus processos representam, como dissemos, o protótipo de uma nova génese humana e ao mesmo tempo, a proposta de realização de etapas intermédias, ou tarefas, conducentes ao estabelecimento de esse novo período para a humanidade.

No conjunto, conseguimos claramente distinguir três tarefas. A primeira, como dissemos, é a realização consciente de um novo ser humano – o homem adâmico, à imagem e semelhança de Deus. Outra tarefa que se depreende, como também referimos, é a da unificação dos objetivos e caminhos de todas as religiões precedentes, tendentes a desenvolver cada uma alguns aspetos do verdadeiro ser. O novo desenvolvimento humano, na força de Cristo, é apresentado nas *Núpcias* como uma possibilidade de realização dos *mistérios* aberta a todos os seres humanos, a ser realizada por cada um, individualmente, em plena consciência e responsabilidade própria, a partir do seu próprio pensamento conceptual autónomo.

Contributos do movimento rosacruz

para o pensamento moderno e contemporâneo

No século XVII, os adeptos do movimento rosacruz por toda a Europa defendiam, junto com os protestantes a liberdade religiosa, a separação entre o Estado e a Igreja, assim como outros ideais, só tornados realidade muito mais tarde, como a liberdade de imprensa e de opinião. Mas os Manifestos rosacruz proclama uma reforma fundamental e total, a partir do ponto em que o Renascimento tinha chegado: a vivificação do *Homo Universalis*.

Proposta utópica? Observando os últimos 400 anos de história do movimento rosacruz⁷⁰, temos a perceção de que os movimentos e grupos, lojas e capítulos, onde fraternalmente se trabalhou espiritualmente e simbolicamente, foram frequentemente cadinhos onde se acrisolaram ideias, ditas utópicas, que acabaram por transbordar para ‘fora’ e inspirar os espaços vitais culturais, políticos e sociais. Foi assim com as ideias de Liberdade no campo da expressão, do ensino, da religião, das artes; de Igualdade, no campo dos direitos e deveres legais e cívicos. E, quem sabe, de Fraternidade entre todos os seres humanos, algum dia.

⁷⁰ Cfr. O anexo *Cronologia Rosacruz*

Tal como fomos assentando ao longo dos capítulos anteriores, a ciência moderna desenvolveu-se como resultado de uma visão nova e otimista da natureza humana, que fomentou a convicção de que o homem tinha a capacidade de se melhorar a si próprio e ao mundo. Essa avaliação otimista da natureza do ser humano (re)surgiu, como referimos, nos escritos neoplatónicos, hermetistas e cabalistas florentinos do *quattrocento* italiano e foi levada para o século XVII através da filosofia, da alquimia, da astrologia e da magia. Yates, como vimos, foi das primeiras a defender a tese – hoje aceite numa forma matizada e menos radical – de que a própria ideia de que o homem poderia mudar seu ambiente para melhor, e aproveitar os poderes da natureza para seu benefício, tinha as suas raízes no mundo mágico dos hermetistas do Renascimento. Na opinião de Yates, os Manifestos Rosacruz do início do século XVII eram expressões perfeitas da nova e estimulante visão do potencial e das proezas humanas que tornaram possível a revolução científica. Com o seu apelo para a "Reforma Universal e Geral do mundo inteiro" e a sua convicção de que a criação poderia ser trazida de volta ao estado adâmico, os manifestos rosacruz forneciam uma ponte entre o cristianismo hermético e a ciência moderna. Nesse contexto, Yates sugeriu que a palavra “rosacruz” deveria entrar no vocabulário dos historiadores sérios para descrever o tipo de mentalidade ativista e reformista que preparou o caminho para a ciência moderna.

Na mesma linha de pensamento, parece-nos evidente que os rosacruz ‘clássicos’ do início do século XVII, foram percursores do tipo de filosofia que abriu caminho à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, assim como à consagração em 1948 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Muito embora, seria redutor da nossa parte confundir a proposta rosacruz com a do humanismo dos séculos XVIII, XIX e XX. A proposta rosacruz inclui o humanismo, mas vai mais além, e permanece utópica, dado que o seu âmbito é a transformação do âmago da consciência humana. Uma transformação pela qual as mais altas aspirações preconizadas nas definições e promulgações universais da dignidade humana, não tivessem que ser asseguradas ‘de fora para dentro’, por meios coercivos, dentro de um Estado, ou de um Estado em relação a outro, mas que fossem geradas criativamente,

de ‘dentro para fora’, por cada um, através de uma totalmente outra atitude de vida.

A declaração dos Direitos Humanos de 1948 poderia ser vista como um passo no contexto do programa de uma Nova Ordem Mundial, preconizada na *Confessio*, em direção aos Direitos do Ser, do humano global – biológico e espiritual. Comparativamente, os Direitos Universais do Homem podem ser vistos como uma versão atenuada, parcial, dos direitos universais do homem global, “microcosmo”, incluindo a sua dimensão espiritual. Mas são passíveis de ser tomados, simultaneamente, como o trampolim para uma vida espiritual superior. Tal como refere, por exemplo, o texto da Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, estes visam “a criação de circunstâncias que lhe permitam progredir espiritual e materialmente e alcançar a felicidade”.

Atualmente, a Declaração Universal dos Direitos Humanos consagra principalmente os direitos do homem biológico – tais como o direito à vida, ao alimento, à educação, a um teto conveniente, a ser tratado com dignidade e justiça. Direitos que têm de ser definidos, instituídos, conquistados e defendidos continuamente, muitas vezes através da força e da violência, contra a ausência de direito, ou contra as definições diferentes de direito, ou mesmo de humano⁷¹, defendidas por diferentes partidos, nações ou grupos religiosos.

Em paralelo, os três Manifestos RC que temos vindo a abordar, defendiam o direito à integração de todos os seres num processo de evolução, no qual cada um pudesse ligar-se diretamente à natureza espiritual universal, a um campo de existência pelo qual não seria necessário lutar. Mote que é amplamente desenvolvido por apologistas rosacruz, como Amos Comenius.

A partir deste campo existencial, são defendidos aquilo que poderíamos chamar de Direitos Universais do Homem Espiritual. Neste sentido, nos textos rosacruz é defendido, entre outros: a) o direito de cada um ao alimento espiritual, enquanto “*Luz*”; b) o direito ao estudo e à compreensão das leis universais que regem o campo imortal da eternidade para c) desenvolver a sua

⁷¹ O tema é debatido entre outros por Huxley no seu *Triunfo dos Porcos*: “Todos são iguais... Mas há uns mais iguais do que outros”...

alma imortal; d) o direito a desenvolver as suas qualidades interiores; e) o direito a um 'lugar' eterno no campo da eternidade.

Independentemente dos termos e formulações usadas, a noção de um ser humano universal, com direitos universais relativos a uma vida digna humana, numa aceção universal de 'dignidade humana', reconhecível por todos, independentemente do credo, etnia, ou classe social, estava lançada. Como referimos, a Guerra dos 30 Anos, com a sua brutalidade, e posteriormente a Revolução Francesa, naquilo que teve de intolerância, ódio, assassinato e guerras, foram fortes obstáculos capazes de neutralizar uma grande parte das forças de ideação e realização que estavam em curso. O mesmo talvez se pudesse dizer das Grandes Guerras Mundiais. Mas algo da ideia, da inspiração e da ação passou à Idade Contemporânea, enquanto *work in progress* para toda a humanidade.

Glossário

A

Alquimia

A alquimia é a Ciência de Hermes e é também a Arte Hermética. Ou seja, a Arte que permite a encarnação do Espírito, o Ouro Filosófico, na matéria e no indivíduo. Enquanto Arte, a alquimia só pode expressar-se ou através da imagem simbólica, ou da sua descrição, pois dirige-se a uma consciência que é sobretudo intuitiva e imaginativa: a consciência do coração. Em várias obras alquímicas do séc. XVI, é evidente que a prática alquímica de laboratório, antecessora das atuais Química e Física, incluía a própria transmutação do operador. A obra alquímica, de modo evidente desde o início do séc. XVII, centra-se menos em experiências de laboratório e mais numa transmutação individual (Hanegraaff *et al*, 2006) do operador, na qual cada uma das etapas reflete um estado de consciência vivido pelo sujeito (Broek & Hanegraaff, 1997) ao longo do seu próprio processo de transmutação. Paracelso, na sua obra *Volumen Paramirum*, refere que:

[Hermes] denomina estas três substâncias como espírito, alma e corpo. Mas não indicou de que maneira devem ser entendidas nem o que significam. Deves saber que significam precisamente os três 'principia', ou seja, o mercúrio, o enxofre e o sal, dos quais se originam os sete metais.

Ars Hermetica. O mesmo que Alquimia

Arte Real. O mesmo que Alquimia.

Axiomas. Os *Axiomata* referidos na *Fama Fraternitatis* e na *Confessio*, constituiriam proposições iluminadas, plenas de conhecimento e sabedoria, que os autores dos Manifestos consideravam poder constituir 'hipóteses de trabalho', capazes de conduzir as ciências, as artes e até as vivências religiosas, a experiências e a conclusões a um expoente nunca visto,

plenamente benéfico para o género humano. Provavelmente alguns dos axiomas aludidos nos textos dos manifestos, são os que surgem na *Fama*, na descrição da descoberta do túmulo-templo do pai e irmão Cristão Rosacruz:

1. *Nequaquam vaccum* (Em nenhuma parte existe vácuo)
2. *Legis Jugum* (O Jugo da Lei)
3. *Libertas Evangelii* (A Liberdade do Evangelho)
4. *Dei Gloria Intacta* (A Glória de Deus é inatacável).

C

Cabala. No final do século XII e início do século XIII, a norte e sul dos Pirenéus orientais, surge um movimento místico judaico, que ficaria conhecido como Cabala, que se estendeu muito rapidamente pelos reinos da Península Ibérica, tendo alcançado o apogeu do seu desenvolvimento clássico no final do século XIII, com o surgimento do Zohar.

Cabala Cristã. No séc. XV, o método cabalístico será utilizado sobre as escrituras neotestamentárias, procurando uma compreensão dos aspetos fundamentais, do cristianismo. Em 1486, Pico della Mirandola, que ficou conhecido como o “príncipe da concórdia”, com 23 anos de idade publica as suas 900 Teses, intituladas *Conclusiones Philosophicae, Cabalisticæ et Theologicae*, onde procura desvelar o tipo de conhecimento essencial, que se encontrava sob as luzes do neoplatonismo, do hermetismo, da cabala e do cristianismo. António de Macedo (2011: 103) refere na sua obra *Cristianismo Iniciático* que

Pico, que se familiarizou profundamente com a cabala hebraica, foi o primeiro erudito a usar as doutrinas da cabala para apoiar e firmar a teologia cristã, sobretudo através das suas obras *Oratio* e *Apologia*. [...] Tanto nas obras de Pico como na obra *De Arte Cabbalistica*, de Johannes Reuchlin (1455-1522), a cabala é reajustada ao ponto de vista cristão. [...] A cabala cristã utilizou largamente a ciência cabalística dos números e das letras para decodificar as referências numéricas constantes nos livros do Novo Testamento, com especial destaque para o Livro do Apocalipse (as 7 cartas, as 7 igrejas, os 7 castiçais; os 7 anjos; os 24 anciãos; os 4 cavaleiros; a besta 666; as 7 cabeças da besta; as 12 portas da Nova Jerusalém...).

E efetivamente, no seu *Discurso Sobre a Dignidade do Homem*, Pico comenta os resultados da sua busca: “Encontrei. Deus é meu testemunho, tanto na religião de Moisés como na Religião de Jesus Cristo”. Ou, nas suas *Conclusiones*: “Nenhuma outra ciência nos prova tanto a divindade do Cristo como a Magia e a Cabala”. E acrescenta:

Nenhum cabalista hebreu pode negar que o nome de Jesus, se interpretado segundo o modo e os princípios da cabala, significa precisamente Deus, isto é, filho de Deus e da Sabedoria do Pai, pela terceira pessoa da divindade, que é um fogo ardentíssimo de amor, e que está unido à natureza humana.

Cálculos Naométricos. Ver “Naometria”

Casa Sancti Spiritus. Literalmente, Casa do Espírito Santo. Mencionado na *Fama Fraternitatis*, constitui simbolicamente a matriz de onde nasce a Fraternidade Rosacruz. Nesse foco se encontra o templo-sepulcral com o corpo intacto de CRC os conhecimentos e luzes necessários ao trabalho de Cura e de Reforma Geral do Mundo. Simbolicamente os membros da Ordem têm como dever visitar a *Casa Sancti Spiritus* pelo menos uma vez por ano em dia determinado.

Corvo. O símbolo mais conhecido da primeira fase da obra alquímica: o “*nigredo*”, ou putrefação, que deve ceder lugar ao “*albedo*” para culminar no “*rubedo*”, a realização plena. Nas *Núpcias Alquímicas*, o corvo surge a C.R.C. para disputar o pão com a pomba. C.R.C. arremete contra o corvo, em defesa da pomba, e nesse movimento adentra pelo caminho que o levará ao Palácio do Rei e da Rainha.

Chipre. Cyprus. Na *Fama Fraternitatis*, a Ilha de Chipre Adquire uma importância simbólica fundamental. É a primeira paragem no périplo de Cristão Rosacruz e o ponto de viragem da narrativa. A personagem central, Cristão Rosacruz, dirige-se ao Santo Sepulcro, à Terra Santa. No imaginário europeu, Jerusalém é a terra do Cristo Histórico. Aí estão as “provas”, os locais, o

sepulcro, onde se alicerça o cristianismo histórico. Por oposição, Damasco evoca Paulo de Tarso, o apóstolo ‘anacrónico’ que encontra Cristo em forma de luz e de voz. Não encontra o Jesus histórico, mas um Cristo-Luz. Esta inflexão, mudança de rota, de um cristianismo histórico, fixado na crença e no tempo, para um outro cristianismo, atemporal, caracterizado pela experiência direta da Luz, está de acordo com a noção rosacruz da Era do Espírito Santo, em que o Paracleto estará acessível a todos os que a ele se quiserem ligar. Significativamente, esta mudança de rota dá-se em Chipre, Cyprus, Cobre. Este metal relaciona-se alquimicamente com Vénus, o Amor (Rijckenborgh, 1993).

Cristão Rosacruz. Na *Fama* e na *Confessio* a expressão designa o “Pai” e “Irmão”, fundador da Irmandade dos Rosacruz. Nas *Núpcias Alquímicas* define o protagonista de uma fábula alquímica. Representa para os rosacruz o protótipo do ser humano que realiza o caminho da iniciação descrito em sete fases nas *Núpcias Alquímicas*.

C.R.C. /CRC Sigla ou acrónimo de Cristão Rosacruz

Christian Rosenkreutz. O mesmo que Cristão Rosacruz

F

Fez [Espírito de]. A expressão “espírito de Fez” adquiriu um significado de espírito de abertura e partilha de conhecimento em ambiente fraternal. Relativo à fraternidade de sábios que C.R.C. encontra em Fez, atual, Marrocos. Na *Fama Fraternitatis* é descrito como estes sábios, que estavam em posse de conhecimentos e segredos capazes de mudar curar e salvar a Europa das suas dificuldades, partilhavam sem reserva absolutamente todos os seus tesouros de sabedoria uns com os outros e com quem a eles se juntasse, aperfeiçoando-se mutuamente numa atmosfera genuinamente fraterna e

humilde. Vários autores conjecturam se esta fraternidade descrita na *Fama* teria algum fundamento histórico, reportando-se por exemplo a uma confraria sufi.

H

Hermes. O Deus grego, Hermes, será considerado na Antiguidade o autor dos textos sapienciais alexandrinos, de inspiração helénica egípcia, conhecidos posteriormente como *Corpus Hermeticum*. Na alquimia, com a designação latina, Mercúrio, designa o Espírito. Durante o processo de transmutação da velha personalidade terrestre – associada ao chumbo – na nova personalidade conduzida diretamente pelo Espírito – associada ao ouro – descreve também a nova faculdade de inteligência espiritual e de criação: o novo mercúrio.

I

Innovatio orbis. Renovação. No contexto da “Reforma Geral e Universal do Mundo Inteiro”, a renovação do ser humano, a partir da mudança de cada um, para uma mudança de todos os paradigmas e da sociedade.

L

Livro M. O *Liber Mundi*, o Livro da Natureza. Para os autores dos Manifestos Rosacruz, o estudo da Philosophia Natural constituiria a fonte de revelação que aproximaria a humanidade da compreensão do Criador.

Livro T. O livro que C.R.C. segura no seu túmulo. Para muitos autores seria o *Liber Theos*, o Livro de Deus. Esta hipótese tem sentido numa linha de compreensão filosófica paracélsica fundamentada nas duas luzes: a da Natureza e a de Deus. Ambas fundamentais no processo de cura e regeneração.

Leão (do Setentrião) Ou Leão do Norte. No *Livro IV*, de Esdras, o escriba Esdras tem sete visões e, na quinta, surge uma águia de três cabeças e vinte asas. A águia é derrotada por um leão e lançada ao fogo. A explicação dada é que a águia se refere ao quarto império da visão de Daniel, com as asas e as cabeças como monarcas. A cena apocalíptica final é do triunfo do Messias sobre o quarto império⁷². Numa das sentenças da obra de Andreae, fala-se do “Leão, o salvador”, a quem um dia será tudo entregue, tanto o Velho como o Novo. Esta última sentença, tal como as oito precedentes e as dezanove que se seguem, também surgem na *Confessio Fraternitatis*. Andreae menciona também na sua *Immortalitas* (Gilly, 1995) a visão que o próprio Hess havia tido nos seus anos de juventude e que tinha causado profunda alteração da sua vida, conforme relatou num texto em Latim, de 1605, dirigido ao soberano do seu país, o Príncipe Frederico de Wurttemberg:⁷³ Além disso, nas notas escritas por Hess nas margens das suas bíblias, como durante os interrogatórios inquisitoriais que Hess teve de suportar, a luta entre o Leão e a Águia está sempre presente. As profecias do leão dos livros canónicos e pseudoepigráficos da Bíblia estavam presentes na edição da *Fama Fraternitatis*. E do Leão também se pode ler no sexto capítulo da *Confessio Fraternitatis*:

...que os nossos tesouros possam ficar a salvo, até que o leão venha e o exija para si, e os receba, e use para fortificar o seu reino.

⁷² A sexta visão é de um homem que cospe fogo sobre uma multidão que o ataca. O homem volta-se então para uma outra multidão, cheia de paz, que o aceita. Esta visão geralmente é tida como se referindo ao Messias. A.T. *Esdras IV*.

⁷³ O excerto do texto atribuído a Tobias Hess diz o seguinte:

O Leão aproximou-se das minhas costas, colocou-me uma pena na mão e obrigou-me a escrever tudo o que vi. Quando ainda era jovem, este mesmo Leão apareceu-me rodeado por uma multidão que o acompanhava e que abanava ramos de palmeira e jubilava, mas bastava apenas a imagem do Leão para lembrar o então estado de graça. Este Leão falou-me com grande rugido, revelando-me a causa do seu aparecimento: que vinha como salvador do seu povo, daquele que tinha vigiado dia e noite até aos nossos dias, para a luta e para o juízo: assim falou o Leão e, enquanto ainda falava, a terra começou a tremer, ficando abalada até ao seu fundamento. Fiquei como que paralisado, não ousei fugir nem sequer abrir a boca. Da boca do Leão, se se me permite dizer, saíam faíscas de fogo e ventos tempestuosos, de tal modo que os animais do ar se levantaram batendo tão fortemente as asas, que tudo o que estava à sua frente se transformou em fumo denso e pó.

Até mesmo a Águia, terror e igualmente beleza deste mundo, que já tinha ultrapassado imensas adversidades do tempo, se levantou assustada. E, assim que foi ferida e que foi perdendo, a pouco a pouco, as suas penas, caiu de costas e torceu-se nua no chão, com a “sua babilónica” goela gritante, desonradamente, ao olhar dos muitos povos e nações ali presentes, que antes tinham temido o seu poder quando ela ainda era a dominadora de todo o mundo.

Ora, Adam Haslmayr mostrou-se em concordância com eles, mas relacionando-os com a Profecia pseudoparacelsiana do Leão do Setentrião [ou do Norte]. E muitos, como Haslmayr interpretaram de forma política a afirmação da *Fama*:

A europa está grávida e dará à luz uma criança forte e os padrinhos vão precisar de muito ouro.

A profecia do Leão do Setentrião e o aniquilamento da Águia, é um texto surgido por volta de 1600 como escrito pseudoepigráfico atribuído a Paracelso, utilizado antes e durante o início da sangrenta Guerra dos Trinta Anos, como propaganda. Nos anos que antecederam a Guerra, o norte da Europa foi inundado por uma torrente de obras e panfletos políticos, libelos, obras satíricas, predições do ‘final dos tempos’, entre as quais se destacavam as profecias do Leão do Setentrião, com as suas referências a Frederico V do Palatinado e a Gustavo Adolfo da Suécia. Porém, ao contrário da propaganda que já antes de 1618⁷⁴ se servia da profecia do Leão do Setentrião, e mesmo da Fama dos Rosacruz, para apoiar a política de Frederico V do Palatinado, ou para glorificar Gustavo Adolfo da Suécia, a *Fama Fraternitatis* tratava fundamentalmente de uma reforma espiritual, uma “Innovatio orbis”, como exprimiu Tobias Hess na sua carta dirigida ao Príncipe Frederico de Wurttemberg. E efetivamente, as notas manuscritas de Hess nas margens da sua Bíblia referentes ao leão, são disso esclarecedoras. Na margem da página do Apocalipse 18,8-10, Hess calculou a última hora do papado, que esperava para o ano de 1620, em que iniciaria finalmente o século do Espírito Santo, em que o leão iria julgar a Babilónia.

M

Mercúrio. *Trismegistus*, na versão latina. O mesmo que Hermes, o *Trismegistos*, na versão grega. Ver “Hermes”.

Microcosmo. Ou “minutus mundum” [pequeno mundo]. A percepção hermética renascentista do ser humano como um microcosmo, resumo e espelho de todo

⁷⁴ Início da Guerra dos Trinta Anos.

o universo permeia nesta época a filosofia, a medicina, as ciências, as artes e a religião. Segundo este ponto de vista, cada ser humano é um microcosmo e o universo é um grande Ser, um macrocosmo. Esse é o sentido dado às palavras do Criador, no Génesis, “façamos o Homem à nossa imagem e semelhança” e ao axioma hermético: “o que está em cima é como o que está em baixo”. Quem conhece o seu pequeno universo, conhece igualmente o grande universo. Sob este ponto de vista, o corpo material e os aspetos psicológicos da personalidade são como a ponta de um iceberg, a parte visível de um ser muito mais amplo e profundo. A parte invisível, com as suas estruturas subtis, vitais, astrais e outras, determina a natureza e o estado de cada um, incluindo a saúde corporal e mental, a suscetibilidade a certo tipo de situações da vida, assim como o potencial de regeneração. Várias correntes de prática médica no Renascimento e no início do século XVII, como a de Paracelso, consideravam necessário ter em conta estes aspetos para uma efetiva cura, não só dos efeitos e sintomas mas também das causas. Uma efetiva mudança em sentido libertador, regenerador, só poderia ter lugar tendo como base o núcleo perene do ser humano e seus aspetos no microcosmo. Neste sentido, Robert Fludd (1574-1637) ensina [Ultriusque Cosmi Historia, Openheim, 1617], que:

os signos do zodíaco ordenam no microcosmo os membros do corpo, da cabeça (Carneiro) aos pés (Peixes). O corpo é o elo mais denso de todo o ser humano: um veículo para a Alma e para o Espírito e palco de todas as tentações e pecados – admirável e maravilhosamente construído para refletir o cosmos divino em todas as suas particularidades.

Segundo Fludd, o sol, o objeto mais brilhante para o olho mortal, é o símbolo universal de Deus. “O sol está no céu como o coração está no corpo humano: é a manifestação de Deus no homem”. E acrescenta que “a alma é a sua luz (...)”, ela é precisamente o sol do microcosmo e dirige através dos seus raios vivificantes o corpo inteiro (Godwin, 1979).

Monas Hyeroglyphica. Ou Mónada Hieroglífica. O glifo, criado por John Dee, reaparece também no terceiro Manifesto RC, as *Núpcias Alquímicas*. Trata-se de uma figura simbólica criada e comentada pelo matemático e alquimista inglês, John Dee (1527-1608/9), representando o microcosmo humano e o macrocosmo universal. Junto com a edição de Estrasburgo da *Confessio* foi

impresso um comentário filosófico a este símbolo, por Philippus à Gabella, com o título *Breves Considerações à Mais Secreta Filosofia*.

O

Opus Magnum. “A Grande Obra”. Relativo à Alquimia. O processo pelo qual se obtinha a Pedra Filosofal.

Ouro. O Ouro representa na alquimia da transmutação dos metais, o mais elevado estado, a coroação da obra. Representa no processo de transmutação alquímica o corolário de *Rubedo*. Enquanto processo de transformação daquele que realiza em si mesmo, no seu laboratório interior, a obra alquímica, o equivalente ao culminar do processo de metamorfose, que conduz a lagarta a formar casulo, crisálida e depois borboleta. Do ponto de vista cristão seria a “transfiguração”, ou a edificação do “corpo glorioso”, mencionado por Paulo de Tarso. Diversos grupos rosacruz ao longo dos últimos 400 anos evocaram esta noção de “Ouro” nas suas próprias designações. A título de exemplo, entre outros, basta pensar nos Rosacruz de Ouro, dos séculos XVII e XVIII e, no século XX e XXI a Rosacruz Áurea. Na Fama, contudo, é profundamente rejeitada qualquer noção literalista ou aspiração a uma eventual produção de ouro material. A esses é dito: “Pfuih! aurum nisi quantum aurum!”...[Pff! Ouro, nada mais que ouro!...].

P

Périplo de Cristão Rosacruz. É a viagem simbólica e iniciática de C.R.C. em torno do Mar Mediterrâneo. Começa num mosteiro europeu, numa viagem direção ao Santo Sepulcro em Jerusalém. Esse objetivo será abandonado em Chipre, Ilha do cobre/vénus, do Amor, pelo novo Destino: Damasco. Aí conhece uma fraternidade dedicada à Cura, que depois de um tempo de aprendizagem, o recomenda a uma outra, na Arábia, que por sua vez o recomenda a uma outra confraria em Fez, no Norte de África, atual Marrocos.

Nestas fraternidades ele recebe os conhecimentos e faculdades capazes de regenerar o género humano. Seguindo o percurso feito pelos textos herméticos séculos antes, regressa à Europa pela Península ibérica, onde faz a sua primeira Chamada aos estudiosos e líderes da Europa.

Pomba. Tipicamente na literatura cristã representa o símbolo do Espírito Santo. Nas *Núpcias Alquímicas* a pomba surge a C.R.C. e recebe os pedaços de pão que ele partilha. Aí provavelmente representa a fase de Albedo, a segunda fase da transmutação alquímica, por oposição ao Corvo, classicamente um símbolo da fase nigredo, a obra ao negro, a primeira fase da obra alquímica.

Profecia. A Profecia Rosacruz, presente na *Fama* e na *Confessio*, afirma que irá acontecer um despertar, dado que a matéria-prima oculta no coração humano rebela-se contra a degeneração e Deus enviou já o seu auxílio através de forças cósmicas. Os textos dos Manifestos falam de uma época futura, iluminada e esclarecida, plena de profundas perceções, não somente em relação ao mundo exterior, mas principalmente, relativamente ao ser mais profundo. Nesse tempo, o ser humano irá compreender plenamente a sua dignidade, o seu valor e o papel que tem a desempenhar segundo o plano divino, imanente. Enraizado na fonte original, que se situa no coração humano, deverá ser desenvolvido um novo pensamento, que já surgiu, livre dos dogmas da religião. Nesse novo desenvolvimento, deverá ser descoberta a verdadeira religião do homem e o parentesco interno de todas as religiões. Nesse processo, a ciência deve associar-se à alma, ao serviço de uma nova ordem mundial, perfeita.

R

Rosacruz. A historiadora Frances Yates propõe que o termo Rosacruz designe um movimento de ideias perfeitamente definido e circunscrito na História, independentemente de se considerar que os seus aderentes fossem ou não

membros de alguma sociedade. Mas o termo é utilizado para designar a Fraternidade Rosacruz [e.g. “A Rosacruz”] ou um membro da referida Fraternidade [e.g. um rosacruz], tanto na aceção ‘mítica’, de uma Fraternidade de iluminados, enviados por Deus à humanidade, descrita nos dois primeiros Manifestos, como na aceção histórica, das organizações posteriores e do público em geral. Neste contexto, algumas organizações do século XX, como a Rosicrucian Fellowship, fundada por Max Heindel em Oceanside, Califórnia, preferem designar os membros de organizações rosacruz como “rosacruceanos”, conservando a designação “Rosacruz”, ou “Rosacruz” para aqueles que reconhecidamente atingiram um determinado desenvolvimento espiritual superior. O termo Rosacruz, mais comumente grafado como “Rosa-Cruz” designa um dos graus superiores em vários Ritos maçónicos.

Enquanto **símbolo** esta palavra composta designa geralmente uma cruz com uma rosa ao centro, ou uma cruz coroada de rosas, ou uma cruz no interior de uma rosa. Por vezes é também associada à imagem do Pelicano de alimenta os seus filhotes com o seu próprio sangue. O conjunto do símbolo, a Rosa e a Cruz, frequentemente é associada a uma dicotomia em que a Rosa é a Vida, a Liberdade, o Cristo, e a Cruz, representa o mundo, a morte e o destino. Como diz Fernando Pessoa (1934: 80), na sua obra *Mensagem*:

Que símbolo fecundo

Vem na aurora ansiosa?

Na Cruz Morta do Mundo

A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino

Traz o dia já visto?

Na Cruz, que é o Destino,

A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final

Mostra o sol já desperto?

Na Cruz morta e fatal

A Rosa do Encoberto.

Filosoficamente, e segundo o especialista Francisco Casanueva Freijo (2012)

A própria palavra Rosacruz é em si uma contradição, pois fala de uma Rosa e de uma Cruz, que simbolizam respetivamente o espiritual e o material, e que pela ação do pensamento libertado deixam de estar em oposição, para se unirem nas núpcias químicas. A Cruz representa (...) os 4 elementos fundamentais de toda a realidade orgânica: hidrogénio, nitrogénio, oxigénio e carbono; ou, como definiam os clássicos: fogo, ar, água e terra. A Rosa representa o foco espiritual no interior do ser humano, a fonte da sua potencial transcendência, a origem de todos os ideais que nutrem a imaginação humana desde a aurora dos tempos. A Cruz faz-nos realistas. A Rosa, idealistas. Todos somos conscientes da permanente luta entre os ideais e a realidade, e também contemplamos que são os ideais insatisfeitos, o caldo de cultivo das nossas frustrações e sofrimentos anímicos. Só um conhecimento profundo da natureza de ambos os campos, do mundo das ideias e do mundo das formas concretas, pode suprimir esse infatigável combate entre o ideal e a realidade. Não a favor do ideal; e tampouco decantando a batalha a favor da realidade. Mas sim pela vitória do Espírito, que unifica o que está separado e pacifica o que se combate sem trégua. A inteligência espiritual é, portanto, o recurso que a humanidade no seu conjunto há-de conquistar o quanto antes, pois só nela há bem-aventurança e paz duradouras.

Rotae (consultar a Rota). Designa o consultar do “Plano de Deus”.

S

Sabedoria Adâmica. O conceito, alude à familiaridade a paradisíaca entre a divindade e o primeiro Homem descrita no Antigo Testamento (Gn 3, 8). A convicção perenialista da existência de uma Prisca Philosophia, ou de uma Prisca Theologia, na qual desde os primeiros tempos Deus foi revelando à humanidade a Sua Sabedoria através de todos os enviados e profetas, entronca na noção da sabedoria adâmica. Adão seria um ser primordial e teria sido dos primeiros seres a participar da dimensão sensível. Na cabala judaica, Adam Kadmon (no hebraico אדם קדמון do aramaico - Homem da Terra), representa o Arquétipo, o Homem Primordial, comparável ao Anthropos do gnosticismo e do maniqueísmo. Ele é a síntese da árvore da vida, que emana de Ain Soph. Depreende-se do início do Antigo Testamento, que por ser

participante da Sabedoria divina, era conhecedor dos Nomes, que designam a natureza de cada uma de todas as coisas. Conhecedor das palavras sintéticas, no Génesis Adão dá o nome a cada criatura. Na aceção destes referenciais Jesus foi considerado o “Segundo Adão”. O termo não aparece na Bíblia, mas foi popularizada a comparação e.g. em Coríntios I, 15:45. Preconizar um período da humanidade onde fosse possível o “regresso da Sabedoria Adâmica”, seria equivalente a defender uma restauração do estado original da humanidade, ou, a possibilidade de uma cristificação acessível a todos os que reagirem positivamente.

T

Transmutação

As descrições do processo iniciático em sistemas como o da alquimia apontam para uma experiência de modificação essencial do praticante, no sentido gnóstico de um conhecimento essencial acompanhado de uma modificação na percepção individual. De acordo com A. Faivre, a palavra transformação não traduz fielmente esse acontecimento, dado que não significa a passagem de um plano para outro, nem a sua metamorfose profunda. Considera o termo “Transmutação” mais adequado à descrição dos processos descritos pelas correntes esotéricas do ocidente quando referem a gnose como um conhecimento iluminado que conduz a um “segundo nascimento”. Como diz o *Corpus Hermeticum XIII*, no seu *Diálogo Secreto de Hermes Trismegistos*, dedicado ao seu filho, Tat, sobre “nascer outra vez” e sobre a “promessa do silêncio:

(...) Father, i see the universe and i see myself in mind.

This, my child, is rebirth: no longer picturing things in three bodily dimensions .

Trigonum Igneum. Ou Triângulo de Fogo espiritual. É simbolicamente a força espiritual, ígnea e luminosa da trindade divina: espírito, alma e personalidade.

Representa também o caminho triplo rosacruz: “nascido de Deus; morto em Jesus; renascido pelo Espírito Santo”

Túmulo. Ou Tumba. De Cristão Rosacruz. A descoberta do “Túmulo” do Pai-irmão, C.R.C. é o ponto alto e eixo de sentido da narrativa presente na Fama. Descoberto pelo irmão arquiteto, do quarto círculo de descendentes da “Ordem”, que antes de partir de viagem, decide fazer obras de reforma no edifício da “Casa Santi Spiritus”. Ao partir o reboco de uma parede, faz surgir uma porta encimada por uma placa de latão que diz: dentro de 120 anos esta porta abrir-se-á. Após consultar a sua ‘*Rotae*’, os irmãos presentes decidem entrar. Descobrem então um prodigioso templo, no centro do qual estava o corpo intacto e incorruptível de C.R.C. segurando junto ao peito o livro T. e uma inscrição dizendo: “ainda em vida, fiz deste microcosmo, um túmulo para mim”. Descrito geometricamente nas suas medidas e proporções, o espaço é encimado por um brilhante sol central e rodeado de luzes eternas, livros, entre os quais, a obra de Paracelso. As implicações simbólicas e filosóficas deste quadro são interpretadas por Fernando Pessoa (1942: 251) do seguinte modo:

Quando, despertos deste sono, a vida,/ Soubermos o que somos, e o que foi/ Essa queda até corpo, essa descida/ Ate á noite que nos a Alma obstrui,/ Conhecemos pois toda a escondida/ Verdade do que é tudo que há ou flui?/ Não: nem na Alma livre é conhecida.../ Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui/ Deus é o Homem de outro Deus maior:/ Adam Supremo, também teve Queda;/ Também, como foi nosso Criador,/ Foi criado, e a Verdade lhe morreu.../ De Além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;/ Aquém não há no Mundo, Corpo Seu./

Mas antes era o Verbo, aqui perdido/ Quando a Infinita Luz, já apagada,/ Do Caos, chão do Ser, foi levantada/ Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido./ Mas se a Alma sente a sua forma errada,/ Em si que é Sombra, vê enfim luzido/ O Verbo deste Mundo, humano e ungido,/ Rosa Perfeita, em Deus crucificada./ Então, senhores do limiar dos Céus,/ Podemos ir buscar além de Deus/ O Segredo do Mestre e o Bem profundo;/ Não só de aqui, mas já de nós, despertos,/ No sangue atual de Cristo enfim libertos/ Do Deus que morre a geração do Mundo./

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,/ Dormimos o que somos, e a verdade,/ Inda que enfim em sonhos a vejamos,/ Vemo-la, porque em sonho, em falsidade./ Sombras buscando corpos, se os achamos/ Como sentir a sua realidade?/ Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?/ Nosso toque é ausência e vacuidade./ Quem desta Alma fechada nos liberta?/ Sem ver, ouvimos para além da sala/ De ser: mas como, aqui, a porta aberta?/

Calmo na falsa morte a nós exposto,/ O Livro ocluso contra o peito posto,/ Nosso Pai Rosaecruz conhece e cala.

Bibliografia:

A.A. V.V., [s. d.], «Traiano Boccalini», em *Encyclopaedia Britannica*, web, consultado a 25 de outubro de 2017,

<https://www.britannica.com/biography/Traiano-Boccalini>.

BAFFIONI, Carmela (2016), «Ikhwân al-Safâ'», em *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, web, consultado a 18 de setembro de 2018,

<https://plato.stanford.edu/archives/fall2016/entries/ikhwan-al-safa>.

BERGA, Eduard (2018), «Biografía: Jan Amos Comenius», em *Comenius y la Rosacruz*, web, consultado a 3 de maio de 2018,

<https://www.janamoscomenius.com/biografia-jan-amos-comenius/>.

BOCCALINI, Traiano [1617], *De' Ragguagli di Parnasso*, [2ª ed., Veneza, Giovanni Guerigli], web, consultado a 17 de novembro de 2017,

https://www.liberliber.it/mediateca/libri/b/boccalini/de_ragguagli_di_parnasso/pdf/boccalini_de_ragguagli_di_parnasso.pdf.

BROEK, R. van den, WOUTER J. Hanegraaff (1998), *Western Esoteric Traditions: Gnosis and Hermeticism from Antiquity to Modern Times*, Albany, State University of New York.

CENTENO, K. Yvette (1988), *Alquimia e Humanismo no Portugal Renascentista*, Lisboa, Academia das Ciências.

COPENHAVER, Brian P. (1992), *Hermetica: the Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction*, Cambridge, Cambridge University.

CORBIN, Henry (2008) *Creative imagination in the Sufism of ibn 'Arabi*, Princeton, Princeton University.

EL-BIZRI, Nader (2008), *Epistles of the Brethren of Purity. The Ikhwan al-Safa' and their Rasa'il. An Introduction*, Oxford, Oxford University.

FAGGIONATO, Raffaella (2006), *A Rosicrucian Utopia in Eighteenth-Century Russia: The Masonic Circle of N. I. Novikov*, Dordrecht, Springer Science & Business Media.

FAIVRE, Antoine (2000), *Theosophy, Imagination, Tradition: Studies in Western Esotericism*, Albany, New York Press.

____ (1994), *Access to Western Esotericism*, Albany, State University of New York Press.

FAIVRE, Antoine, HANEGRAFF, Wouter (1998), *Western Esotericism and the Science of Religion*, Leuven, Peeters.

FREITAS, Rui Lomelino (org.) (2012), *Sabedoria do Silêncio – Hermetismo e Rosacruz no Pensamento Humanista Ocidental*, Lisboa, Fundación Rosacruz.

____ (2010), «Hermetismo como fonte do Humanismo Português», em Miguel Sanches de Baena, Paulo Alexandre Loução, *Grandes Enigmas da História de Portugal*, Vol. I, Lisboa, Ésquilo.

GILLY, Carlos (1998), *Fama Fraternitatis – Mit einer Einführung über die Entstehung und Überlieferung der Manifeste der Rosenkreuzer*, Haarlem, Roze kruis Pers.

____ (1995), *Cimelia Rhodostaurotica*, Amsterdam, In de Pelikaan.

____ (1993), *Paracelsus in der Bibliotheca Philosophica Hermetica*, Amsterdam, In de Pelikaan.

GODWIN, Joscelyn (1979), *Robert Fludd, Hermetic Philosopher and Surveyor of Two Worlds*, London, Thames and Hudson.

GODWIN, Joscelyn, MCINTOSH Christopher, MCLINTOSH, Donat P. (2016), *Rosicrucian Trilogy*. Newbury Port, Weiser Books.

GOODRICK, Clarke Nicholas (2008), *The Western Esoteric Traditions: A Historical Introduction*, New York: Oxford University Press USA.

HANEGRAAF, Wouter J. (2006), *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*, Leiden, Brill.

____ (1999), *On the Construction of 'Esoteric Traditions, in Western Esotericism and the Science of Religion*, Leuven, Peeters.

____ (2017), *Reason, Faith, and Gnosis: Potentials and Problematics of a Typological Construct*, web consultada a 11 de dezembro de 2017:
https://www.academia.edu/1170598/Reason_Faith_and_Gnosis_Potential_and_Problematics_of_a_Typological_Construct_2008

HANEGRAAF, Wouter J., PIJNEGURG, Joyce (2009), *Hermes in the Academy: Ten Years' Study of Western Esotericism at the University of Amsterdam*, Amsterdam, University Press.

KRISTELLER, Paul Oskar (1964), *Eight Philosophers of the Italian Renaissance*, Stanford, Stanford University Press.

LINDEN, Stanton J. (2003), *The Alchemy Reader: From Hermes Trismegistus to Isaac Newton*, New York, Cambridge University Press.

MACEDO, António de (2011), *Cristianismo Iniciático*, Lisboa, Ésquilo.

____ [s. d.], «O que é Esoterismo?», em *Páginas esotéricas*, web, consultado em 11 de dezembro de 2017,

<http://paginasesotericas.tripod.com/esoterismo.htm>.

MAGRE, Maurice (1930), *Magiciens et Illuminés*, Paris, Bibliothèque-Charpentier Fasquelle Editeurs.

MARTINS, José V. (1964), «Pico della Mirandola e o Humanismo Italiano nas origens do Humanismo Português», *Estudos Italianos em Portugal*, nº 23, pp. 107-146.

MATEUS, Gabriel (2013), «A Construção do Lugar Académico dos Estudos sobre Esoterismo», *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano XII nº. 18/19, pp. 11-24.

MCINTOSH, Christopher (1997), *The Rosicrucians: The History, Mythology, and Rituals of an Esoteric Order*, Maine, Wiser Books.

MIRANDOLA, Giovanni Pico della (2012), *Oration on the Dignity of Man: A New Translation and Commentary*, New York, Cambridge University Press.

____ (2001), «*Conclusiones sive Theses DCCCC*», em *Twilit Grotto: Archives of Western Esoterica*, web, consultado a 23 de novembro de 2017,

<http://www.esotericarchives.com/pico/conclus.html>.

NICHOLAS, Goodrick Clarke (1999), *Paracelsus: Essential Readings*, Berkeley, North Atlantic Books.

PARACELSO, *Volumen Medicinae Paramirum*, tr. Kurt F. Leidecker, Baltimore, The Johns Hopkins Press.

PESSOA, Fernando (1934), *Mensagem*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira

PESSOA, Fernando (1942), *Mensagem*, Lisboa, Ática.

PLOTINUS [Plotino], [250 ACE] «*The Six Enneads*», tr. Stephen Mackenna, B. S. Page, em *The Internet Classics Archive*, web, consultado a 23 de fevereiro de 2014,

<http://classics.mit.edu/Plotinus/enneads.2.second.html>.

REEVES, Marjorie (1976), *Joachim of Fiore and The Prophetic Future*, London, SPCK.

RIJCKENBORGH, Jan van (2017), *Confessio*, São Paulo, Pentagrama.

____ (1996), *As Núpcias Alquímicas de Cristão Rosacruz*, São Paulo, Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum.

____ (1993), *La Llamada de la Fraternidad de la Rosacruz*, Saragoça, Fundación Rosacruz.

SALAMAN, Clement, HERMES (2004), *The Way of Hermes: New Translations of The Corpus Hermeticum and the Definitions of Hermes Trismegistus to Asclepius*, Rochester, Inner Traditions, 2004.

[SAMÓSATA, Luciano de], *The Works of Lucian of Samosata* (2014), tr. H. W. Fowler and F. G. Fowler, Adelaide South Australia, The University of Adelaide Library.

SILVA, Ricardo Oliveira (2015), «História das ideias: abordagens sobre um domínio historiográfico», *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, pp. 6-26,

<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/300/221>.

SLAVENBURG, Jacob (2012), *A Herança Perdida de Jesus*, Lisboa, Marcador.

SMIT, Frans (2001), *La LLamada de la Rosacruz – Cuatro Siglos de Tradición Viva*, Saragoça, Fundación Rosacruz.

STUCKRAD, Kocku von (2005), *Western Esoterism: A Brief History of Secret Knowledge*, London-Oakville, Equinox Publishing

VAUGAN, Thomas [sob pseudónimo Eugenius Philalethes] (1652), *The Fame and Confession of the Fraternity of R: C:*, [tradução da *Fama Fraternitatis*], *Fraternitatis*, Londres, Giles Calvert.

VERSLUIS, Arthur (2007), *Magic and Mysticism: An Introduction to Western Esotericism*, Maryland, Rowman and Littlefield Publishers.

____ (2002), «What is Esoteric? Methods in the Study of Western Esotericism», em *Esoterica*, web, consultado a 11 de dezembro de 2017, <http://www.esoteric.msu.edu/VolumeIV/Methods.htm>.

VOSS, Karen-Claire, «Spiritual alchemy interpreting representative texts and images» (1997), em Roelof Van der Broek, Wouter J. Hanegraaff (eds.), *Gnosis and Hermeticism from Antiquity to Modern Times*, New York, State University of Press, pp. 147-181.

YATES, Frances A. (1972), *The Rosicrucian Enlightenment*, Londres, Routledge & Kegan Paul.

____ (1964), *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, Chicago, Univ. of Chicago Press.

Anexo

Cronologia Rosacruziana

1604 Pode ser considerado um primeiro marco no nascimento da fraternidade da Rosacruz no séc. XVII, ou, mais concretamente, da *Societas* dos amigos, em Tübingen. É o ano do surgimento de uma Supernova entre as constelações de Cisne e Serpentário. Um evento profundamente significativo para Tobias Hess, por ser lido como um ‘sinal’ cósmico de que a nova era se aproximava.

1605 Tobias Hess publica a sua Nova Opinião de um ‘*Tertio Seculo*’ em Tübingen, Alemanha, onde se defende a ideia de um terceiro período da humanidade, regido pelo Espírito.

1607 Johann Valentin Andreae escreve em Lauingen *As Bodas Alquímicas* e cria o nome Cristão Rosacruz. Estabelecimento da *Societas*, o círculo de amigos, de Tobias Hess em Tübingen. Primeiros membros: Johann Vischer e Abraham Holzl.

1608 Johann Valentin Andreae é acolhido no círculo de amigos de Tobias Hess.

1608-1609 A *Fama* e a *Confessio Fraternitatis R.C.* são escritas por Johann Valentin Andreae.

1609-1610 Acolhimento de novos membros do grupo de Tobias Hess: Johann Ludwig Andreae, Anton Frey, Johannes Stoffel, Christoff Welling, Samuel Hafenreffer, Wilhelm Bidenbach, Thomas Lansius, Christoph Besold.

1610 Adam Haslmayr obtém uma cópia da *Fama Fraternitatis* no Tirol.

1611 Benedictus Figulus difunde cópias da *Fama* em Augsburgo, Estrasburgo e Cassel.

1612 Publicação da *Antwort auf...* – Resposta à elogiável Fraternidade dos Teósofos da Rosacruz, por Adam Haslmayr, que é condenado às galés. O príncipe August von Anhalt e Carl Widemann pedem informação a Tobias Hess em Tübingen acerca de como obter um exemplar da *Confessio Fraternitatis*.

1613 Johann Combach em Marburgo e três amigos de Praga publicam *Begrüssungen...* – Saudações à Fraternidade da Ordem da Rosacruz.

1614 Primeira edição da *Fama Fraternitatis* por Wilhelm Wessel em Cassel no início de Março de 1614, sem consentimento ou conhecimento do(s) autor(es). A edição contém a *Allgemeine und.. - Reforma Universal e Geral do Mundo Inteiro* – assim como a *Antwort*, de Haslmair.

1615 Primeira edição da *Confessio Fraternitatis*, por Wessel, em Cassel, como apêndice da *Secretioris Philosophiae Consideratio*, de um suposto Phillippus Agabella (Johannes Rhenanus ?, Raphael Eglin ?). No mesmo mês (Março) surge outra edição, igualmente de Wessel, da *Fama* e da *Confessio*, em latim e em alemão.

1616 As Bodas Alquímicas são editadas em Estrasburgo por Johann Friedrich Jung. Eco positivo dos manifestos dos Rosacruz: entre 1614 e 1625 surgiram mais de 150 reacções positivas da *Fama* e da *Confessio*.

1617–1618 Escritos de hermetistas sobre rosacruz: M. Maier, R.Fludd, D. Mogling, H. Nollius.

1617–1618 Hermes e Moisés são considerados contemporâneos: Histórias Paralelas do Mundo, de R. Fludd (*Utriusque Cosme Historia*).

1618 O *Calendarium Naturale Magicum Perpetuum* é impresso sem o consentimento do seu autor, Johann Baptista Groschedel.

1618–1624 Jacob Bohme escreve a maioria dos seus trabalhos.

1625 Primeira edição de *Musaeum Hermeticum*.

1635–1652 Abraham von Franckenberg e a redescoberta de Giordano Bruno.

1636–1680 O Jesuíta Athanasius Kircher desqualifica o hermetismo designando-o como “atração turística”.

1643 Abraham van Beyerland traduz o *Corpus Hermeticum* para holandês.

1649 Hermann Conring ataca o hermetismo para refutar Paracelso.

1657 W. Ch. Kriegsmann converte Hermes num sábio bíblico e os alemães em seus descendentes (Taut=Teutsch). Também reconstrói uma Tábua Esmeralda hebraica.

1660 – 1670 Alquimia e hermetismo no círculo da Rainha Cristina da Suécia: F.M. Santinelli, F. Gualdi.

1667 – 1674 Olaus Borrichius escreve magníficas apologias sobre o hermetismo e a alquimia.

1676 Celebra-se em Veneza o veredicto da Inquisição contra Federico Gualdi.

1678 Nascimento em Itália do Capítulo dos Irmãos da Áurea Cruz e da Áurea Rosa: *Capitoli dei Fratelli dell'Aurea e Croce e dell'Aurea Rosa*.

1678 Ralph Cudworth reivindica Hermes como sábio egípcio, em oposição a Casaubon e a outros críticos.

1690 E.D. Colberg arremete contra paracelsianos, teósofos e rosacruztes na sua obra *Das Platonisch-Hermetisches Christenthum*.

1700 – 1720 A lenda de Federico Gualdi, desde adepto de 400 anos até “Imperator” dos Rosacruztes.

1710 *Bruderschaft aus dem Orden des Gulden-und Rosen-Creutzes*, ou Rosacruz de Ouro: SincerusRenatus [= Samuel Richter]. Estatutos da Fraternidade (traduzidos do italiano). Presumíveis casas da Fraternidade em Nuremberga, Ancora, Amsterdão.

1710 – 1714 *Do Capitólio italiano ao “Precepta et Regulun der Fraternitat”*, por Sincerus Renatus (Samuel Richter): A Rosacruz de Ouro torna-se luterana e alemã.

1720 – 1745 Último esboço dos estatutos dos “Rosacruz de Ouro”, Primeira divulgação das *Geheime Figuren der Rosenkreuzer*, *Figuras Secretas dos Rosacruz*.

1722-1770 “Imperator Fraternitatis Roseae Crucis”, Friedrich Stein em Utrecht, Johann Carl von Fridau e Abraham von Brun em Hamburgo. Tobias Schulze em Amsterdão.

1737 L.C. Orvius informa sobre uma sociedade de Rosacruz que se tinha estabelecido em 1622 em Amsterdão. Os seus estatutos coincidem com os de Sicerus Renatus.

1738 Revisão dos estatutos da Ordem de Gulden und Rosen-Creutzes. I.W.R. : Testamento da Frates Aureae vel Rosae do ano “1580”.

1747 Sociedade da Cruz de Ouro e Rosas e herdeiros do Cavaleiro do Tosão de Ouro, Hermamm Fictuld.

1757 É refundada a Ordem da Cruz de Ouro e Rosas, com Hermann de Fictuld, em Praga, Ratisbona, Frankfurt.

1760 – 1788 A tomada da Franco-maçonaria pela Rosacruz de Ouro: Alemanha, Suécia, Rússia, Itália.

1763 Tabela *pro concordia Fratrum Roseae et Aureae Crucis*. Supressão e proibição do movimento dos Rosacruz em Praga. Johann Lorenz Natter (Dresde, Florência, Londres, Copenhaga, Estocolmo) morre em S. Petersburgo.

1766 Ordem De Chevaliers Elus Coen, chamado “Reau Croix”: Martines de Pasqually, Louis-Claude de St. Martin, Jean Baptiste Willermoz, Baron de Tschoudy.

1767 Reforma da Ordem. Sistema de Nove Graus. Bernhard J. Schleiss v. Lowenfeld, Karl R.I. v. Keller, Franz X. v. Jagern. Sistema Clerical da Ordem do Templo: Joh. August Starck.

1777 Nova revisão na Ordem dos Irmãos da Rosacruz de Ouro. Capítulos provinciais da “Estrita Observancia”. Programa: Redação das Diretrizes para a presente década. A. D. 1777 : W.J.F. Schroeder. Frh. Von Proek, J.R. Bisschoffwerder, J. Chr. Von Wollner. O Sistema Sueco-: Karl Friedrich Eckleff, Carl von Sodermanland. Rosacruz da Cruz de Ouro e Rosas na Polónia: L. De Toux de Salverte, August Moszynski, System Bom Pasteur.

1778 Rosacruz na Rússia: Nicolaj Novikov, A. M, Zutuzov, I.V. Lopuchin, S.L. Gamaleya, I. Turgenyef, J.G. Schwarz. Martinistas Russos.

1782 Illuminaten: Adam Weishaupt, AdolphF. Von Knigge, (nos seus estatutos, ‘O Iluminador Knigge’ retoma a *Fama* e a *Confessio* e rejeita os ‘Rosacruz modernos’).

1783 Missiva à muito iluminada Fraternidade da Ordem da Cruz de Ouro e Rosas. *Lux in Cruce*: primeira bibliografia extensa dos Rosacruz.

1783 Primeira Edição das Figuras Secretas dos Rosacruz

1785 – 1787 Repressão anti-maçónica em Veneza: confisco dos bens da *Logia dei librerii muratori* e respectivo auto-de-fé, por ordem do Inquisidor do Estado. Refutação oficial da maçonaria pelo beneditino G.M. Pujati, Venécia, S. Occhi, 1787.

1785 – 1788 O manifesto hermético final do Renascimento: são impressas as *Geheime Figuren der Rosenkreuzer*, em Altona, em 1785-1788.

1788-1803 Karl von Eckartshausen e o seu círculo.

1794 *Societas Rosae Crucis* na ilha Maurícia. Dr. Sigismund Bacstrom é admitido na Ordem pelo conde de Chazal.

1800 *Societas Rosicruciana in Escócia*.

1860-1865 *Societas Rosicruciana in Anglia* (SRIA). Fundador: Robert Wentworth Little, membros: Kenneth Mckenzie, John Yarker, P.B. Randolph, A.E. Waite, E. Bulver- Lytton, W.W. Wescott, Eliphas Levi, Theodor Reuss, Frederick Hockley, William Carpenter e muitos outros.

1875 Criação da Sociedade Teosófica por H.P. Blavatsky.

1878 *Societas Rosicruciana in America* (SRIA), a partir de 1889 *Societas Rosicruciana in the United States* (SRIUS): S.C. Gould, G.W. Plummer, ‘Mãe Serena’, ‘Irmã Lúcia’.

1879 *Societas Rosicruciana in Cavitatibus Foederatis* (SRICF), Pensylvania, EUA.

1880 *Societas Rosicruciana in Canadiensis* e *Societas Rosicruciana in Republicae Americae*.

1888 The Hermetic Order of the Golden Dawn (HOGD): Samuel Liddel, MacGregor Mathers, William Robert Wodman & W.W. Westcott, A.E. Waite, Mina Bergson (irma de Henri), Edward Munch, August Strindberg, Rider Haggard, R.F. Felkin, “Aleister” Alexander Edward Crowley, William Butler Yeats, Allan Bennett, Bram Stoker, William Alexander Ayton, Frederick Leigh Gardner, Florence Farr.

1888 – 1889 Rosae Rubea & Aurea Crucis (RRAC) Fellowship of the Rosy Cross (Fraternidade da Rosacruz): A.E. Waite *Ordo Sanctissimus Rosae et Aurea Crucis*: A.E. Waite.

1888 (aprox.) Ordre Kabbalistique de la Rose Croix (OKRC) fundada em Paris tendo o marquês Stanislas de Guaita como primeiro Grão-Mestre.

1890 Ordre de la Rose Croix Catholique et Esthetique, du Temple et du Graal: Josephin Peladan. Membros: Gustav Moreau, Igor Stravinsky, Claude Debussy, Felician Rops, Georges Rouault, Erik Satie.

Temple of the Rosy Cross, sob a direção do Dr. Edward Brown de Boston.

1895 Ordo Templi Orientis (OTO): Carl Kellner, Heinrich Klein & Frantz Hartmann. Ordo Rose-Croix Esoterique.

1896 Alchemical Rose-Croix Society (Association Alchimique de France): Conde Francois Jollivet-Castelot. A Associação parece ter sido reconhecida em 1896. Entre os membros, algumas personalidades conhecidas: Gerard e Philippe Encausse, H.E. Lalande, Charles Barlet, Paul Sedir, Stanislas de Guaita, Tabris. Brotherwodd of the Illuminated Brethern of the Rose-Croix (Fraternidade dos irmãos Iluminados da Rosa-Cruz): August Reichel.

1898 Rose Croix de l'Orient (Rose-Croix of the East) (RCO): Dr. E. Bertholet.

Sociedades Rosacruz no Século XX

1909 Rosicrucian Fellowship (Association of Cristian Mystics – RF), Carl Louis von Grasshof (Max Heindel).

1912 Order of the Temple of the Rosy Cross (OTCR): Fundada em Londres em 1912 por Annie Besant, Marie Russak (Hotchener) e H. Wedgwood.

Corona Fellowship of Rosicrucians (CFR): “Frater Aurelius”, Mabel Collins e Annie Besant.

1913 Sociedade Antroposofica: Rudolf Steiner.

1912/1915 *Antiquus Arcanae Ordinis Rosae Rubae Aureae Crucis (Antiquus Mysticusque Ordo Rosa Crucis)* (AMORC); originalmente foi fundada como ramo americano da AMORC europeia entre 1912-1915, tendo Harvey Spencer Lewis como Imperator.

A Ancient Rosae Crucis ((ARC) foi fundada por ex-membros da AMORC.

Fundação da *Ordo Militia Crucifera Evangelica* (OMCE).

1920-1930 Fundação da Fraternidade *Rosae Crucis* (FRC) por Reuben Swinburne Clymer.

Fundação da *Antiquus Arcanus Ordinis Rosae Rubae et Aureae Crucis* (AAORRAC), por Eduard Munninger em “Castle Kraempelstein”.

Collegium Pansophicum (CP) fundado em 1921 por Heinrich Tranker, anteriormente a presidir o ramo alemão da OTO.

A *Fraternitas Rosicruciana Antiqua* (FRA) fundada por volta de 1927 pelo o esoterista alemão Arnold Krumm-Heller na America do Sul.

Les Freres Aines de la Rose-Croix (os Antigos Irmaos da Rosacruz) (FARC), Roger Caro.

1935 Jan Leene (Jan van Rijkenborgh), Z.W. Leene e Hennie Stok-Huizer (Catharose de Petri) fundam a Sociedade Rosacruz, na Holanda, cujo desenvolvimento dará origem a Escola Internacional da Rosacruz Áurea.

1945 Nome definitivo da Rosacruz Áurea: *Lectorium Rosicrucianum*-Escola Internacional da Rosacruz Áurea.

1957 Joost R. Ritman funda em Amsterdão a *Biblioteca Philosophica Hermetica*.

Carlos Gilly, investigador e antigo Professor da Universidade da Basileia, aceita dirigir o trabalho de investigação, classificação e catalogação desta biblioteca, assumindo um trabalho de divulgação da História do pensamento hermético e rosacruz.